

PROCESSO FORMATIVO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

narrativas autobiográficas



Organizadores

José Cavalcante Lacerda Junior

Deuzilene Marques Salazar



Editora Poisson



José Cavalcante Lacerda Junior
Deuzilene Marques Salazar
(Organizadores)

Processo formativo em educação profissional e tecnológica

Narrativas autobiográficas

1ª Edição

Belo Horizonte
Editora Poisson

2025

Editor Chefe: Dr. Darly Fernando Andrade

Conselho Editorial

Dr. Antônio Artur de Souza – Universidade Federal de Minas Gerais

Ms. Davilson Eduardo Andrade

Dra. Elizângela de Jesus Oliveira – Universidade Federal do Amazonas

MSc. Fabiane dos Santos

Dr. José Eduardo Ferreira Lopes – Universidade Federal de Uberlândia

Dr. Otaviano Francisco Neves – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Dr. Luiz Cláudio de Lima – Universidade FUMEC

Dr. Nelson Ferreira Filho – Faculdades Kennedy

Ms. Valdiney Alves de Oliveira – Universidade Federal de Uberlândia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P963

Processo formativo em educação profissional e
tecnológica: narrativas autobiográficas/
Organização: José Cavalcante Lacerda Junior
Deuzilene Marques Salazar – Editora Poisson –
Belo Horizonte – MG: Poisson, 2025

Formato: PDF

ISBN: 978-65-5866-512-0

DOI: 10.36229/978-65-5866-512-0

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

1.Literatura 2. Ensino I.LACERDA JUNIOR, José
Cavalcante II. SALAZAR, Deuzilene Marques IV. Título

CDD-370

Sônia Márcia Soares de Moura – CRB 6/1896



O conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença de Atribuição Creative Commons 4.0.

Com ela é permitido compartilhar o livro, devendo ser dado o devido crédito, não podendo ser utilizado para fins comerciais e nem ser alterada.

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

Esse e outros títulos podem ser baixados gratuitamente em www.poisson.com.br

Entre em contato pelo contato@poisson.com.br

Organizadores

José Cavalcante Lacerda Junior



Amazonas e coordenador do
Tecnológico - ProfEPT.

Graduado em Filosofia, Psicologia e Pedagogia. Especialista em Psicologia Jurídica, Saúde Mental e Metodologias Ativas de Aprendizagem para Ensino Vocacional e Tecnológico. Mestre em Educação em Ciências na Amazônia. Doutor em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Pesquisador e Líder do Grupo de Pesquisa Tecnologia, Educação e Meio Ambiente - TEMA. Possui interesse em assuntos relacionados a infância e adolescência, educação ambiental na cidade, divulgação científica, filosofia no contexto amazônico e educação profissional e tecnológica. Atualmente é professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia no Mestrado Profissional em Educação Profissional e

Deuzilene Marques Salazar



Educação Profissional e Tecnológica. Coordenadora do Observatório Juventude e Educação Profissional e Tecnológica no contexto amazônico. Atualmente desenvolve estudos e pesquisas sobre juventudes, currículo integrado e Educação Profissional e Tecnológica.

Doutora em Educação pelo PPGE/UFAM (2017). Licenciada em Pedagogia - Orientação e Supervisão Educacional (1998) e especialização em Supervisão Educacional pela Universidade Federal do Amazonas (1999). Mestre em Educação na linha de pesquisa História da Educação, Processos de Trabalho e Novas Tecnologias pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAM (2007). Atua desde 2010 como professora do ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM e, desde agosto/2017, como professora permanente do Mestrado Profissional em

Prefácio

A vida é feita de história, e as histórias estão por todas as partes e não somente nas placas em instituições públicas e privadas, indicando nomes e ocupações políticas. Entretanto, para um prédio em algum lugar do Brasil, por exemplo, em Manaus/AM, chegar a ter uma placa de inauguração, nós temos a ação de mulheres e homens que lutam para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Podemos afirmar que os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) são fruto das lutas da classe trabalhadora brasileira, iniciadas pelos idos de 1970. A placa de inauguração de um prédio num campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, mesmo que não pareça, traz em si um mergulho na história das políticas públicas da Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

No reverso do bordado dos nomes que não estão nas placas de inauguração dos prédios, o presente e-book, *Processo Formativo em Educação Profissional e Tecnológica: narrativas autobiográficas*, nos oportuniza a leitura da trajetória de 11 narrativas autobiográficas. Nelas temos a reinterpretação das memórias para a criação de novas histórias, que entrelaçam a EPT com os rios da Amazônia, com a trajetória de uma professora negra, sempre cultivando bits e sonhos nas vivências de discentes da turma do ano de 2024, do Mestrado Profissional em Rede Nacional, em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), na Instituição Associada do Instituto Federal do Amazonas. Memórias entrelaçadas com as pautas das políticas públicas do Governo Federal para a oferta de cursos médio integrado, graduação e pós-graduação com foco no mundo do trabalho. Memórias de uma qualificação profissional perpassada por seus sujeitos discentes, docentes e administrativos que em suas raízes remetem a toda a sociedade brasileira.

As pesquisas autobiográficas são uma de conhecimento já estabelecido nas Ciências Humanas que focam como forma de pesquisa no sujeito, no caso deste e-book, os autores de seus 11 capítulos. Nestes estudos o sujeito se revela/desvela, inicialmente para si, e posteriormente para os outros, nós seus leitores, suas histórias autor referenciadas, e imbuídas de extenso significado. Uma narrativa autobiográfica abrange a ação de escrever a narrativa de sua própria história de vida, com o objetivo de compartilhar as experiências, vivências e ações de própria vida dos autores, em um específico contexto de tempo e espaço histórico, no caso, com percepções sobre a Educação Profissional Tecnológica.

O ProfEPT, com Instituições Associadas nos 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais e no Colégio Pedro II (CPII), caminha para uma década de existência, fazendo parte de uma história já centenária iniciada em 1909, pelo Decreto Lei Nº 7.566, que passando por reorganizações institucionais culminaram em 2008, com a institucionalização da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica pela Lei nº 11.892. Desbravando novos horizontes através da formação de mestres comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e igualitárias, o ProfEPT proporciona pesquisa nas áreas da prática educativa em EPT, bem como na organização e memórias de espaços pedagógicos em EPT.

De leitura agradável e versátil, em todos os 11 capítulos há o fio condutor da formação humana integral, conceito caro ao ProfEPT que entende o indivíduo como um conjunto de várias dimensões, e todas estas necessitam e merecem atenção no processo formativo pessoal e profissional, como descrito pelos diversos autores. É na formação integrada que se fundamenta a atual proposta dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, afirmando que não existe divisão entre a ação do técnico em mecatrônica e a ação do pensar e teorizar sobre a inteligência artificial. O que a EPT dos IFs almeja nos dias atuais é integrar a formação técnica com a emancipação social.



As narrativas autobiográficas dos autores nos conduzem pela história da EPT que é marcada por tensões históricas e políticas, como assim é marcada a história de cada sujeito social. Buscando por essas memórias o desvelar dos desafios de promover uma educação profissional que supere a dicotomia entre formação técnica e formação integral, abordando as questões de interdependência nas relações econômicas, sociais e educacionais ao longo no decorrer da história.

No Brasil temos desde 2008, sim como veremos posteriormente, no mesmo ano da criação dos Institutos Federais, a BIOgraph, que é uma Associação Científica sem fins econômicos que por seu estatuto objetiva reunir os profissionais brasileiros que pesquisam (auto)biografias, memória, histórias de vida e práticas de formação. A metodologia de narrativas possui suas especificidades e trata somente das trajetórias de vida pessoais/profissionais dos sujeitos que se dedicam, como os autores deste e-book.

A estrutura básica da educação no Brasil tem como pilar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394/96, prestes a completar 30 anos. Ela expressa a regulamentação formal da educação básica e da educação superior e nas memórias autobiográfica dos mestrandos percorremos seus caminhos nesta educação formal. Mas concomitante com esta caminhada os autores nos apresentam seus processos formativos em espaços não formais, tão importantes para alguns chegares a EPT. As narrativas autobiográficas nos mostram um percurso concomitante, subsequente e paralelo ao processo formativo estruturado pelo Estado, ele é realizado no contexto histórico-social no qual cada autor está inserido. Do contexto familiar ao contexto paroquial-religioso, do contexto social ao contexto dos caminhos políticos o autor/cidadão vai formando o seu senso crítico pois refletir criticamente sobre as questões sociopolíticas do nosso entorno é o verdadeiro significado da formação humana integral.

Nosso processo formativo não é pautado apenas pelo aprendizado burocrático, como sempre nos lembra Paulo Freire, ao desconstruir a educação bancária em prol de uma educação reflexiva e é por estes caminhos que a leitura deste e-book nos conduz, a formação dos cidadãos críticos, num processo formativo contínuo que chegou ao ProfEPT, e nele serão formados novas memórias na construção e realização de outros sonhos na EPT, e que mesmo não tendo seu nome gravado numa placa, deixará sua marca no processo educacional vivenciado.

Tantas histórias demonstram como a construção pessoal e a atuação no pensar a EPT necessitam na educação de fundamentação nas politecnia e nas dimensões humanas atentas aos contextos sociais, culturais e econômicos, então omnilaterais e só se sustenta com metodologias ativas de ensino, que se constituem como possibilidades passíveis de adaptações e problematização no contexto tecnológico em que vivemos.

A cada leitor, este e-book é um convite a investigar a desenvolver a narrativa autobiográfica do seu processo formativo, encontrando os elementos para a construção de sua identidade quer na educação, na EPT e na vida integralmente.

Manaus, 10 de março de 2025.

Doutora Ana Claudia Ribeiro de Sousa

Professora do Instituto Federal do Amazonas

SUMÁRIO

Capítulo 1: Elementos para construção de uma identidade como professora da EPT	09
---	----

Alessandra Santos da Silva, Vitor Bremgartner da Frota

DOI: 10.36229/978-65-5866-512-0.CAP.01

Capítulo 2: A reinterpretação das memórias na criação de novas histórias na EPT ..	17
---	----

Ana Oliveira de Araújo, Cirlande Cabral Silva

DOI: 10.36229/978-65-5866-512-0.CAP.02

Capítulo 3: Mergulho nas memórias: percepções sobre a educação profissional e tecnológica	29
--	----

Beatriz Maciel de Oliveira, Deuzilene Marques Salazar

DOI: 10.36229/978-65-5866-512-0.CAP.03

Capítulo 4: Flâneuse: trajetória de uma professora negra na educação profissional e tecnológica	43
--	----

Danielly Santos Minhos, Maria Francisca Moraes de Lima

DOI: 10.36229/978-65-5866-512-0.CAP.04

Capítulo 5: Desbravando novos horizontes através das minhas descobertas como educadora na EPT.....	53
---	----

Franci Moraes de Oliveira, José Cavalcante Lacerda Junior

DOI: 10.36229/978-65-5866-512-0.CAP.05

Capítulo 6: A EPT como inspiração em uma jornada pelos rios da amazônia	66
--	----

Graça Dibbiê Barbosa Albuquerque de Moraes, Deilson do Carmo Trindade

DOI: 10.36229/978-65-5866-512-0.CAP.06

Capítulo 7: Vivências trazidas como contribuições para a educação profissional tecnológica	75
---	----

Jean Negreiros Ferreira, Deilson do Carmo Trindade

DOI: 10.36229/978-65-5866-512-0.CAP.07

SUMÁRIO

Capítulo 8: Projeto de vida e EPT: entrelaçamentos entre a construção pessoal e a atuação profissional no ensino médio..... 87

Márcia Cristina Ramos de Oliveira, Deuzilene Marques Salazar

DOI: 10.36229/978-65-5866-512-0.CAP.08

Capítulo 9: Reverso do bordado: minha vida entrelaçada a EPT 97

Rafaela Dourado Alves da Silva, Ana Cláudia Ribeiro de Souza

DOI: 10.36229/978-65-5866-512-0.CAP.09

Capítulo 10: Cultivando *bits* e sonhos: uma jornada transformadora na educação profissional e tecnológica..... 107

Rebeca Carvalho Fernandes, José Cavalcante Lacerda Junior

DOI: 10.36229/978-65-5866-512-0.CAP.10

Capítulo 11: Construindo memórias e realizando sonhos na educação profissional e tecnológica - EPT 122

Maria Rogéria da Silva Mesquita, José Cavalcante Lacerda Junior

DOI: 10.36229/978-65-5866-512-0.CAP.11

Elementos para construção de uma identidade como professora da EPT

Alessandra Santos da Silva¹, Vitor Bremgartner da Frota²

1. INTRODUÇÃO

Meu caminho profissional na educação começou de forma despretensiosa, mas cheia de paixão e curiosidade. Desde o ensino básico, no período de provas quando me reunia com colegas de sala para estudar, a vocação pela docência começava a despertar em mim. Em 2006, iniciei minha graduação em Letras Língua e Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Durante esses anos, vivi experiências enriquecedoras, tanto dentro quanto fora da sala de aula. Em 2009, tive a oportunidade de ser aluna especial no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) na Unicamp, um semestre que ampliou meus horizontes e deixou memórias marcantes. Concluir a graduação em 2010.

Entre 2010 e 2012, dediquei-me aos estudos da graduação em Bacharelado em Química na UFAM, curso que, por um período, conciliei com a Licenciatura em Letras. Nessa época, o bacharelado me proporcionou o privilégio de participar do projeto de pesquisa "Plantas úteis amazônicas: caracterização química e atividade biológica" no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Na UFAM, também vivenciei projetos de extensão como "Química na Praça" e "Reciclagem de papel: uma proposta inteligente", que me permitiram levar o conhecimento científico para além dos muros da universidade. Além disso, tive a honra de ser presidente do Centro Acadêmico de Química (CAQUI), experiência que me ensinou muito sobre liderança e trabalho em equipe.

Minha carreira no magistério iniciou em 2012 ao ingressar na Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino do Amazonas (SEDUC). Durante quase uma década (2012-2021), dediquei-me a ensinar e aprender com meus alunos, enfrentando os desafios e celebrando as conquistas do cotidiano escolar. Paralelamente, entre 2013 e 2014, também atuei na Secretaria Municipal de Educação (SEMED), onde pude vivenciar diferentes realidades educacionais e aprimorar minhas práticas pedagógicas.

Entre 2014 e 2015, durante as sessões de hemodiálise da minha mãe, consegui fazer uma pós-graduação *Lato Sensu* na modalidade a distância em Metodologia do Ensino de Língua e Literatura Portuguesa, primeira vez que tive contato e desafio de criar rotina e autonomia como estudante, experiência que mostrou a possibilidade de trabalho e estudo em tutora de ensino a distância (EaD).

Em junho de 2016, embarquei em uma nova aventura ao ingressar na Marinha do Brasil como Guarda-Marinha e atuar no cargo de tutora de ensino a distância (EaD) para o ensino básico no Colégio Militar de Manaus. Essa experiência ampliou minha compreensão sobre as possibilidades do ensino digital e a importância da adaptação

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal do Amazonas.

² Doutor em Informática. Instituto Federal do Amazonas. Manaus- Amazonas, Brasil.

pedagógica às novas tecnologias. A adoção de plataformas digitais no ensino básico, como observado na minha experiência, corroborou a ideia de que a flexibilidade e acessibilidade do EaD podem atender às necessidades diversificadas dos estudantes.

Em novembro de 2021 marcou uma nova fase em minha carreira, quando ingressei na Força Aérea Brasileira (FAB), assumindo a posição de professora no Colégio Militar de Manaus. Dentro das diretrizes do chamado novo ensino médio, em que a disciplina de Língua Portuguesa tem Formação Geral Básica (FGB) e Itinerários Formativos Carreiras Militares (CAMIL) e Carreiras Universitárias (CAUNI), tem sido uma experiência gratificante e desafiadora, onde cada dia traz novas oportunidades de aprendizado e crescimento.

Começar o mestrado no ProfEPT (Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica) no Instituto Federal do Amazonas (IFAM) foi uma jornada marcada por persistência e determinação. Foram cinco tentativas no Exame Nacional de Acesso (ENA) até que, em 2024, finalmente obtive êxito. A sensação de realização ao ver meu nome na lista de aprovados foi indescritível, mas foi no momento da matrícula que uma nova percepção começou a se formar em minha mente. Pois, nesse ano para aprovação da matrícula foi necessária a comprovação de experiência em Educação Profissional e Tecnológica (EPT), ao reunir os documentos de matrícula, percebi que aquele era o início de algo maior. Era o primeiro momento de refletir sobre minha trajetória e compreender minha identidade como professora de EPT.

Antes pressupunha que somente professores de disciplinas técnicas eram profissionais de educação EPT, uma vez que, conforme descrito na Base Curricular Comum (BNCC), a expressão no Brasil “itinerário formativo” tem sido tradicionalmente utilizada no âmbito da educação profissional, em referência à maneira como se organizam os sistemas de formação profissional ou, ainda, às formas de acesso às profissões. No entanto, na Lei nº 13.415/17, a expressão foi utilizada em referência a itinerários formativos acadêmicos, o que supõe o aprofundamento em uma ou mais áreas curriculares, e, a itinerários da formação técnica profissional (Brasil, 2018).

Desde o início do primeiro semestre no ProfEPT, tenho me aprofundado em questões fundamentais que moldam minha prática e identidade como educadora. Cada dia traz novos desafios e aprendizados, reafirmando que a jornada na EPT é dinâmica e repleta de oportunidades para crescimento pessoal e profissional. Que emergem muitos questionamentos e inquietudes na minha atuação no magistério. O desafio da escrita de si nessa narrativa autobiográfica tem se revelado uma ferramenta nessa construção identitária.

O objetivo desse artigo ao refletir sobre minha própria trajetória de vida e formação é estabelecer conexões entre minhas experiências pessoais e os desafios enfrentados no caminho da EPT. Reflexões que partem das vivências acadêmicas e profissionais, e que se aprofundam na busca de uma identidade como educadora no contexto da EPT, destacando os aprendizados, as inquietações e as transformações que ocorreram ao longo desse percurso. A presença do meu orientador prof. Dr. Vitor Bremgartner é fundamental nesse processo, pois ele traz um olhar crítico e especializado que contribui para a organização das ideias, o direcionamento teórico-metodológico e a ampliação do diálogo entre a minha trajetória individual e os conceitos acadêmicos que embasam este estudo que utiliza como método a narrativa autobiográfica.

2. MÉTODO E TÉCNICAS

O uso da narrativa autobiográfica baseia-se na ideia de que, ao narrarmos episódios significativos de nossas vidas, conseguimos analisá-los de forma contextualizada, buscando trazer à tona emoções, experiências e pequenos eventos marcantes que, muitas vezes, não havíamos percebido antes (Freitas e Galvão, 2007). Pois, como afirma Bosi (1994, p. 55), “na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens, ideias de hoje, as experiências do passado”.

Em Santos e Garms (2014), as narrativas autobiográficas são valiosas ferramentas de investigação sobre a formação de professores, pois destacam a subjetividade dos sujeitos, suas trajetórias de formação e suas experiências de vida, fatores que têm atraído um número crescente de pesquisadores, que buscam e aderem a esses métodos, especialmente no campo das ciências sociais. A autobiografia vai além de uma simples narração de eventos, tornando-se um meio de reconstruir e reinterpretar experiências, permitindo ao pesquisador um olhar mais amplo sobre sua própria formação e atuação.

Passeggi, Souza e Vicentini (2011) reforçam que as narrativas autobiográficas promovem uma reflexão profunda sobre a prática docente, permitindo que os professores identifiquem aspectos essenciais de sua trajetória e conectem experiências pessoais às demandas profissionais. A pesquisa (auto)biográfica não apenas amplia a compreensão sobre a formação docente, mas também valoriza a experiência e reflexividade como elementos centrais do desenvolvimento profissional. A metodologia (auto)biográfica possibilita que o sujeito reflita sobre seu percurso de formação e atuação profissional, ressignificando experiências e promovendo o crescimento pessoal e coletivo (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011).

A integração da experiência pessoal com questões pedagógicas mais amplas, promovendo uma prática educativa mais crítica e consciente. Como destacado por Motta e Bragança (2019), a “pesquisaformação”, ao promover uma abordagem narrativa e autobiográfica, possibilita que os sujeitos construam um entendimento mais profundo sobre sua trajetória e identidade docente. A análise apresentada resulta de um processo colaborativo, em que meu orientador desempenhou papel crucial na construção do diálogo entre a narrativa autobiográfica e os desafios teóricos da EPT, pois a abordagem autobiográfica utilizada neste texto foi cuidadosamente discutida e refinada com sua colaboração, o que possibilitou uma análise mais aprofundada das experiências relatadas.

3. A BUSCA POR IDENTIDADE: REFLEXÕES E INQUIETAÇÕES

Definir a identidade de professora de EPT tem sido uma jornada contínua de reflexão e autodescoberta. Ser profissional de itinerário formativo é uma experiência que atuo aproximadamente há dois e meio, mas me pergunto se isso, por si só, me define como uma profissional de EPT. A integração curricular, especialmente após a reforma do ensino médio e durante as primeiras disciplinas do mestrado nos debates sobre uma escola de formação humana integral, tornou-se um ponto central de inquietações.

A divisão dos itinerários formativos e da base curricular comum, implementada pela recente reforma do ensino médio, esse processo, embora visando oferecer mais flexibilidade e escolha aos alunos, muitas vezes parece ainda muito fragmentado, criando desafios significativos para educadores e alunos. No cotidiano mostra dificuldades na integração desses itinerários com a base curricular comum. Evidencia a dualidade do ensino básico e profissional que faz parte da dinâmica da dualidade social vivida.

A fragmentação resultante desta divisão pode ser observada em diversos aspectos. Gera uma sobrecarga tanto para os alunos, que precisavam lidar com conteúdos desconexos, quanto para os professores, que enfrentaram desafios na criação de um currículo coeso e integrado. Essa fragmentação tem impacto direto na qualidade do ensino e na experiência dos alunos. A falta de integração entre os itinerários formativos e a base curricular comum pode resultar em uma formação incompleta, onde os alunos não conseguem ver a conexão entre as diferentes disciplinas e áreas de conhecimento. (Ramos, 2008)

Durante os estudos para o ENA e no primeiro semestre do ProfEPT as reflexões acerca da formação omnilateral afluam-se mais essa inquietação de que forma a educação deve promover uma formação que não se limite apenas ao aspecto técnico, mas que também envolva uma compreensão crítica e criativa da realidade, buscando superar a dicotomia entre técnica e dimensão humana. Segundo Costa (2020), “a integração curricular transcende a formação técnica, promovendo uma formação integral que une trabalho, ciência e cultura” (p. 7). Essa visão reflete a busca por uma educação que valorize tanto as habilidades específicas quanto a formação ampla, garantindo que os estudantes sejam preparados somente os desafios do mercado de trabalho, mas para a atuação como cidadãos críticos.

Ao longo desse processo de formação no ProfEPT, é desafiador repensar as metodologias postas no cotidiano e a buscar novas abordagens que conectem o ensino à realidade do mundo do trabalho, promovendo a autonomia e o pensamento crítico dos estudantes. Souza e Comarú (2022) afirmam que as mudanças, que nem sempre representam avanços, especialmente no campo da tecnologia, assim como nas políticas públicas, na compreensão da sociedade sobre a natureza, nas relações humanas, nas legislações, nas dinâmicas de trabalho e na economia, os processos educacionais foram diretamente impactados — ou, pelo menos, deveriam ter sido.

Nas palavras de Ramos, o dualismo na educação é uma manifestação da própria sociedade dual que é inerente ao sistema capitalista. A concepção defendida para superar a dualidade do trabalho manual e trabalho intelectual seria o ensino médio integrado com a educação unitária, politécnica e omnilateral. Ela faz a análise do conceito de integração em três sentidos: na concepção de formação humana, relação ensino médio e educação profissional; e na relação das partes e da totalidade da proposta curricular (Ramos, 2008).

No terceiro sentido que Marise Ramos discorre sobre a integração de conhecimentos gerais e específicos como totalidade, em suma para um ensino médio integrado deve haver um currículo integrado também, integração dos saberes escolares com saberes do cotidiano, combatendo a visão hierárquica e dogmática do conhecimento herança do positivismo. Tendo o trabalho como mediação ontológica e histórica, sendo ele o princípio educativo, pois a realidade é a síntese de múltiplas relações, de ordem epistemológica, com a interdisciplinaridade como método para se chegar à totalidade. A integração exige que a relação entre conhecimentos gerais e específicos seja construída sob os eixos do trabalho, da ciência e da cultura. A finalidade da educação deve ser a formação pelo trabalho e na vida (Ramos, 2008).

Uma escola que integre essa abordagem poderá permitir que os educandos se tornem sujeitos ativos de sua própria vida, capazes de contribuir para a construção de uma sociedade mais ética e humana. Partindo-se da educação técnica-trabalho para se chegar à técnico-científica. Para Oliveira (2023) a maior contribuição que a escola pode oferecer ao futuro profissional dos jovens é proporcionar, dentro do ambiente escolar,

experiências que promovam o aprendizado de conteúdos teóricos e práticos. Esses aprendizados devem ser úteis para que os alunos possam elaborar e concretizar seus projetos de vida, além de se prepararem para uma atuação mais consciente na defesa de seus direitos, tanto individuais quanto coletivos.

Corroboraram com essa concepção os autores Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), afirmam que a integração da formação geral com a base técnica é uma necessidade conjuntural - social e histórica - para que a educação tecnológica seja proporcionada para os jovens da classe trabalhadora. Possibilitando assim, uma formação humana integral, gerando uma transição, levando a superação da dualidade educacional para um ensino médio politécnico. O que se busca é assegurar que adolescentes, jovens e adultos trabalhadores tenham acesso a uma educação abrangente, que os capacite a compreender o contexto em que vivem e a desempenhar um papel ativo como cidadãos plenos em sua nação, contribuindo de maneira digna para a vida em sua sociedade política (Ciavatta, 2005).

A luta é por uma escola ativa e criadora organicamente identificada com o dinamismo social da classe trabalhadora, uma identidade orgânica é construída a partir de um princípio educativo que unifique, na pedagogia, *éthos*, *logos* e *técno*s, tanto no plano metodológico quanto no epistemológico (Ramos, 2008). De acordo com Aires (2011), "a integração curricular visa organizar o currículo em torno de problemas e questões significativas, identificadas conjuntamente por educadores e estudantes, rompendo com a fragmentação disciplinar" (p. 224). Essa perspectiva encontra eco na abordagem da Educação Profissional e Tecnológica, que busca conectar formação geral e técnica, promovendo uma educação integral.

Através do decreto nº. 5.154/2004, foram regulamentadas três formas de realização de uma formação integrada, sendo a integrada, concomitante e subsequente (Brasil, 2004). O ensino médio integrado à educação profissional é tanto possível quanto necessário em uma realidade conjunturalmente desfavorável onde os filhos dos trabalhadores precisam obter uma profissão ainda no nível médio, não podendo adiar este projeto para o nível superior de ensino. Mas ele pode potencializar mudanças para uma "travessia" para uma educação que contenha elementos de uma sociedade justa (Ramos, 2008). Para superar esses desafios, é crucial promover uma maior integração curricular.

Isso envolve não apenas a coordenação entre os diferentes itinerários formativos, mas também a criação de uma base curricular comum que realmente dialogue com as trajetórias escolhidas pelos alunos. A colaboração entre professores de diferentes disciplinas e a adoção de metodologias interdisciplinares são passos importantes nesse processo. É preciso criar um ambiente de aprendizagem onde a teoria e a prática se complementem, proporcionando aos alunos uma formação robusta e significativa. Na minha experiência a integração por meio da interdisciplinaridade presenciei poucas vezes, porém com resultados satisfatórios.

No entanto, essa fragmentação está presente em todas as etapas da minha formação. Durante meus anos escolares, a divisão do conhecimento em disciplinas isoladas era a norma. As aulas de Matemática, Português, Ciências e História eram ministradas de forma independente, com pouca ou nenhuma conexão entre elas. Embora cada matéria tivesse seu valor, essa abordagem fragmentada frequentemente dificultava a compreensão dos alunos sobre como os diferentes campos de conhecimento se inter-relacionam.

Na graduação, a fragmentação continuou a ser um desafio. Embora a especialização em uma área de estudo seja necessária, a falta de integração entre disciplinas relacionadas muitas vezes levou a uma visão limitada do campo escolhido. Por exemplo, ao estudar disciplinas específicas dentro da educação, percebi que muitas vezes faltava uma abordagem holística que conectasse teoria e prática de maneira coesa. A fragmentação persistente dificultou a aplicação prática dos conceitos teóricos, prejudicando uma compreensão mais profunda e abrangente.

Ao ingressar na EPT como professora, essas experiências de fragmentação se tornaram ainda mais evidentes. A educação básica, tem uma abordagem compartimentada, enfrenta desafios significativos para oferecer uma formação integrada e coerente aos alunos. A recente reforma do ensino médio, com a introdução dos itinerários formativos, trouxe novas oportunidades, mas também novos desafios de integração. A fragmentação entre os itinerários e a base curricular comum frequentemente resulta em um ensino desconexo e pouco eficaz.

Durante as aulas do ProfEPT, as metodologias ativas podem ser uma alternativa de enfrentamento dessa segmentação de ensino. Conforme apontado por Bremgartner *et al.* (2022), entre essas metodologias, a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), oferecem um caminho promissor para superar os desafios da fragmentação curricular e conectar os conteúdos escolares às práticas do mundo real. Essa prática fragmentada reflete-se diretamente no mercado de trabalho. A falta de uma abordagem holística na formação educacional limita a capacidade dos profissionais de resolver problemas complexos e inovar em seus campos de atuação. A necessidade de uma educação mais integrada e conectada é evidente, tanto para melhorar a qualidade do ensino quanto para preparar melhor os alunos para os desafios do mercado de trabalho.

4. UM CAMINHO EM CONSTANTE DESCOBERTA

Minha trajetória na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) é, sem dúvida, um caminho de constante descoberta. Desde o início do meu mestrado, tenho me aprofundado em questões fundamentais que moldam minha prática e identidade como educadora. Cada dia traz novos desafios e aprendizados, reafirmando que a jornada na EPT é dinâmica e repleta de oportunidades para crescimento pessoal e profissional.

Mergulhar em mim mesma para refletir sobre minha história e meu trabalho na EPT tem sido um desafio significativo. Examinar motivações, influências e práticas pedagógicas requer uma introspecção profunda e, muitas vezes, desconfortável. Confrontar minhas inseguranças e questionar minhas certezas é parte essencial desse processo, mas também é o que me permite crescer e evoluir como educadora. Essa reflexão contínua é fundamental para entender não apenas quem eu sou como profissional, mas também como posso melhor servir meus alunos e contribuir para a área de EPT.

As inquietações e questionamentos que surgiram ao longo desse percurso, especialmente em relação à integração curricular e à formação omnilateral, são essenciais para o desenvolvimento de minha prática docente mais crítica e consciente. A integração curricular é vital para superar a fragmentação gerada pela reforma do Ensino Médio. A educação profissional não deve se limitar à transmissão de conhecimentos técnicos, mas deve também promover uma compreensão ampla e crítica da realidade, integrando os saberes escolares com as experiências do cotidiano. À medida que me deparo com as

complexidades e as demandas do ensino médio integrado, compreendo que não há respostas prontas, mas uma busca constante por maneiras de oferecer uma educação que seja realmente relevante e transformadora. E, nessa busca, cada reflexão e cada novo desafio tornam-se oportunidades valiosas para aprimorar minha prática.

REFERÊNCIAS

- [1] AIRES, Joanez A. Integração Curricular e Interdisciplinaridade: sinônimos? **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 215-230, jan./abr. 2011. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: nov. 2024.
- [2] BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- [3] BRASIL, **Decreto Nº 5.154 DE 23 de julho de 2004**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/D5154.htm. Acesso em: out 2024.
- [4] BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: jun. 2024.
- [5] CIAVATTA, Maria. A formação integrada a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. **Revista Trabalho Necessário**, v. 3, n. 3, 2005.
- [6] COSTA, Maria Adélia da Silva. Currículo da educação profissional técnica de nível médio: desafios da integração. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 1, n. 1, p. 2-13, 2020. Disponível em: <https://www.rbeptech.org.br>. Acesso em: nov. 2024.
- [7] FREITAS, Denise de.; GALVÃO, Cecília. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. **Ciências & Cognição**, v. 12, 11, 2007.
- [8] FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (orgs.). **Ensino Médio Integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortes, 2005.
- [9] MOTTA, Thais da Costa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação: uma opção teórico-metodológica de abordagem narrativa (auto)biográfica. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 4, n. 12, p. 1034-1049, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/6191>. Acesso em: nov. 2024.
- [10] OLIVEIRA, Ramon de. Ensino médio integrado: desafios para os que lutam por uma escola emancipatória. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S. l.], v. 1, n. 23, p. e14688, 2023. DOI: 10.15628/rbept.2023.14688. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/14688>. Acesso em: out. 2024.
- [11] PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, abr. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-46982011000100017>. Acesso em: nov. 2024.
- [12] RAMOS, Marise. **Concepção do ensino médio integrado**. Texto apresentado em seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará nos dias 8 e 9 de maio de. 2008. Disponível em: <https://tecnicadmiwj.wordpress.com/wp-content/uploads/2008/09/texto-concepcao-do-ensino-medio-integrado-marise-ramos1.pdf> Acesso em: mai. 2024.
- [13] SANTOS, Héllen Thaís; GARMS, Gilza Maria Zauhy. Formação de professores: reflexões e perspectivas sobre a prática docente. In: CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 2.; CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 12., 2011, Águas de Lindóia. **Anais**. São Paulo: UNESP; PROGRAD, 2014. p. 4094-4106.
- [14] SOUZA, Ana Cláudia Ribeiro de; COMARÚ, Michele Waltz. Os desafios do Ensino na Educação Profissional: ampliando a discussão. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, v. 8, e193722, 2022.

[15] BREMGARTNER, Vitor; FERNANDES Priscila; SOUSA, Jeanne; José SOUZA, Carlos. Aprendizagem baseada em projetos aplicada a cursos de formação inicial e continuada em cultura maker. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. 3, p. 1943-1957, jul./set. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17i3.16409>. Acesso em: nov. 2024.

A reinterpretação das memórias na criação de novas histórias na EPT

Ana Oliveira de Araújo¹, Cirlande Cabral Silva²

1. INTRODUÇÃO

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) desempenha um papel fundamental na promoção de uma educação emancipadora, com potencial transformador das realidades sociais, ampliando a perspectiva da formação humana integral. Este artigo reflete sobre a convergência entre vivências familiares, formação acadêmica em Serviço Social e a prática profissional na EPT, abordando o impacto dessas experiências na construção de uma Educadora. A partir das Narrativas Autobiográficas como metodologia de investigação e reflexão, este estudo busca revisitar percursos pessoais e profissionais, reconhecendo os entrelaçamentos e ressignificando o fazer profissional.

Ao longo desta narrativa serão levantados e discutido conceitos assimilados, aprendizados obtidos nos campos de atuação que passei, caminhos que aparentemente estão desconectados, mas que através da leitura crítica sobre o percurso profissional tornaram-se entrelaçados, oportunizando um novo olhar sobre a formação humana integral dos estudantes e sobre o papel do educador. Compartilhar as experiências vividas para que juntos possamos contribuir com os futuros viajantes que adentraram no rio da EPT.

Este trabalho tem como propósito realizar uma análise reflexiva sobre minha autobiografia e a EPT. Através dessa reflexão, destaco as experiências profissionais que marcaram meu percurso e como as vivências pessoais influenciaram na minha identidade atual e nas aspirações futuras. Ao revisitar momentos significativos de minha história emergem aprendizados adquiridos ao longo do tempo, possibilitando melhor nitidez sobre quem sou, mas também auxilia na construção de objetivos e caminhos para o meu desenvolvimento contínuo.

2. AUTOBIOGRAFIA, UM MÉTODO QUE RESSIGNIFICA A PRÓPRIA HISTÓRIA

Não há determinismo para falar de minha trajetória, há histórias, narrativas de várias pessoas, cujos percursos se cruzaram com o meu. Somos como caminhantes que constroem seus próprios itinerários, ora com passos firmes e conscientes, ora com passos incertos. Houve momentos ao longo da estrada em que foi preciso pausar, recuperar o fôlego e, só então, retomar a caminhada, muitas vezes com uma nova compreensão sobre o caminho já percorrido e o que ainda estava por vir.

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT. Assistente Social do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.

² Doutor em Educação em Ciências e Matemática. Professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas.

Chegar até aqui, ao compartilhar minha autobiografia no mestrado, é refletir sobre os caminhos já percorridos e os movimentos que me trouxeram até este ponto. Este momento, contudo, não é o fim, mas sim uma etapa de transição, que abre espaço para novos horizontes a serem desbravados. O Processo de reflexão sobre essa jornada confere um novo sentido a minha trajetória, permitindo que enxergue claramente o impacto das escolhas feitas. É uma transição que permite olhar para o futuro, enxergando as possibilidades.

Para dar início a esta jornada, o primeiro passo foi organizar uma "mochila das lembranças", onde se misturam fragmentos de histórias que me ajudaram a entender como me envolvi com a EPT. Nesse processo, fui desenterrando narrativas esquecidas, revirando armários antigos onde estavam guardados registros e fotografias, que, ao serem resgatados, compuseram novos significados. Cada objeto e registros trouxeram à tona memórias que antes eram esquecidas, distantes, mas agora se entrelaçaram com a construção da minha identidade profissional, revelando histórias que antes estavam ocultas, mas que, ao serem revisitadas, dão um novo sentido ao meu percurso.

A utilização de uma narrativa autobiográfica é, como aponta Passegi (2021), uma forma de reelaborar vivências que se transformam em processos pedagógicos, permitindo uma análise profunda de nossas experiências e valores. Esses elementos influenciam diretamente a maneira como percebemos a sociedade, a cultura e a história. Dessa forma, essa metodologia não apenas aprofunda a compreensão da realidade, mas também rejeita a ingenuidade; ao contrário, ela nos permite desenvolver um pensamento crítico sobre os fatos. A rememoração nesse contexto, torna-se uma ferramenta poderosa para a transformação pessoal e para a reinvenção da própria trajetória.

Passegi (2021) ainda defende que a narrativa autobiográfica é uma atividade eminentemente humana, alicerçada em dois pressupostos, onde o primeiro traz que a ação de narrar e de refletir as experiências, oportuniza dar significado ao que vivenciamos, compreendendo o passado para analisarmos o presente e utilizarmos no futuro os aprendizados do que poderia ter sido feito de forma diferente. Já o segundo pressuposto é que a linguagem para quem narra, torna-se uma oportunidade de interação e significação nas relações consigo, com o outro e com o mundo. Por fim, expõe que no ato de narrar há operações cognitivas complexas que nem sempre são perceptíveis no cotidiano.

Assim, percebe-se que, na visão do autor, uma narrativa autobiográfica não reflete a mera recuperação de algumas reminiscências, mas desvela o próprio processo ativo de reflexão e transformação. Quando nós ponderamos sobre nossas experiências, muitas vezes não estamos refletindo sobre o passado, mas, de certa forma, reimaginando nosso entendimento do presente e do futuro. Essa redefinição abre nossas mentes para uma compreensão mais matizada de nós mesmos e do mundo ao nosso redor, motivando-nos a cultivar o pensamento crítico que pode alterar visivelmente a forma como interagimos com a sociedade e a história.

Nessa perspectiva, Passegi (2011) argumenta que a narrativa autobiográfica não tem o objetivo de encontrar "verdades" preexistentes, mas sim de analisar como os indivíduos moldam suas experiências e atribuem significados às imagens de aprendizagem em seus próprios contextos, por meio do processo de biografização. Esse movimento permite compreender as experiências pessoais não apenas como relatos, mas como construções significativas que refletem a maneira única com que cada sujeito vivencia e interpreta sua trajetória.

Portanto embarcar na elaboração da minha narrativa autobiográfica como referencial metodológico de pesquisa, foi como navegar pelas correntes que formaram minha trajetória. No entanto, o processo não se limitou ao mapa que eu mesmo havia desenhado; era essencial contar com a orientação de alguém que já conhecia bem essas águas. O Professor Orientador, Dr. Cirlande Cabral, que ao longo da jornada, apontou os caminhos mais seguros nas águas turbulentas, mostrando a importância do conhecimento. Ele se tornou um verdadeiro guia, um farol que iluminava alternativas de rotas, permitindo que, juntos, navegássemos e refletíssemos sobre os saberes que poderiam ser construídos.

3. CAMINHOS ENTRELAÇADOS EMBARQUE NA EPT

A Educação sempre esteve presente, traduzida em atos que foram para além da diplomação de poucos membros da família, eram ações de usufruto coletivo, comunitário, como a doação de um pedaço de chão lá no sertão do Rio Grande do Norte para a construção de uma Grupo Escolar pela minha avó materna, com o objetivo de alfabetizar as crianças do povoado, mesmo que ela só tivesse estudado até o quarto ano primário. A sensação que eu tinha, era que aquela Senhora era uma mulher revolucionária, pois em meio aos desafios criou um lugar para a apresentação do mundo das letras para pessoas esquecidas pelo poder público.

Ainda no início da década de 1970, onde o momento histórico do país era de Ditadura Civil-Militar, que segundo Codato (2005) foi o período em que líderes Militares controlaram o Governo, o Estado e a Política. Momento marcado por censura, tortura, autoritarismo a minha avó acolheu o desejo de uma de suas filhas (minha mãe), de sair do interior árido do Sertão para ir estudar na capital, cursando o segundo grau técnico, o magistério. Ambas enfrentaram percalços, mas pareciam ser mulheres aguerridas que buscavam suas emancipações, dentro das possibilidades da época, optando por seguirem as pegadas da Educação.

Consciente de que na caminhada para a realização de objetivos pessoais e profissionais, existem episódios de solidão e outros de estar bem acompanhada para que haja avanços na construção dos sonhos, sim sonhos, pois foram eles que me despertaram a ver o mundo como um lugar dinâmico, em um eterno movimento, mesmo diante das realidades sociais difíceis que são consideradas cristalizadas em nosso país. Com o tempo meus os sonhos tornaram-se uma espécie de alimento para a alma para seguir resiliente nas jornadas.

Nos caminhos cheios de curvas que percorri, enxergamos de forma latente a falta de saneamento, a fome, a violência, as pessoas em situação de vulnerabilidade, realidades que se apresentavam como expressões constituintes de minha própria história social. Essas condições, profundamente marcadas por desigualdades, causaram-me um grande desassossego ao perceber as disparidades entre os diferentes mundos que coexistiam. Então, em meio a esse desconforto, surgiu o desejo de compreender mais sobre essas desigualdades, o desejo de entender de onde e como essas questões surgem, portanto, parecem imputadas em grande parte dos encontros que vivenciei ao longo da vida.

Há diversos métodos de se constituir um caminho, com suas muitas “portas”, abri dezenas, mas de todas a que abri pra clarear a mente, havia uma que brilhava forte, com um ar raro de paixão a do curso de Serviço Social na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a qual, sem exageros, comportou-se como uma bússola orientadora. Guiou-me,

ou melhor, redirecionou-me, proporcionou-me a oportunidade de compreender a realidade para alhures do empírico, por meio das leituras científicas.

Finalizar a graduação oportunizou o autossustento, fortalecendo a ideia de Santana e Maknamara (2024) em que apesar das condições adversas dos sujeitos das classes populares, alguns lograram êxito nos estudos, alçando a empregabilidade e consequentemente ascensão social. A qual veio embrulhada por grandes mudanças familiares, geográficas e culturais, onde parti da região litorânea do Nordeste, mais especificamente da “Cidade do Sol”, para residir no mar de águas doces do Amazonas, na “Paris dos Trópicos”, Manaus, descobrindo que “minhas raízes estão no ar, minha casa é qualquer lugar.” (Engenheiros do Havaí, 2001).

Logo após conclusão da graduação a vida fazia exigências, onde as decisões tinham uma certa urgência, diante deste cenário pessoal surge um processo seletivo para uma empresa no ramo de duas rodas em Manaus/AM, parecia que era melhor resposta ao momento. A aprovação no processo chegou, com ela era necessário migrar de região, ainda com muitos receios da mudança, pois a distância trazia também incertezas. A decisão foi tomada, dando início a uma nova jornada. Arrumando a pequena mala da mudança recordei-me das histórias contadas no alpendre lá no Sertão, ainda criança ouvia do Tio Chico, um nordestino franzino, falando que tornou-se um dos soldados da borracha no Amazonas.

Importante ressaltar que tanto a história, como a literatura contam que as condições de trabalho eram precárias, onde os trabalhadores eram em sua maioria segundo Cabral (2018) nordestinos que viviam problemas decorrentes da seca, da fome e que buscavam mudança de vida e a tão cobiçada fortuna, contudo ao desembarcarem nos portos eram controlados pelos donos dos seringais, não existindo condições de trabalhos dignos, ao contrário eram precárias e desumanas.

Ao retornar para o Rio Grande do Norte, Tio Chico relembra que com a Zona Franca de Manaus, a cidade tinha vivido uma época de prosperidade econômica e fortes mudanças sociais, e foi com base no Decreto Lei nº 288, de 28 de fevereiro de 1967, onde criou-se a Zona Franca, segundo Brasil (2015), para ser industrial, comercial e agrícola, promovendo o desenvolvimento da região Norte. Tio Chico atuou nessa área, carregando suas memórias não só de prosperidade econômica, mas de histórias difíceis.

Mas, por que mencionar uma experiência de trabalho em uma Fábrica de motocicletas, se há uma aparente desconexão com a Educação? Na verdade, foi na minha primeira experiência profissional, a qual aconteceu no Distrito Industrial que comecei a compreender o papel Pedagógico do Serviço Social nas intervenções imbricadas pelo processo produtivo, desde as abordagens diretas aos colaboradores como em campanhas educativas, projetos e programas administrados por estes profissionais.

Refletir sobre os caminhos profissionais trilhados até chegar a EPT, revela a minha ligação ainda que inconsciente com a Educação, pois nesta jornada existiram histórias indissociáveis, que coadunaram com os passos, que me conduziram ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, no Campus Manaus Zona Leste (IFAM/CMZL) local de atuação até os dias atuais, evidenciando que escolhas pessoais e profissionais contribuíram para consolidar a minha identidade como educadora

4. A FLUIDEZ DA VIDA E UM MERGULHO NA EPT.

Em uma consistente carreira na indústria aprendi que meus olhos sempre deveriam brilhar quando estivesse atuando profissionalmente, foi quando em 2010 decidi trilhar “novos caminhos” fazendo a mudança do campo de atuação, saindo do segundo setor para trabalhar em uma instituição pública, no IFAM/CMZL local em que fui apresentada a Educação Profissional e Tecnológica. Essa mudança representou um desafio e uma oportunidade de crescimento. No IFAM encontrei um ambiente de aprendizagem e transformação.

No primeiro momento o sentimento era de como se estivesse navegando em águas barrentas de difícil visualização, mas na verdade as inseguranças eram decorrentes de não conhecer o profundo rio da Educação, não cabia mais desassociar a profissional, a técnica, da pessoa humana, em minhas intervenções. Então, para contribuir neste espaço de atuação foi fundamental mergulhar na história da própria instituição, na busca de me apropriar daquele espaço, que a partir de então tornou-se um pouco meu.

Para o próprio IFAM/CMZL a chegada de uma profissional de Serviço Social tornou-se um novo momento, era necessário analisar o campo de atuação demonstrando respeito as solicitações encaminhadas para intervenção, mesmo que elas não fossem de minha competência profissional, pois não era claro para a própria comunidade as atribuições de uma assistente social no ambiente escolar. Este momento foi rico, maravilhoso como se estivéssemos dispostos a nos conhecermos, nos dando de forma recíproca o melhor de cada um.

Em 2010 vivenciei o projeto de acompanhamento aos servidores aposentados, onde em cada atendimento, a cada visita familiar realizada aumentava a vontade de contribuir com o IFAM/CMZL na busca de promover um ambiente de acolhimento para todos, inclusive para os que já não estavam atuando, mas que tiveram suas histórias de vida perpassadas por décadas no campus, reconhecendo e valorizando o trabalho desenvolvido por estes. Estas vivências criaram um ambiente de respeito entre a Instituição e eu, o que se tornou essencial para o desenvolvimento de atividades independente dos setores que viesse a estar vinculada.

E com aumento no número de demandas em relação aos estudantes surgia um novo percurso a ser feito, que seria o de atuar junto a direção de ensino, fortalecimento as concepções sobre adolescência, assistência estudantil, rede de proteção, políticas afirmativas de modo geral, contribuindo para a visão de que os discentes devem ser vistos como sujeitos de direitos, portanto conhecer, respeitar a tradicional história e a cultura do IFAM/CMZL era tão imprescindível, como também reconhecer e respeitar a diversidade de sujeitos que a compunha. Ressaltando que priorizar o atendimento aos estudantes e familiares, não excluiu o espaço de acolhimento aos Servidores.

Assim, ainda em 2010 tornou-se essencial a implantação do setor de Serviço Social e, assumi compromisso de que este seria um porto seguro para os que procurassem, onde seriam acolhidos, atendidos sem discriminação, reconhecidos a partir da liberdade de serem quem são, respeitando as suas singularidades e histórias de vida. Seria uma espécie de farol que reluz empatia, diante da complexa realidade que abraça o ambiente escolar. No Serviço Social, as histórias dos estudantes assumiam roteiros próprios, com personagens únicos.

Antes da Política de Expansão dos Instituto Federais (IFs), o Campus tinha uma característica singular, a de receber jovens dos 62 municípios do Amazonas para

residirem em suas estruturas. Com a chegada anual destes estudantes ao CMZL, vinha também uma riqueza cultural enorme, pois em média 96 jovens morariam por três anos no IFAM/CMZL, trazendo além de suas bagagens, suas raízes caboclas, ribeirinhas, quilombolas, indígenas e um sonho, o de transformação de suas vidas e de seus familiares, através da EPT.

Ratificando os autores Salazar e Santos (2020) expões que a região amazônica é rica em sua diversidade e temos que ter um olhar que perpassasse a biodiversidade, considerando outras dimensões relevantes, como o modo de vida, valores e cultura dos que habitam esta região tais como os povos originários, os imigrantes, quilombolas e camponeses, reafirmando que um dos desafios enfrentados por tamanha diversidade é a preservação da própria identidade amazônica frente aos modelos culturais de fora, portanto as práticas educativas, não podem estar desassociadas de suas intencionalidades e por isso extrapolam os territórios nos quais são realizadas.

Como Assistente Social trabalhava para garantir os direitos básicos, tais como: Moradia, Alimentação, Segurança, mas percebia que não era o suficiente, pois ao chegarem ao campus, os jovens por meio dos seus olhares mareados, revelavam o quanto traziam emoções que agitavam seus corações por estarem distantes de seus familiares. Aprendi com eles que a minha identidade profissional precisava ser reconstruída, começando a entender que não seria suficiente aprenderem exclusivamente os conhecimentos técnicos, científicos para que eles conseguissem navegar com segurança em suas próprias vidas, tornava-se fundamental terem uma Formação Humana Integral.

Portanto, segundo Medeiros (2021) a Formação Humana Integral na EPT visa a formação de um sujeito integral, com competências que abrangem as múltiplas dimensões de sua existência, indo além da simples preparação para a inserção no mercado de trabalho, mas, sobretudo, para o desenvolvimento completo do ser humano, promovendo sua capacidade de atuar de forma crítica e transformadora na sociedade. Desta forma fazia-se necessário banhar-me no rio da Educação, enxergando os desafios, mas principalmente as possibilidades para um direcionamento de ações, programas e projetos que acolhessem, que trabalhassem questões emocionais, como também pedagógicas.

As complexas intervenções despertaram para a importância de reconhecer os limites do Serviço Social, rompendo com uma visão messiânica, que alguns usuários acreditam sermos, diria que quase lendária de que uma Assistente Social pode resolver qualquer situação que adentre a sua porta. Admitir os limites era oportunizar aos estudantes um atendimento com a equipe multiprofissional, para que diante das correntezas incertas que estivessem passando, os mesmos entendessem que poderíamos juntos enfrentarmos os desafios, como se existissem várias mãos remando para o mesmo destino, para que pudessem atracar com suas emoções em um porto seguro.

A partir de então, o desenvolvimento dos atendimentos tornou-se mais abrangentes, menos pontuais, com troca de experiências entre os profissionais, na perspectiva de contribuir para que as necessidades dos estudantes fossem supridas em seus processos de aprendizagem e de convivência dentro do ambiente escolar, ampliando o olhar para além do aspecto cognitivo exclusivamente. Essa prática integrada tem permitido um suporte mais completo e humanizado aos estudantes.

5. DE QUE SERVE A TERRA À VISTA SE O BARCO ESTÁ PARADO

Como já citado, na história de vida de cada um de nós, há pessoas que cruzam nosso caminho, algumas permanecem, outras fazem apenas breves passagens, mas todas deixam rastros e indicam rotas que podemos traçar durante a nossa jornada. Arriscaria dizer que os educadores são como essas pessoas: influenciam profundamente a maneira como vemos o mundo e tornam-se verdadeiros guias, que nos conduzem a novas experiências e abrem horizontes para perspectivas que talvez nunca tivéssemos considerado. São eles que, com sua sabedoria e exemplo, cultivam em nós o desejo de aprender e de explorar caminhos antes inexplorados.

Trabalhar na Educação exigiu reconhecer a sua imensidão, portanto o desejo era o de avançar para além da margem, saindo da resolução imediatista dos problemas que espontaneamente emergiam na sala do Serviço Social, por compreender que nos atendimentos via-se apenas as expressões do que acontecia socialmente, ou seja, a Educação estava envolvida por correntes, nós que compunham a complexa realidade, derivadas das decisões políticas, econômicas e sociais do país, surgindo o anseio de ampliar a maneira de intervir.

A visão expandida da realidade escolar ampliou minha compreensão do que significa ser uma Educadora. Segundo Freitas e Forster (2016), não há uma definição de destino, ou predileção, nem mesmo nascemos com o dom, o que há é a autoconstrução pela prática e reflexão sobre a prática. Cada experiência e desafio enfrentado no ambiente escolar contribuem para esse processo, auxiliando a moldar minha identidade profissional e a desenvolver uma postura crítica e reflexiva.

Assim, ser educadora é percorrer uma jornada de aprendizado e crescimento constante, impulsionada pela busca de transformar e entender a realidade escolar. E conforme Trentin Silveira (2018) ao citar Gramsci é fundamental ter uma relação professor-aluno baseada na humanização, no respeito mútuo. O professor precisa evitar atitudes autoritárias e arrogantes, como também deve reconhecer os conhecimentos prévios dos alunos como ponto de partida para o aprendizado, para que assim possam construir um vínculo afetivo e pedagógico.

O desenvolvimento da minha identidade como educadora significou o fortalecimento das bases conceituais e profissionais que fundamentam minha formação, alinhada com o compromisso de viabilizar o acesso aos direitos sociais e combater todas as formas de preconceito conforme os princípios estabelecidos no Código de Ética da Profissão. Reconhecer-se como educadora é como avistar novas terras, repletas de possibilidades e esperança, reforçando a importância desse papel ao apoiar os educandos nos caminhos que estão traçando em suas vidas. É uma jornada que, ao mesmo tempo, me transforma, fortalece meu compromisso com a formação crítica e emancipadora dos alunos.

Parafraseando Bethânia (2017), era necessário mover o barco, já não bastava apenas avistar a terra ao longe. Em outras palavras, não cabia mais deixar-me consumir pelas atividades rotineiras e campanhas pontuais promovidas no Campus Manaus Zona Leste, nem centrar a atuação apenas na administração de benefícios por meio da Política Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). Era preciso, enfim, assumir uma postura mais proativa e transformadora, buscando formas de tornar o espaço educativo um verdadeiro agente de mudança, comprometido com o desenvolvimento integral dos estudantes e a construção de um ambiente mais inclusivo e significativo para todos.

Tornou-se fundamental ter clareza da própria concepção de Educação que norteia a profissão, que segundo o Código de Ética do Assistente Social (Brasil, 2012) é uma Educação emancipadora, formando cidadãos, autoconscientes e que tem seus direitos sociais garantidos, assim as ações que viessem a ser desenvolvidas não poderiam ser vazias de significados e desvinculadas da perspectiva de classe trabalhadora. Outro conceito necessário é o da Educação Politécnica, o qual faz parte dos pilares teóricos dos Institutos e conforme Saviani (2003) a politécnica busca formar trabalhadores que rompam com o caráter de adestramento, permitindo acesso ao conhecimento profundo a respeito da natureza do trabalho.

E foi com esta visão sobre a Educação e sobre ser educadora que pude ultrapassar as fronteiras acimentadas das paredes do setor de Serviço Social para levantar ancora em uma nova jornada, a da sala de aula, a qual me concebeu a oportunidade de aproximação com os estudantes, discutindo assuntos sociais relevantes e que podem influenciar na vida pessoal e acadêmica deles. Em alguns momentos ser educador é reconhecer que estamos em outra frequência, isto não significa necessariamente que remaremos contra a correnteza, mas que buscaremos caminhos teorias, metodologias que possam fazer análises críticas ao sistema social vigente, não restringindo-se ao tecnicismo.

Entrelaçar as discussões da vida social no IFAM, é ter clareza da relevância da Formação Humana e Integral, é trazer reflexões sobre que tipo de educação desejamos, como ainda reconhecer o seu papel humanizador dos sujeitos, no que diz respeito ao âmbito individual como coletivo. É compreender ainda, conforme Borges (2017) que todas as relações sociais são educativas, pois ensinamos e aprendemos uns com os outros, nos moldando em um processo histórico e social. Desta forma a educação pode ter o papel mediador para a sociedade na transmissão de seus legados.

Assim, que sociedade estamos ajudando a formar por meio da EPT? Neste sentido, a autora Ramos (2008) descreve que a sociedade que devemos almejar é a que reconhece a diversidade, a que respeita os direitos plenos, a que possibilite por meio do conhecimento que o ser humano faça escolhas não para a produção da vida, mas tenha consciência crítica sobre a realidade, permitindo a emancipação humana, que de acordo com Ciavatta (2005) garanta aos estudantes o direito de uma formação completa para a leitura do mundo e atuação como cidadão de um país.

6. O TESOURO QUE NUNCA ESTEVE PERDIDO

Somando as atividades administrativas e os atendimentos individualizados, surgiu a oportunidade de vivenciar ações coletivas em sala de aula. Essas experiências trouxeram um novo tempero às atividades, criando vínculos entre os estudantes e comigo, a "maruja" que conduzia, tornando-nos todos, discentes e eu, tripulantes do mesmo barco. Juntos, exploramos os desafios reais que afetavam o cotidiano dos adolescentes, como a fome, a insegurança, gravidez e paternidade na adolescência, violência, questões de sexualidade, uso de álcool e drogas, o transporte público precarizado, e o assédio dentre outras temáticas.

Ao confrontarmos essas questões, fazíamos brilhar o tesouro que cada um carregava em seu coração, revelando o potencial e a força que emergiam dessas vivências compartilhadas. Conforme Ciavatta (2005) deve-se dar ao aluno horizontes de captação do mundo além das rotinas escolares, dos limites do estabelecido e do normatizado, para que ele se aproprie da teoria e da prática que tornam o trabalho uma atividade criadora,

fundamental ao ser humano. Criando conhecimento, ciência e cultura como parte do aperfeiçoamento que a atuação sobre a natureza produz e o trabalho se torna princípio educativo, evidenciando as implicações da divisão técnica e social do trabalho.

Os temas abordados talvez já fossem familiares para muitos, que possivelmente já os haviam sentido na própria pele. No entanto, a intenção não era apenas reforçar o que já sabiam, mas sim promover um verdadeiro senso de pertencimento e aproximação. O objetivo era criar um espaço em que todos pudessem se expressar livremente, inclusive compartilhando visões divergentes. Em cada encontro, os estudantes eram reconhecidos em sua essência como adolescentes, e não cabia olhá-los por meio de rótulos ou estigmas. Esse ambiente de respeito e acolhimento visava ampliar a compreensão e o diálogo, valorizando suas experiências e vozes únicas.

Surgiu, então, o desejo de construir uma prática dialógica, que, conforme Purcari (2019), alinha-se às concepções de Freire, contrárias à educação bancária e voltadas para a valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes. Freire defendia que esses saberes são essenciais e podem ser aplicados em seus cotidianos, enriquecendo o aprendizado de maneira significativa. Assim, o papel do educador deixa de ser apenas o de transmitir conteúdos prontos, tornando-se o de facilitar uma construção coletiva do conhecimento, onde cada experiência contribui para o crescimento mútuo e para a transformação da realidade.

Descobríamos muitos tesouros nas falas: convicções juvenis fragilizadas, distorções sobre si mesmos, construídas a partir dos estigmas que lhes foram impostos, e também sonhos bonitos que haviam sido esquecidos pelo caminho. Os encontros viabilizavam uma conexão verdadeira, olhos nos olhos, permitindo o reconhecimento das expressões como palavras não ditas e uma escuta atenta das palavras proferidas. Esses momentos criavam um espaço seguro para o acolhimento e a valorização de cada um, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a confiança mútua.

Embarcar na viagem para a sala de aula era ter a sensação de que seríamos banhados por uma troca de conhecimentos cheia de significado e de transformação mútua, aonde os anos de formação poderiam ser comparados a uma travessia, onde não se pretendia parar na próxima cidade avistada que era a das notas e frequências lançadas no sistema. A pretensão era trazer a realidade para dentro da escola, oportunizando através do binóculo da Educação enxergarmos alternativas possíveis, concretas para a definição de novos rumos, principalmente no que diz respeito a suas histórias enquanto estudantes da EPT.

Objetivava-se desenvolver atividades que pudessem construir pontes entre as turmas, amolecendo as eventuais muralhas nas relações entre os estudantes iniciantes e os das séries mais avançadas, em que os veteranos eram convidados pelo Serviço Social para falarem sobre determinadas temáticas a partir de suas perspectivas, neste instante a minha paixão só crescia, pois, havia chances reais de surgirem novas amizades, quebrando estruturas de separação imposta para os estudantes que estavam chegando, dando pequenos passos para um caminhar juntos, trazendo o sentimento de pertencimento ao campus.

Ouvir a análise do mundo a partir dos adolescentes tornou-se um instrumento essencial para navegarmos juntos. A cada opinião compartilhada e a cada concepção de vida revelada, ao abrir a porta e encontrar os estudantes já ali, sentados, a alma se aquecia. Não havia obrigações de notas nem exigências de frequência para esses encontros; o que havia era uma vontade genuína de colocar as cartas na mesa e discutir as realidades

sociais que afetam o dia a dia escolar: o cansaço, as pressões, a rotina desgastante. Cada encontro se tornava uma oportunidade de diálogo verdadeiro, onde cada voz trazia à tona os desafios que permeiam a vida de um adolescente.

A missão era a de evidenciar a importância de termos voz e liberdade para nos colocarmos e sabermos respeitar aos outros como cidadãos conscientes, assim o tesouro que brilha aos nossos olhos pode estar bem próximo, ou até dentro de nós e, dar voz aos adolescentes é trazer para a superfície as suas vivências tornando-se uma ferramenta importante de transformação de suas próprias histórias. O objetivo como Educadora também é navegar por correntes que possam contribuir para a diminuição das desigualdades sociais dentro IFAM/CMZL, cooperando para que vivam uma espécie de encontro, em que a formação profissional não se sobreponha com a formação humana integral, ou vice-versa.

7. O VENTO NORTE E O MESTRADO EM EPT

O Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica pode ser simbolizado como o vento norte, aquele que direciona rumos e impulsiona novos caminhos, trazendo reflexões críticas sobre as próprias bases teóricas e suas estreitas conexões com a vida daqueles que estão sentados nas carteiras escolares. Esse percurso formativo permite enxergá-los em suas totalidades, não apenas como alunos, mas como sujeitos complexos, com histórias, desafios e potencialidades singulares.

Os diversos caminhos traçados por treze estudantes desaguarão na turma de 2024 do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional (PROFEPT) e todos com experiências profissionais únicas, o que enriquece cada encontro com interações, diálogos, colaborações e o desejo escancarado de continuar. Os Professores nas aulas possibilitam acesso as teorias tornam-se fechos de luz que despertam inquietações, mas principalmente novos conhecimentos que contribuirão para o crescimento pessoal e profissional do grupo.

Fazer o Mestrado PROFEPT não garante domar os agitos da imensidão das águas do rio da Educação, pois sofrem influências de fatores externos de dimensões políticas, econômicas, por exemplo, em âmbito nacional e até mesmo por projetos internacionais, mas pode vir a ser um parâmetro de mudança, novos ares 'para os mestrando e sobretudo para os estudantes que serão atendidos por estes profissionais que estão buscando qualificação, para o desenvolvimento de uma prática emancipadora.

A Narrativa teve início e fim com o Vento do Mestrado, o qual impulsionou e fortaleceu minha trajetória acadêmica, escrevendo novos rumos para minha vida profissional. No entanto, essa trajetória nunca se desvinculou dos anseios pessoais, nem das histórias e influências de familiares e amigos, cujas presenças e ausências (in memória) marcaram os diversos portos por onde passei. O vento que me impulsionou a avançar, trouxe consigo a certeza de que devo revisitar as minhas raízes, reafirmando que a busca por novos horizontes começa na imersão de compreendermos quem somos e de onde viemos, portanto seguir na Educação é viver o constante movimento de voltar-se a si.

REFERÊNCIAS

- [1] BRASIL. **Código de ética do/a assistente social**: Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. 10. ed. rev. e atual. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social, 2012. Disponível em: <CEP_CFESS-SITE.pdf>. Acesso em: 29 set. 2024.
- [2] BRASIL. **O que é o Projeto ZFM**. 2015. Disponível em: <<https://www.gov.br/suframa/pt-br/zfm/o-que-e-o-projeto-zfm>>. Acesso em: 05 out. 2024.
- [3] BETHÂNIA, Maria. **Quem me leva os meus fantasmas**. In: BETHÂNIA, Maria. Carta de amor. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=...>>. Acesso em: 07 set. 2024.
- [4] BORGES, L. F. P. Educação, escola e humanização em Marx, Engels e Lukács. **Revista Educação Em Questão**, v.55 n° 45, 2017. p.101-126. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2017v55n45ID12747>. Acesso em: 28 nov.2024.
- [5] CABRAL, Laura de Moraes. **A submissão humana no período áureo da borracha na Amazônia**: uma análise da obra “Andira”, de Paulo Jacob. 2018. Disponível em: <<https://edoc.ufam.edu.br/bitstream/123456789/2561/128/TCC-Letras-2018-Arquivo.010.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2024.
- [6] CIAVATTA, Maria. **A formação integrada**: a escola e o trabalho como lugares de memória e identidade. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6122/5087>>. Acesso em: 18 jul. 2024.
- [7] CODATO, Adriano Nervo. Uma história política da transição brasileira: da ditadura militar à democracia. **Revista de Sociologia e Política** n. 25, p. 83-106, nov. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsocp/a/yMwgJMTKNWTwGqYTZMZcPhM/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 08 set. 2024.
- [8] ENGENHEIROS DO HAVAÍ. **Até o fim**. In: ENGENHEIROS DO HAVAÍ. Sem limite. São Paulo: Universal Music, 2001. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=...>>. Acesso em: 07 set. 2024.
- [9] FREITAS, Ana Lúcia Souza de; FORSTER, Mari Margarete dos Santos. Paulo Freire na formação de educadores: contribuições para o desenvolvimento de práticas crítico-reflexivas. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 61, p. 55-69, jul./set. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/hxLYPVz4MpNyWffdh8QjFwy/?format=pdf>>. Acesso em: 29 set. 2024.
- [10] MEDEIROS, Carime Elias Araújo de. **O saber docente e as contribuições para a formação humana integral dos discentes do Curso Integrado de Agropecuária do IFAM Zona Leste** / Carime Elias Araújo de Medeiros. – Manaus, 2021. Disponível em: <http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/handle/4321/681>. Acesso em: 15 nov. 2024.
- [11] PASSEGGI, Maria Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Peri. **Entre a vida e a formação**: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100017>>. Acesso em: 05 set. 2024.
- [12] PASSEGGI, Maria Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Revista Práxis Educacional**, v. 7, n. 44, p. 93-113, jan.-mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8018/5528>. Acesso em: 15 de nov.2024.
- [13] PURCARI, Cleiton. **50 olhares sobre os 50 anos da pedagogia do oprimido**. [Livro eletrônico] / Paulo Roberto Padilha [et al.], organizadores. 1. ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019. 3.964 Kb; PDF. Disponível em: [50_olhares_sobre_os_50_anos_da_Pedagogia_do_Oprimido.pdf](#). Acesso em: 05 set. 2024.
- [14] RAMOS, Marise N. **Concepção do ensino médio integrado**. 2008. Disponível em: <<https://tecnicadmiwj.wordpress.com/wp-content/uploads/2008/09/texto-concepcao-do-ensino-medio-integrado-marise-ramos1.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2024.
- [15] SALAZAR, Deuzilene Marques; SANTOS, Tiago Veloso dos. Construindo a educação profissional no contexto amazônico. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 4. n. especial, 2020. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/630/460>. Acesso em: 15 nov. 2024.
- [16] SANTANA, Lucas Costa de; MAKNAMARA, Marlécio. **E eu? Não sou acadêmico?** Condições de êxito escolar de um professor de origem popular. Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 1, p. 51-64, jan./abr. 2024. ISSN 1982-9949. Disponível em: <<https://doi.org/10.17058/rea.v32i1.177704>>.

[17] SAVIANI, Demerval. O Choque Teórico da Politecnia. **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV; FIOCRUZ, v. 1, p. 131-152, 2003a. 1(1):131-152, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/zLgxprrzCX5GYtgFpr7VbhG/?format=pdf>. Acesso: 28. nov. 2024

[18] TRENTIN SILVEIRA, R. A Relação Professor-Aluno de uma Perspectiva Gramsciana. **Educação e Realidade**, v. 43, n. 1, 4, 2018, p. 97–11. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623664512>. Acesso: 28 nov. 2024.

Mergulho nas memórias: percepções sobre a educação profissional e tecnológica

Beatriz Maciel de Oliveira¹, Deuzilene Marques Salazar²

1. ÀS MARGENS DO CONHECIMENTO NA CORRENTEZA QUE INTRODUZ O CAMINHO

De acordo com dados do censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a região Norte do Brasil abriga a população mais jovem do país. Dentro dessa região, destaca-se a juventude manauara, marcada por suas singularidades. Manaus, localizada entre os rios Negro e Solimões, é famosa pelo fenômeno conhecido como "Encontro das Águas", onde as águas desses dois rios não se misturam devido a diversos fatores químicos, como acidez, diferença de temperatura e densidade (Globdoc, 2024). Esse fenômeno natural serve como uma metáfora para as divisões sociais e econômicas que permeiam a vivência dos jovens na cidade.

Como as águas dos rios Negro e Solimões permanecem separadas, as juventudes em Manaus também são marcadas por divisões profundas. Essas divisões não são meramente de ordem química, mas sim construções históricas que configuram a separação de classes. Tal como os rios, onde um corre mais rápido que o outro, há uma classe hegemônica que detém peso e influência política e econômica, exacerbando as desigualdades visíveis na fluidez das experiências juvenis.

A relevância deste tema emerge da vivência de uma manauara, que, em sua jornada, testemunhou e viveu profundamente as disparidades que marcam a vida dos jovens amazonenses. Os desafios enfrentados pelos jovens do Norte, especialmente os de Manaus que habitam as periferias, são como rios que se entrelaçam: a difícil conciliação entre trabalho e estudo, a formação profissional precária, tudo intensificado pelas pressões sociais que pesam como a força das águas sobre seus ombros.

De alguma forma, as experiências que carregamos, o tecido social em que nos entrelaçamos, e as diferentes vivências estruturam o peso dessas águas, ou seja, quem somos e o que iremos lembrar nesta jornada terrena. Sonhamos alto, enfrentamos desilusões e percebemos as desigualdades que, por vezes, ficam gravadas em nossa pele, como cicatrizes da hegemonia e dos discursos que, sem um olhar atento, passam despercebidos sob a superfície das aparências.

E é a partir das marcas e cicatrizes dessas vivências que construímos este trabalho. Ele nasce do percurso de uma jovem que, ao longo de sua trajetória, esteve inserida em diferentes contextos juvenis, juventudes ribeirinhas, manacapuruenses³ e de Manaus, e passou por diversos processos formativos, até chegar na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Esta narrativa compartilha a experiência de alguém que, por meio de sua jornada acadêmica, compreendeu como a sociedade tenta impor padrões

¹ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica. Instituto Federal do Amazonas.

² Doutora em Educação (UFAM). Professora do Campus Manaus Centro/IFAM.

³ Manacapuru é um município brasileiro, localizado às margens do rio Solimões, fazendo parte da Região Metropolitana de Manaus, no estado do Amazonas.

preestabelecidos e, muitas vezes, é necessário ir além, provocar rupturas numa tentativa de suplantar as opressões do sistema capitalista. Nestes rios, é comum remar contra a correnteza, desafiando os discursos hegemônicos e buscando problematizar com as pessoas a consciência sobre as desigualdades.

Assim, este artigo se tece como uma narrativa autobiográfica, onde revisitamos os eventos que nos constituíram como pesquisadoras e contribuíram com a nossa dimensão humana. É ao trilhar esses caminhos que compreendemos a EPT, alicerçada nos princípios da formação omnilateral e politécnica, como pilar essencial para o florescimento das juventudes. Percorremos as veredas do tempo, destacando a necessidade urgente de discutir as questões que promovem a equidade e justiça social. É ao desenhar o agora, à luz dos eventos que nos marcaram, que refletimos sobre as experiências que constroem nosso pensamento e ação no presente, desenterrando memórias que nos constituem.

Neste texto, refletimos sobre nossa trajetória e vivências antigas rebuscadas a partir de nossas memórias, de como muitas vezes certas situações de opressões foram aceitas passivamente, até chegarmos ao momento em que estamos atualmente, no mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Amazonas, entrelaçando com as reflexões sobre algumas particularidades da juventude manauara, e de observações realizadas no contexto do Projovem Urbano em Manaus. Assim, frisamos que a EPT se constitui como uma âncora para que as juventudes vislumbrem força em meio à correnteza. Por isso, é fundamental discutir sua importância, fortalecendo o discurso de luta por igualdade, na esperança de que essa mensagem ressoe e inspire mudanças significativas.

Por meio deste texto, tecemos uma discussão em relação as correntes forjadas nos processos sociais, produtivos e educativos no qual estamos imersos. Refletimos sobre como esses caminhos foram trilhados perpassando pelo entendimento do conhecimento como verdades absolutas e inquestionáveis e o rompimento com esse pensamento por meio da docência em instituições educacionais ao permitir vislumbrar novas perspectivas e possibilidades para a construção de uma sociedade equânime. Portanto, traz uma análise dos modelos que recebemos, e que, pela mesma educação, expandimos, redefinindo o olhar e o entendimento de um futuro que pode, enfim, transcender.

Ao longo do caminho passamos a defender a EPT como essencial para a formação das juventudes, incorporando a formação omnilateral e politécnica que tem o trabalho como princípio educativo. Assim, a EPT contribui não apenas para a formação profissional, mas também para a emancipação humana e a construção de uma sociedade mais justa e equânime.

2. NAVEGANDO PELOS MÉTODOS E TÉCNICAS

Este artigo adota uma abordagem autobiográfica, explorando as memórias do sujeito para estabelecer um diálogo com a realidade vivida. A pesquisa parte do ponto atual, onde a pesquisadora se encontra, e retorna ao passado, buscando compreender como as vivências anteriores forjaram o que somos, influenciando nosso modo de agir e pensar, até a construção da consciência do processo histórico que vivemos.

A metodologia utilizada é de natureza qualitativa, alinhando-se à perspectiva de Minayo (2001), que defende uma exploração profunda dos significados, para além da simples operacionalização de variáveis. Esse enfoque permite uma análise mais rica e detalhada das experiências e seus impactos. Além disso, seguindo Freitas e Galvão (2007),

o uso de narrativas autobiográficas se mostra fundamental para perceber como ocorre o processo de construção profissional dos sujeitos envolvidos na pesquisa, incluindo o próprio pesquisador. Assim, a narrativa não apenas descreve eventos passados, mas também revela o caminho percorrido na formação e desenvolvimento da identidade profissional.

A metodologia adotada segue um percurso específico: a partir do processo de rememoração, cada trecho da vida narrada é analisado com base na percepção crítica atual que foi construída ao longo do processo formativo e entrelaçadas com reflexões sobre a EPT, que atualmente estão sendo discutidas mediante a construção da pesquisa no curso de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Campus Manaus Centro (CMC) do Instituto Federal do Amazonas (IFAM).

Além disso, são inseridas algumas considerações com base na pesquisa e observações realizadas no contexto do ProJovem Urbano ofertado em uma escola da zona norte de Manaus pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e que atualmente é nosso lócus de estudo. Alguns episódios são narrados na primeira pessoa do singular por se constituírem eventos muito particulares da autora principal, outros eventos são tratados na terceira pessoa do plural, pois remetem a participação da coautora, que participou da construção do artigo com correções e contribuindo para a interpretação crítica das memórias.

As percepções aqui exploradas fluem como um rio que retorna ao seu leito original, onde a pesquisadora revisita sua linha do tempo e tece suas compreensões a partir do momento atual, conforme Abraão (2003) a pesquisa autobiográfica se reconhece como fortemente dependente da memória, elemento central no relato, que é essencial para o pesquisador na reconstrução de elementos analíticos que contribuem para a compreensão do objeto de estudo. Logo, tecemos análises a partir das águas do mundo atual, entendendo que a correnteza da vida e os estudos no âmbito do mestrado profissional trouxeram problematizações e reflexões que ampliaram a compreensão sobre o mundo.

3. NO RETORNO AO SOLO DAS PRIMEIRAS LEMBRANÇAS, A VISÃO DE UMA GRAMA VERDE POR ENTRE AS FRECHAS

Quando me encontro no ponto exato onde estou, em meio à vastidão do universo, sinto a necessidade de retornar às memórias que constituíram quem sou. As primeiras lembranças da infância são vagas, mas há algo que nunca se perde: a sensação que desperta em mim cada viagem ao interior, o cheiro fresco do capim, o aroma terroso, e o som silencioso e pacífico que emana da floresta, esses elementos se entrelaçam com as memórias da rotina de infância, dos sabores e fragrâncias que sentia no caminho que percorria até a escola, uma escola coberta de palha, onde, pelas frestas, eu podia enxergar o verde do capim. Foi nesse espaço simples, naquele quadrado da sala de aula, que foram dados os primeiros passos rumo à educação formal.

Minha mãe, professora, percorreu solitariamente uma jornada de luta pela educação, enfrentando os desafios únicos da educação no campo. Em meio às especificidades dessa educação, ela cultivou a formação dos sujeitos, seguindo os ensinamentos de Paulo Freire, que via na educação um ato libertador, uma prática de liberdade (Freire, 1978). E assim, entre as lições da terra e as lições da vida, fui sendo

constituída por esse encontro de saberes, onde o cheiro do capim e o conhecimento se fundem, criando raízes profundas na minha essência.

As lembranças da adolescência são mais nítidas, marcadas pela mudança de habitação, de uma pequena ilha ribeirinha para uma vila chamada Repartimento de Tuiué, o nome "Tuiué", de raízes tupi-guarani, une "tui" (ave) e "ué" (grandeza), evocando a majestade da garça-branca-grande, ave típica da Amazônia. Nessa vila amazônica rememoramos as primeiras aulas no ensino fundamental que traziam a novidade da divisão em tempos, com professores que iam e vinham, cada um com sua hora-aula. Essa fragmentação das disciplinas, criticada por pensadores como Ramos (2008), que discute como a formação educacional, influenciada pela hegemonia do positivismo e do mecanicismo das ciências, marcou minha imersão na educação formal que foi dividida em partes.

Essa transição do modelo de professor único que ministrava várias disciplinas para um professor por disciplina e demarcado por tempo de aula, na época era motivo de orgulho, pois marcava o fim da infância e o início da adolescência. A menina que antes usava lápis e giz de cera agora segurava caneta e corretivo, desenhando novos capítulos na sua jornada educacional, sem perceber que muito da formação omnilateral se perdia em meio a educação fragmentária, uma formação fragmentada e incompleta, como um rio que se dividia em várias correntes sem abertura às dimensões essenciais do ser humano, no sentido real, uma escola que se afastou muito da vida.

Assim, os voos dessa pequena grande garça branca alçaram em meio a uma educação fragmentada, corroborando com Kuenzer (2007), uma pedagogia baseada em modelos toyotistas que geravam propostas educacionais que, por vezes, focam nos conteúdos e, em outras, nas atividades, mas sem criar uma verdadeira integração entre o aluno e o conhecimento. Como resultado, a seleção e organização dos conteúdos são fundamentadas em visão positivista da ciência, caracterizada por um conhecimento linear e fragmentado no qual cada especialidade se desenvolve de maneira isolada, automatizando-se e perdendo a conexão com as práticas sociais e produtivas.

A crítica feita hoje, não fora percebida antes pois a ingenuidade de uma criança, em meio a um pequeno aglomerado de pessoas, onde as brincadeiras ingênuas da infância, nas ruas da vila, nas tardes que sucediam às aulas, misturavam-se com a pureza daqueles momentos. Nas brincadeiras de rua, a divisão em equipes, nas salas de aula, a divisão do ensino em compartimentos isolados entre si, gerava uma educação fragmentária e bancária, que não despertava reflexão ou questionamento, como se as asas da garça se erguessem em sua incompletude, ainda faltava algo para uma educação omnilateral.

No olhar além das aparências para essas memórias, refletimos sobre a finalidade da escola na formação de sujeitos críticos e em práticas transformativas, Leão et al., (2011, p. 1082) quando faz uma análise das escolas e sua colaboração nos projetos de vida dos estudantes, confere que essas apresentam o “desafio de se constituírem em uma referência, na qual os jovens possam ter acesso a reflexões, informações, habilidades e competências, dimensões importantes para a construção dos seus projetos de vida”.

No cerne deste cenário, o desafio da escola vai muito além da busca por resultados superficiais, muitas vezes mascarados pelos índices educacionais no Brasil. A verdadeira missão da escola é estabelecer uma conexão profunda com a vida dos estudantes, mais do que apenas habilidades técnicas, a escola deve almejar uma formação omnilateral, que Manacorda (2007, p. 87) inspirando em grandes pensadores, descreve como o "desenvolvimento total, completo, multilateral, em todos os sentidos, das faculdades e das

forças produtivas, das necessidades e da capacidade de satisfazê-las". Contudo, essa plenitude formativa, que deveria se manifestar desde a infância, muitas vezes não encontrou eco em nossas memórias, e a escola, em sua essência, não se tornou a ponte viva que tanto desejávamos.

A escola moldada por um sistema neoliberal, não se tornou um espaço onde o estudante se tornasse o protagonista do próprio aprendizado, tampouco uma forja para a vida, a criticidade e o anseio por uma sociedade mais justa. Em vez disso, faltou a formação que promove a transformação profunda e abrangente, aquela que busca romper com as dualidades históricas e abraçar o desenvolvimento omnilateral, tocando todas as dimensões possíveis e impulsionando mudanças sociais verdadeiras, pois, para o sistema não é atrativo a formação de sujeitos críticos e questionadores.

Assim, na descrição desse processo formativo, a continuação do rememorar, marca o início de um verdadeiro dilema, a entrada no ensino médio que se entrelaça com a memória da mudança para a "cidade grande". As sensações daquele dia ainda permanecem vívidas: o vento no rosto enquanto o barco deslizava pelas águas, a mistura de perfumes dos passageiros, e os sons das conversas que se fundiam com o ronco constante do motor.

Foram cinco horas de viagem até Manacapuru. Consequentemente a memória resgatada a seguir é a da matrícula em uma nova escola, onde tudo era desconhecido: novos amigos, novos professores e a crescente responsabilidade sobre os ombros de uma jovem de 15 anos, que precisava conciliar os estudos com o trabalho para se sustentar. Esse dilema, contudo, não foi vivido apenas por esta pesquisadora; muitos jovens enfrentam a mesma realidade, como mostram os dados sobre o trabalho juvenil no país.

Nesta memória sobre as minhas condições juvenis, emerge uma questão crucial: a inserção precoce no mercado de trabalho, à qual tantos outros jovens de classes subalternas são submetidos. Conforme dados do portal QEdu (2023), 10,5% da juventude amazonense entre 15 e 17 anos trabalha e estuda. Essa entrada prematura no mercado influencia negativamente tanto a qualidade da educação quanto o envolvimento desses jovens com a escola, sendo um dos fatores que podem comprometer suas trajetórias escolares, desviando-as de um caminho de formação sólida (Leão et al., 2011).

Essas experiências, marcadas na pele, nos levam a refletir sobre o impacto do contexto social e das condições juvenis no desenvolvimento dos sujeitos. É esse contexto que determina se esses jovens se constituirão como dirigentes ou dirigidos, pois eles se encontram em um mundo preexistente, onde as construções históricas já estão estabelecidas, moldando a produção de cada um como sujeito social.

Embora o desejo de sonhar e buscar uma vida melhor dependa da iniciativa de cada pessoa, a concretização desses sonhos só é possível com o suporte do sistema e das forças que asseguram condições de igualdade e oportunidades para todos. Como afirma Dayrell (2003), qualquer instituição seja a escola, o trabalho ou aquelas ligadas à cultura tem sua eficácia limitada se não estiver amparada por uma rede de sustentação mais ampla. Para que os jovens possam se afirmar como sujeitos e cidadãos plenos, com direito a viver plenamente sua juventude, é essencial que existam políticas públicas que garantam os espaços e tempos necessários para que isso se concretize.

Reconhecemos na escola a função social de semear transformações e sonhos, de abrir horizontes em meio à aridez social. Contudo, ela não carrega sozinha a chave para sanar as desigualdades ou tecer, de forma plena, uma formação humana e integral. Ainda

que a escola contribua com as mudanças, outras correntes como a negligência estatal e os ventos neoliberais tentam manipular a educação escolar segundo o viés econômico e, por conseguinte, compromete a trajetória de muitos jovens.

Enquanto isso, uma parte da sociedade se resigna a um cenário desigual, aceitando-o como normalidade. Essa passividade permite que juventudes das classes mais vulneráveis sejam tragadas pela exploração. No ensino médio, em especial, a educação e o trabalho se entrelaçam precocemente, já que muitos desses jovens precisam carregar o peso do sustento ainda tão cedo, dividindo o tempo entre o estudo e o labor.

Retornando as memórias do Ensino Médio, entre trabalho e estudos, emerge a ausência de uma formação profissional técnica de nível médio, silenciada pela falta de oferta em Manacapuru. Naquele tempo, não havia a presença do Instituto Federal, deixando uma geração de jovens sem a chance de sonhar com o ensino médio técnico. Defendemos isso pois entendemos que é nessa política pública de educação que vislumbramos a semente para uma formação ampla e necessária, corroborando com Ramos (2008), que enfatiza sobre a união do ensino médio à educação profissional não apenas como uma possibilidade, mas uma necessidade urgente, especialmente em um contexto no qual os filhos de trabalhadores precisam se apropriar de conhecimentos técnicos, científicos e profissionais não somente para a imersão no mundo do trabalho, como também a continuidade do estudo no ensino superior.

Além disso, essa integração tem o potencial de promover mudanças que, superando as dificuldades atuais, podem contribuir para a construção de uma educação voltada para uma sociedade mais justa, Silva e Salazar (2020), destacam aspectos basilares dessa educação, tais como:

Domínio intelectual e prático dos fundamentos científicos de maneira integrada; o trabalho como princípio educativo que amplia a capacidade, as potencialidades e os sentidos humanos; autonomia e emancipação humana, afastando o indivíduo da mera profissionalização que apenas direciona-o à unilateralidade (Silva; Salazar, 2020 p.134).

Assim, ao mergulhar nas lembranças, buscando conexões entre minha jornada e essa formação, não encontrei um elo na escola. No entanto, na busca por algo que recordasse alguma experiência pessoal na EPT, relembrei que fui colaboradora, ainda na fase da adolescência de um projeto chamado Jovem Cidadão, que se analisarmos à luz das legislações se encaixa dentro da Educação Profissional, esse projeto, que tinha como objetivo principal estabelecer estratégias de prevenção à violência no Estado do Amazonas, integrava ações socioeducativas, culturais, recreativas, desportivas e de qualificação profissional, desenvolvidas em conjunto por órgãos e entidades do Poder Executivo.

Conforme as Diretrizes da EPT (Brasil, 2021), a qualificação profissional se integra à Educação Profissional, promovida por meio de cursos e programas de qualificação, abrangendo tanto a formação inicial quanto a continuada dos trabalhadores (Brasil, 2021). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) destaca que a educação tem como finalidade o desenvolvimento pleno do educando, preparando-o para o exercício da cidadania e qualificando-o para o trabalho (Brasil, 1996), e delega que os cursos e programas de qualificação profissional, podem ser oferecidos em todos os níveis de escolaridade, visando ao desenvolvimento das aptidões para a vida produtiva e social (Brasil, 2004).

Embora tenhamos participado dessas experiências de qualificação profissional por meio do projeto Jovem Cidadão, que oferecia cursos de qualificação profissional à juventude da época, hoje reconhecemos a incompletude dessa formação. Como uma jovem estudante no Ensino Médio, participava do programa, sem, contudo, compreender o processo no qual estava imersa, logo tudo parecia adequado. No entanto, ao fazer as leituras e ao participar das discussões no mestrado em Educação Profissional e Tecnológica, meu olhar se ampliou, permitindo-me questionar e compreender esse tipo de formação que, à luz do conhecimento atual, não atendia plenamente às necessidades formativas, se revelando como uma política compensatória de caráter assistencialista.

Para realizar uma análise sobre a qualificação profissional, é essencial entender a urgência de que os jovens inseridos nessa proposta educacional tenham acesso não somente aos cursos de curta duração ou mera instrução técnica, mas, sobretudo, que os estudantes desenvolvam uma formação que realmente seja inclusiva para o mundo do trabalho. Corroboramos com Kuenzer (2007), que critica a tendência de substituir a escolarização básica por cursos rápidos de formação profissional, que são apresentados como soluções para melhorar a empregabilidade, mas que, na verdade, muitas vezes resultam em uma "certificação vazia" como ela mesmo denomina. Assim, criam uma inclusão aparente que, na prática, apenas perpetua a exclusão do mundo do trabalho e dos direitos sociais.

As memórias, antes desprovidas de sabor, agora despertam uma crítica profunda ao refletir sobre a necessidade vital de que o trabalhador possua o conhecimento necessário para enfrentar ações exploradoras e opressoras, enraizadas no contexto político e econômico que o cerca. Dessa forma, os cursos de qualificação não podem se limitar à simples formação de mão de obra, mesmo que historicamente ligados à divisão do trabalho. É essencial que esses processos reconheçam o trabalhador em sua totalidade, que vai além das habilidades técnicas e do produto acabado, e que busquem formar indivíduos críticos, conscientes de sua própria realidade.

4. O VOO PARA A CIDADE GRANDE E A EXPANSÃO DE HORIZONTES

Grande parte das nossas percepções de mundo nascem das experiências, das vivências e acontecimentos que acumulamos ao longo da jornada. Aquela menina da comunidade Repartimento de Tuiuiú, assim como a grande garça branca que dá nome ao lugar, precisou alçar voo, migrando para a imensidão de Manaus. Carregou consigo, no íntimo, a sua bagagem de vivências, culturas, regionalidades que lhe constituía.

Após concluir a educação básica, seguimos em direção a Manaus, nesse cenário uma parte da bagagem que carregávamos foram remodeladas, ao ingressarmos na Universidade Federal do Amazonas, (UFAM), no curso de Pedagogia, onde o olhar sobre os processos de formação humana se expandiu, ampliando a compreensão do mundo e de mim mesma. As lembranças desse período evocam um universo completamente novo: a vastidão da cidade grande, os ônibus sempre superlotados, e o medo constante de me perder, tanto fisicamente nas ruas desconhecidas quanto figurativamente, desviando-me do foco e do propósito que me trouxeram até ali.

Ao recordar esse período, direciono o olhar para as dificuldades enfrentadas pela juventude da classe subalterna em busca de formação profissional, que também foram vivenciados na pele com todos os aspectos em que as desigualdades se manifestam. Por exemplo, entre dois jovens da mesma idade, em curso e universidades iguais, mas ainda

assim, suas realidades são completamente distintas. Um jovem da zona sul gasta, em média, 20 minutos para chegar à universidade, precisando pegar apenas um ônibus; enquanto isso, o jovem da zona leste ou norte, para chegar à mesma sala de aula, deve transitar entre terminais e tomar, em média, três ônibus, dependendo da região onde mora. Esses bairros, onde a violência é predominante, apresentam um risco constante de assaltos durante o trajeto.

Minha trajetória em Manaus foi marcada por dias de luta e superação. Para chegar até a universidade, era preciso embarcar em oito ônibus diariamente, quatro na ida e quatro na volta. Ao chegar lá, as condições socioeconômicas muitas vezes me limitavam, e minha única refeição era no Restaurante Universitário (RU), que, em certas ocasiões, sustentava-me até o retorno para casa, em um caminho longo, entre ônibus lotados, o suor dos corpos e o constante medo dos assaltos.

Meses depois de adentrar na UFAM, ao pleitear benefícios pela política de assistência estudantil, ocorreu a obtenção do Auxílio Moradia, que ajudou no pagamento de aluguel, e a Bolsa Trabalho, que possibilitou a aquisição de livros, as fotocópias dos textos e o pagamento das passagens de ônibus. E, ainda nessa trajetória, somada a isso a atuação como bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) se constituíram como pilares fundamentais para a conclusão do curso de Pedagogia.

Hoje refletimos que é crucial, o desenvolvimento dessas políticas públicas voltadas para as juventudes manauaras. Nota-se uma escassez de espaços de diálogo para os jovens, e, quando mecanismos de política são criados, geralmente são projetos idealizados por adultos que carecem da vivência necessária para discutir tais questões de forma eficaz e representativa conforme Carrano (2013):

No caso das políticas públicas destinadas aos jovens na última década, nota-se que elas se destinaram muito mais a oferecer aquilo que se intuiu ser as necessidades dos jovens e muito menos a se ocupar em indagar ou provocar processos que abrissem espaços e tempos de diálogo para que os próprios jovens apontassem caminhos e demandas. Os jovens precisam de espaços e tempos não apenas para receber projetos pré-concebidos por lógicas adultas; eles e elas querem dizer o que precisam e sinalizar para o que podem fazer individual e coletivamente (Carrano, 2013, p.24).

Estariam as juventudes de Manaus vivendo em equidade em uma sociedade de classes? É essencial olhar para essas condições juvenis manauaras além das aparências imediatas, pois um discurso amplamente defendido por grupos de extrema-direita é o da meritocracia, que perde força ao analisarmos as disparidades evidenciadas em pequenos detalhes, como os apontados acima. Embora ambos os jovens estejam no mesmo local, suas condições juvenis são completamente diferentes, as mesmas 24 horas diárias não podem ser usufruídas da mesma maneira.

Em outras palavras comungamos com Alves e Dayrell (2015) que citam que enquanto alguns atribuem toda a responsabilidade pelos projetos de vida ao indivíduo, outros o enxergam como incapaz, alguém que nunca alcançará o sucesso. Essas perspectivas, no entanto, desconsideram que as condições socioeconômicas em uma sociedade capitalista podem representar um grande obstáculo na elaboração de projetos de vida. Nem sempre basta querer; tais condições podem gerar efeitos perversos, sufocar

sonhos individuais e comprometer o desenvolvimento social, ao não oferecer igualdade de condições e oportunidades, nem proporcionar o mesmo ponto de partida para todos.

Ao rememorar as idas e vindas à universidade, entrelaçadas entre igualdades e desigualdades, ampliação de olhares, mudanças de perspectivas e muitas dificuldades concluímos a graduação e ingressamos no mundo do trabalho por meio da participação em um concurso público. Com a aprovação no concurso, teve início a atuação como professora da Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED) e, logo, afloraram os questionamentos e as reflexões sobre o trabalho docente na escola pública. Tornou-se evidente a materialização da educação dual, cada vez mais enraizada no sistema público. Essa dualidade, plantada no solo da educação durante a revolução industrial e cultivada por meio de diversas reformas ao longo dos anos, forma sujeitos incompletos, que dominam uma única técnica em detrimento de outras dimensões essenciais para sua formação integral.

Conforme Ramos (2017), o modelo educacional, historicamente marcado por oscilações e pela separação entre a formação para o trabalho manual e a formação intelectual, deveria ser superado por uma escola unitária que tem o trabalho como princípio educativo, nessa direção a educação politécnica surge como um ideal, buscando oferecer aos estudantes uma compreensão ampla dos fundamentos científicos, tecnológicos e sócio-históricos da produção. Dessa forma, ir além da formação técnica limitada aos trabalhadores e da formação acadêmica destinada às elites, promovendo um desenvolvimento omnilateral dos indivíduos.

Essas vivências nos impulsionaram, pois, ao estar fundamentados teoricamente, poderíamos evitar repetir o ciclo de formação do qual participamos. Em 2023, ao imergir no mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Amazonas, vivemos a materialização de um sonho nas experiências diárias de uma devota da educação, ao mesmo tempo uma enxurrada de conhecimentos, até então desconhecidos, nos envolvia, sugerindo que deveríamos encontrar um porto seguro, abraçar as teorias para responder inquietações. Foi então que constatamos a nudez de base teórica que nos envolvia, as experiências com os conceitos da educação profissional e tecnológica eram ainda incipientes, e agora, surgia a tarefa de elaborar uma dissertação sobre o tema.

Navegando em memórias, em busca de um impulso que encorajasse a desatar a canoa e aventurar por rios desconhecidos, recordamos de um programa desenvolvido pela instituição Semed: o Projovem Urbano, embora com experiências limitadas nesse campo, encontramos nele a ponte necessária para conectar a jornada do mestrado às vivências profissionais. Mergulhar nesse território pouco explorado permitiu-nos ampliar horizontes e aprofundar a compreensão sobre os fundamentos da educação profissional e tecnológica.

Uniram-se, então, vivências juvenis e particulares da pesquisadora às lutas dos jovens que integram o Projovem. Assim como eles enfrentaram os reflexos das desigualdades presentes em nosso país, a voz de uma ribeirinha, oriunda de uma família da classe subalterna, e que percorreu um caminho repleto de dificuldades até alcançar a universidade se une as vozes dessas juventudes com vivências marcadas pela luta e pela resistência, impulsionada pelo desejo incansável de estudar e vencer os obstáculos impostos pelo contexto social.

As juventudes, como destacou Dayrell, são únicas, e os cenários nos quais se expressam são ainda mais particulares. Ele emprega o termo "juventudes", no plural, para ressaltar a diversidade de formas de ser jovem. As juventudes assim escritas, no "plural"

representam a diversidade de tramas que constitui cada jovem e sua essência, seus modos e maneiras de agir sobre o mundo, de acordo com sua cultura, o local onde está inserido, seus costumes entre outras questões, dessa forma:

A vida em sociedade determina, de alguma maneira, quem somos, a forma como pensamos e orientamos nossos projetos de vida, de acordo com o papel que Referências desejamos desempenhar nessa sociedade. Sendo assim, nossos projetos refletem nossos valores e os valores do grupo em que vivemos (Alves; Dayrell, 2015, p. 389).

Ao adentrar nas pesquisas sobre o ProJovem Urbano encontramos jovens repletos de ideias, valores e sonhos, moldados pelo tecido de seu contexto social. São jovens que em sua maioria habitam os arredores da escola, em um bairro da zona Norte de Manaus, e que carregam consigo o anseio de recuperar o tempo perdido, quando, por razões diversas, não tiveram acesso ou precisaram interromper seus estudos. Hoje, lutam com coragem para concluir sua jornada e alcançar um curso de qualificação profissional, buscando tecer um novo futuro com as próprias mãos.

O ProJovem Urbano, regulamentado pela Lei nº 11.692/2008, tem como objetivo “promover a reintegração dos jovens ao processo educacional, sua qualificação profissional e seu desenvolvimento humano (Brasil 2008)”. A história e as experiências desses jovens se conectam à história coletiva, ressaltando a importância da inclusão e do resgate educacional.

Embora faça parte das políticas compensatórias, se destaca como uma iniciativa essencial para jovens que, por diversos motivos, não puderam concluir seus estudos no tempo esperado e agora buscam reparar essa lacuna. Nesse cenário, revivemos um episódio já conhecido em nossas memórias: o discurso que une a qualificação profissional à formação básica, agora analisado com um olhar mais crítico.

Na época em que vivenciávamos as experiências no projeto Jovem Cidadão, descrito anteriormente, absorvemos o discurso da qualificação profissional sem poder dar voz a um olhar crítico, pois estávamos imersos em uma formação básica que nos alienava, carecendo dos conhecimentos teóricos que agora nos permitem ver com mais clareza. Hoje, refletimos com maior profundidade sobre como essa formação tem sido conduzida e de que maneira ela contribui para a formação integral das juventudes que atravessam o programa.

Conforme apontado por Gaspar (2019), o ProJovem é estruturado de modo a atender às demandas do capital, o que resulta na precarização da formação inicial e transforma a educação em um simples mecanismo de reprodução da força de trabalho. Embora o programa se apresente como uma política inclusiva, ao promover a democratização do ensino, acaba por excluir devido a baixa qualidade social da certificação profissional oferecida.

Assim como Gaspar, outros autores oferecem uma análise sobre a formação proporcionada pelo ProJovem, mas também destacam aspectos positivos. Thomazini (2017), por exemplo, considera o programa um espaço importante para o reconhecimento dos jovens como sujeitos de direitos, onde o diálogo e a construção de significados são incentivados. O ProJovem Urbano é visto como um ambiente que promove a participação ativa dos jovens na cidadania, refletido nos materiais pedagógicos que evidenciam uma formação integral. A perspectiva de Thomazini enfatiza que o

programa facilita a conexão entre teoria e prática, ajudando os jovens a encontrarem soluções para os desafios enfrentados em suas comunidades.

Entre as lacunas e possibilidades, é crucial refletir sobre a formação profissional oferecida a essa juventude, uma formação que vá além da superfície, entrelaçada com vivências significativas e alicerçada em uma base sólida para o mundo do trabalho, ressaltamos a necessidade de uma escola conectada à vida real, onde o estudante seja um participante ativo nos processos educacionais. Esta escola deve oferecer uma formação voltada o desenvolvimento do pensamento crítico, imbuindo nos estudantes o desejo de construir uma sociedade igualitária, que vise a quebra da dualidade histórica, na busca por um ensino que preze pelo desenvolvimento omnilateral e uma formação politécnica que tenha o trabalho como princípio educativo, visando sobretudo mudanças sociais.

Silva e Salazar (2020) afirmam, fundamentados em diferentes autores, que a realização plena de uma educação voltada para a politecnia ainda é uma meta a ser atingida no futuro, sobretudo quando a divisão de classes for superada. Apesar disso, a caminhada rumo a esse ideal tem sido marcada pela atuação de educadores e grupos políticos, que, ao longo da história, alcançaram importantes avanços no campo da educação profissional e tecnológica.

Assim, retomando a metáfora inicial proposta nesse texto, fazemos a seguinte analogia, assim como os rios Negro e Solimões percorrem um longo caminho lado a lado sem se misturar até se unirem e formarem o rio Amazonas, também trilharemos um extenso percurso em direção à educação idealizada. Somente ao nos unirmos em prol das transformações necessárias é que formaremos um grande rio de equidade. Esse caminho deve ser percorrido e a luta precisa ser travada por meio de movimentos sociais de base, que serão responsáveis por garantir mudanças estruturais.

5. MEMÓRIAS E PERCEPÇÕES: O OLHAR PARA A EPT AO LONGO DO TEMPO

Ao final deste mergulho nas correntes das memórias que desaguam nas percepções atuais sobre a educação profissional e tecnológica, emergimos com uma compreensão mais profunda e crítica, capaz de orientar futuras ações e reflexões nessa área, assim, com a formação que hoje nos guia, despertamos memórias de uma escola que nos esculpiu, de contextos e vivências que moldaram o que somos. Inspirados por esse legado, refletimos sobre a educação profissional como um trilha para tornar igualdades palpáveis, um caminho que abraça e inclui as juventudes, oferecendo-lhes novas possibilidades.

É essencial que as perspectivas aqui suscitadas a partir do percurso de uma pesquisadora, que volta a sua linha do tempo e tece críticas a partir de suas percepções de mundo atuais sejam fonte para que outros compreendam a papel prevalescente da educação na formação de sujeitos críticos, ainda que na época em que os eventos ocorreram não houvesse construído esse olhar crítico, a trajetória da vida e dos estudos lhe construíram, materializando o poder da educação para as juventudes, principalmente da classe subalterna.

Como educadores, temos em nossas mãos a tarefa de, mesmo com pequenos gestos, lutar contra os processos de alienação humana. Nosso papel é semear nas mentes dos nossos educandos o desejo de resistir às opressões, de transformar a realidade em algo mais justo e igualitário. Assim, clamamos pela urgência de uma escola pública que flua como um rio justo, irrigando a terra da equidade e tendo o Estado como guardião das

margens, zelando pelos direitos. Que as águas da educação corram, não para nutrir o capital, mas para fortalecer a formação humana, preparando o jovem para navegar tanto pelo mundo do trabalho quanto pela vida, vivendo a liberdade do usufruto dos bens que produz.

Encerramos nosso trabalho com a metáfora dos rios e das águas: Os rios Negro e Solimões se unem em um só, formando o majestoso rio Amazonas, o maior do mundo em volume e extensão, percorre vastas paisagens até desaguar no Atlântico. Em sua jornada, enfrenta desníveis que, além de permitir a navegação, sustentam uma rica biodiversidade, vital para as populações ribeirinhas. Da mesma forma, a EPT no Brasil percorreu um caminho na busca pela materialização da escola unitária, caminho cheio de intempéries, avanços e retrocessos, até alcançar seu modelo atual, que, sob um olhar crítico, ainda precisa superar vastos desafios para superar a dualidade.

A busca pela união do pensar e do fazer, em prol de uma escola unitária torna-se imprescindível para alcançar uma educação fundamentada em princípios sólidos, que se distancie da simples profissionalização unilateral. Esse modelo deve priorizar uma formação integrada e completa, articulando ensino, pesquisa e extensão, em consonância com trabalho, cultura e tecnologia. Trata-se de uma proposta educacional que forma indivíduos capazes de agir com base nesses pilares, cujos efeitos reverberam diretamente na sociedade, refletindo a contribuição significativa que a escola pode oferecer ao tecido social.

Após tantas lembranças, concluímos com um olhar atual, refletindo sobre a Educação Profissional e Tecnológica no Brasil e reconhecendo a urgência de transformações estruturais tanto na sociedade quanto no sistema educacional. Nossa esperança por um futuro mais justo e inclusivo depende da superação dos desafios que ainda afetam essa modalidade de ensino. Por isso, sugerimos novas discussões que podem ser desenvolvidas a partir dos debates realizados aqui.

Os apontamentos para pesquisas futuras que podem dar continuidade às reflexões aqui iniciadas, dizem respeito, em especial, aos inúmeros desafios enfrentados na educação, os quais frequentemente impedem a concretização da educação ideal. Dentre esses desafios, o mais crucial talvez seja o reconhecimento das influências que o paradigma neoliberal exerce sobre a educação brasileira, afastando-a de sua função de promover uma formação humana integral, para submetê-la aos ideais capitalistas da sociedade moderna. Esse fenômeno, ao desvirtuar os propósitos educacionais, torna-se um ponto central para futuras investigações e propostas de transformação.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão flui como as águas de rios que se encontram, navegados por inúmeros atores que remam ao meu lado. Cada um, com suas braçadas, me ajuda a avançar nesse rio da vida. Mesmo os gestos mais sutis de cada um contribuem para minha travessia como pesquisadora. A minha filha, que é a correnteza que me impulsiona a lutar por um futuro em que ela cresça em uma sociedade mais justa e igualitária. A minha mãe, que, como a nascente, me inspirou por anos, oferecendo-me o que ela mesma não teve: uma educação humanizadora, ao meu esposo, que, como uma margem firme, cuida de nossa família com dedicação. A minha orientadora, Deuzilene Salazar, que na linguagem das águas amazônicas é minha quilha firme, mantendo minha canoa estável e me guiando pelas correntezas na direção certa. E, com especial carinho, ao professor Lacerda, que,

como um afluente caudaloso, deságua sua dedicação nas aulas, tornando-as correntes alegres e revigorantes. Ele guia com maestria o fluxo do olhar crítico sobre as teoria e práticas de ensino e aprendizagem, nutrindo cada mente que navega por suas águas. À Fapeam pelo financiamento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- [1] ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. História da educação. **ASPHE/FAE**, n. 14, p.79-95, Pelotas 2003.
- [2] ALVES, Maria Zenaide; DAYRELL, Juarez. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 41, n. 2, p. 375-390, jun. 2015.
- [3] BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - **Lei nº 9394/1996**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- [4] BRASIL. **Decreto nº 5.154**, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996, que estabelecem as diretrizes e bases da educação nacional, e dão outras providências. Brasília, 2004.
- [5] BRASIL. **Projeto Pedagógico Integrado do ProJovem Urbano**. Brasília: Programa Nacional de Inclusão de Jovens - ProJovem Urbano, 2008. Juventude – Brasil.
- [6] BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 1, de 5 de janeiro de 2021**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica. Diário Oficial da União, Brasília, 2021.
- [7] DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003. Disponível em < <https://www.scielo.br/> > acessado em: 18 ago. 2024.
- [8] FREITAS, F. de. GALVÃO, C. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. **Ciências & Cognição**; Ano 04, vol. 12, 2007. Disponível em: Acesso em: ago 2024.
- [9] GASPAR, Leandro da Silva. **Juventude, trabalho e educação: "pequena política" de qualificação profissional no Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM URBANO)**. São Paulo 2019. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo. Acesso em 26 ago 2024. Disponível em <https://doi.org/10.11606/T.48.2019.tde-23102020-162142>.
- [10] GLOBdoc. **AMAZÔNIA: Uma Jornada Inesquecível [Documentário Completo]**. [Vídeo]. YouTube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=35:02>. Acesso em: 25 set. 2024.
- [11] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/mapas.html?localidade=&recorte=N3>. Acesso em 01 ago. 2024.
- [12] KUENZER, A. Z. Da dualidade assumida à dualidade negada: o discurso da flexibilidade justifica a inclusão excludente. **Educação e Sociedade**, v. 28, p. 1153-1178, out. 2007.
- [13] KUENZER, A. Z. Exclusão Incluyente e Inclusão Ex-cluyente. A nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: SANFELICE, José Luís; SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, J. C. (Org.). **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas, 2007.
- [14] LEÃO, Geraldo, et al., Juventude, Projetos de Vida e Ensino Médio. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out.-dez. 2011 Disponível em: www.cedes.unicamp.br, acesso em jun. 2024.
- [15] MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- [16] QEDU. <https://qedu.org.br/sobre> Juventudes e Trabalho Conhecer para não deixar ninguém para trás. **QEDU**. Disponível em: <https://juventudetrabalho.qedu.org.br/> acesso em: 26 de ago. 2024.
- [17] RAMOS, Marise. **Concepção do Ensino Médio Integrado**. Texto apresentado em seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Para em 2008. Disponível em http://forumaja.org.br/go/sites/forumaja.org.br/go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrado5.pdf. Acesso em: 11 ago. 2024.

[18] RAMOS, Marise. Ensino Médio Integrado: Lutas Históricas e Resistências em Tempos de Regressão. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 1, nº 1, 2017. Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Acesso em 02 set 2024, disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/356/317>.

[19] SILVA. Gilson Allefy Chaves da. SALAZAR. Deuzilene Marques. Formação politécnica: uma análise dos projetos pedagógicos de curso do IFAM. **EPT em Revista**. v. 4, nº especial, 2020 – p. 122-144, ISSN: 2594-4827 Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Disponível em: Educação Profissional e Tecnológica em Revista (ifes.edu.br). Acesso em ago 2024.

[20] THOMAZINI, Jessica. **Projovem Urbano**: conceitos de juventude, participação e cidadania e suas contradições. Rio Claro 2017. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro. Acesso em 02 set. 2024. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/152163>.

Flâneuse¹ : trajetória de uma professora negra na educação profissional e tecnológica

Danielly Santos Minhós², Maria Francisca Moraes de Lima³

Olhei no espelho, Ícaro me encarou

Cuidado, não voa tão perto do Sol

Eles num guenta te ver livre, imagina te ver rei[...]

Emicida.

1. INTRODUÇÃO

Para falar de onde estou e os caminhos que percorri para chegar até aqui, preciso voltar a menina de cabelos assanhados que brincava na rua com meninos como se um deles fosse. Minha infância não foi das mais difíceis, mas também não foi das mais fáceis, sempre tive o necessário, mas nunca o supérfluo. Minha mãe, uma nordestina arretada, trabalhou incansavelmente para que a mim e minhas irmãs nunca faltasse nada, mas sobretudo que nunca faltasse a vontade de progredir, de estudar, de avançar.

Com meu pai aprendi a ter paixão pela leitura e pela oratória. Cresci motivada pelo sonho de minha mãe em ver as filhas formadas. Para ela, que conheceu a fome, a seca e as agruras do sertão, somente a educação seria capaz de suplantear qualquer tipo de pobreza. De onde venho chegar à faculdade não é o caminho obvio, não sou a regra, sou certamente a exceção. Sou a primeira neta da família a ter um diploma universitário, foram necessárias algumas gerações para que essa realidade se materializasse em mim.

Os caminhos da vida e as ondas do mar do destino me levaram até o curso de Licenciatura em História. Foi lá que descobri minha vocação para a educação e onde pude me apaixonar de maneira profunda por essa área do conhecimento. Costumo dizer que fui capturada pela *clio* (deusa da história). O tempo passou, formei-me e iniciei minha jornada na docência. Durante esse início de caminhada, a mais bela surpresa a vida me apresentou que foi a chegada do meu pequeno sol, meu filho Miguel, que tem sido inspiração constante em minhas lutas por uma educação melhor e por justiça social.

O trabalho se divide em sete partes, que por meio do uso do método narrativo autobiográfico mostrará algumas tonalidades da Educação Profissional e Tecnológica e alguns desdobramentos.

¹ Substantivo francês que se refere a uma mulher que observa a cidade enquanto caminha.

² Mestranda do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT. Professora estatutária da Secretaria Estadual de Educação do Amazonas e da Secretaria Municipal de Educação de Manaus.

³ Doutora em língua portuguesa. Professora titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

O desafio desse texto é articular uma narrativa autobiográfica que dê conta de meu percurso na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), evidenciando os caminhos tomados, os percalços, os desafios, as certezas abaladas e as reafirmadas. De acordo com Novoa (2004), é importante salientar que a abordagem autobiográfica, que toma como ponto de partida histórias de vida, pensam não somente o passado, mas sobretudo o futuro.

Machado (2021) afirma que as narrativas autobiográficas são uma inevitável volta ao passado, um incontornável retorno as memórias e que esse retorno pode provocar desconforto na medida em que nos faz rever/ relembrar os erros e acertos do passado, responsáveis por provocar novas consciências e atitudes. A narrativa é, portanto, o caminho para entender os outros e o mundo e de acordo com Tahar (2009), é uma experiência dialógica interessada nas experiências de significados.

Este texto tem caráter qualitativo que, de acordo com Sampiere (2013), pressupõe um processo dinâmico e circular, onde as hipóteses e perguntas podem surgir a qualquer momento, dando novas nuances à pesquisa. Vale ressaltar que não é, de forma alguma, um método menos confiável ou desleixado. Pelo contrário, ampara-se em procedimentos criteriosos e rigorosos que lhe confere um status de método confiável de pesquisa, porém com suas especificidades uma vez que é largamente utilizado em processos de pesquisa no campo das humanidades e, tudo que envolve o trato com o ser humano, demanda cautela e não segue um padrão absolutamente exato, como nas demais ciências.

Destaco que este estudo é resultado de trabalho em conjunto. Para tanto, contei com as orientações de minha orientadora, professora Dra. Maria Francisca que, com sua extensa experiência acadêmica e docente contribuiu de maneira precisa e vital para o desenvolvimento deste trabalho. As sábias orientações da professora certamente ecoam pelas linhas que se seguem.

3. O INÍCIO DE UMA PAIXÃO: O COMEÇO DE UM RELACIONAMENTO DURADOURO COM A EDUCAÇÃO

Iniciei no magistério ainda durante a graduação, em 2012. A urgência financeira me empurrou de maneira mais rápida para a realidade de uma sala de aula. Nenhuma disciplina ou professor da universidade foi capaz de me preparar para o que encontrei na sala de aula. Os sonhos sobre a educação começaram a desmoronar diante de tantos desafios, tudo que pensei sobre o processo educativo foi sendo abandonado ou reformulado de acordo com a materialidade do cenário que encontrado.

A paixão pelo processo educativo, pelo ensinar, pela relação com os alunos só foi de fato despertada anos depois do início da jornada pedagógica. Cheguei em um momento crucial da minha vida que passei a me perguntar: Que diferença eu estava fazendo na vida dos alunos? Como eu estava impactando positiva ou negativamente no processo de desenvolvimento deles?

Esses questionamentos decorrem do fato de que sempre acreditei no potencial transformador da educação e por isso me indagava de que forma faria parte dessa transformação. Aos poucos, construí uma maneira muito particular de estar em sala de aula com os alunos, com suas realidades, com o conteúdo e com o mundo. Acredito na

educação que é capaz de mudar destinos, de construir sonhos, estabelecer pontes e de fazer voar.

Freire (2021), em seus escritos, enfatiza exatamente essa visão sobre a educação e a pedagogia de maneira geral, destacando de maneira fulcral que a educação precisa ser um processo que fomente emancipação e isso só será possível, por meio de um processo educativo ético, que respeite os sujeitos enquanto sujeitos, ou seja, não se pode educar para a liberdade, para a criatividade, para o sonhar se as bagagens de cada indivíduo não forem respeitadas e entendidas ao longo do percurso.

Na mesma linha de pensamento, Hooks (2017) também pontua fortemente a necessidade de a escola ser o lugar onde as possibilidades de sonho e liberdade floresçam. Onde a educação seja transgressora das velhas estruturas que conduzem a uma formação social patriarcal e preconceituosa. Minha visão sobre educação está de maneira irrefreável alinhada com a pedagogia construtivista crítica de Paulo Freire e Hooks, embora me posicione ideologicamente no campo marxista e esse nem sempre coadune completamente com essa vertente pedagógica.

Confesso que pensar sobre a EPT nunca tinha sido um atravessamento em minha trajetória profissional. Tudo mudou em 2017 quando comecei a lecionar em uma escola onde estava sendo executado um projeto piloto do que viria a ser depois conhecido como Novo Ensino Médio (NEM)

4. UM NOVO DESAFIO: UMA PROFESSORA EM CONSTRUÇÃO PARA A REALIDADE DO NOVO ENSINO MEDIO (NEM)

Quando iniciei o curso de história, sabia que estava caminhando em direção a uma formação para a docência, mas só compreendi o tamanho do passo que estava dando quando os primeiros anos no magistério foram passando e fui tomando consciência da responsabilidade gigantesca que o professor carrega. Não escolhi a educação, foi ela que me roubou um abraço e nunca mais a larguei

Em 2017, comecei a primeira experiência na EPT na Escola Estadual Governador Melo e Povoas, escola escolhida para desenvolver um projeto piloto do Novo Ensino Médio, no bairro do Santo Antônio. A proposta do NEM ocorreu nessa escola de 2017 a 2019. Passamos por diversas turbulências, ao longo desses três anos, dificuldades de várias naturezas, mas sobretudo dificuldades com a adaptação de professores e alunos a esse novo modelo ao qual não compreendíamos muito bem.

De início tudo nos parecia muito diferente e estranho. Não sabíamos do que se tratava essa nova proposta e nem sabíamos como ela se efetivaria na prática. Os percalços foram muitos, recordo-me com clareza que uma das grandes dúvidas era referente ao itinerário formativo que cada escola deveria oferecer.

Estar trabalhando em uma escola que desenvolvia projeto piloto do NEM me abriu a cabeça para novas possibilidades de educar. Era um novo desafio cheio de diferentes oportunidades de navegar pelo mar da educação. Fui percebendo a importância de um modelo educacional que desse conta de uma formação de maneira integral, que é justamente a proposta da EPT.

Ao longo do processo educacional brasileiro, muitos programas foram pensados dentro de uma urgência política de atendimento as demandas do mercado de trabalho, o que obviamente não posso me furtar a enfatizar que essa foi uma das motivações para a

criação do projeto que reformulou o processo educacional do ensino médio. Não é preciso fazer grande esforço para notar que se trata de um projeto alinhado a interesses econômicos e que responde aos anseios da classe dominante que busca abastecer o mercado de trabalho via educação tecnicista (Leme, Ruiz e Garcia, 2019), e configura-se como um dos reflexos do caráter dual da educação brasileira (Maduro; Heijmans; Moreira, 2020).

Vale ressaltar que a EPT, proposta que defendemos, visa formar o ser humano em sua completude, de maneira que sua atuação profissional vá além do apertar um parafuso em uma linha de produção. A reforma do ensino médio que questionamos trouxe um modelo que caminha mais ao tecnicismo e com uma preocupação latente e por muitas vezes até explícita em formar mão de obra para o mercado e não para o mundo do trabalho. Dessa forma podemos perceber que existem projetos educacionais em disputa (Passos, 2021), projetos esses que são antagônicos em seu caráter.

Como professora de disciplinas do novo currículo do NEM, percebemos que a nova proposta tinha, na prática, um viés que objetivava preparar os alunos para o mercado de trabalho, na medida em que disciplinas mais técnicas foram agregadas ao currículo. Ao longo das disciplinas, percebi que havia uma lacuna entre a teoria e a prática. Na teoria, a proposta do NEM se distanciava do que versa a EPT sobre uma formação humana e integral.

Uma formação humana e integral, como pensou Ramos (2014), que consiga concatenar trabalho, ciência e cultura é pilar central e fundamental na EPT, na medida em que forma pessoas não apenas para o mercado de trabalho, mas para o mundo do trabalho que vai muito além de exercer uma função, mas se estende para as relações estabelecidas nas diversas comunidades laborais e para a compreensão do universo do trabalho.

A politecnia, como um dos modelos desta modalidade, deve dar conta do ser humano no seu conjunto, foi defendida por Marx e vários pensadores marxistas que acreditavam que somente essa maneira de formação educacional formaria seres humanos capazes de, não só ler o mundo, enfrentá-lo, como também de transformá-lo. Em sua tese 11 sobre Feuerbach, Marx (2012), já apontava para a necessidade de não apenas interpretar o mundo, mas de transformá-lo.

A partir dessa premissa, minha missão no espaço escolar era a de ser uma ponte que possibilitasse aos alunos fazerem a travessia rumo a essa formação. Coube-me então o papel de estimular as mentes que a mim chegaram, embora ser sabido por todos que atuam na educação que não é tarefa fácil educar para a criticidade, para criatividade e para a autonomia. Nosso sistema educacional é repleto de engessamentos que dificultam essa caminhada.

O que tornou o percurso menos difícil e mais prazeroso foi ver o brilho nos olhos dos alunos quando conseguiam desenvolver uma postura mais cética e crítica diante das questões mais sensíveis da sociedade. Foi e ainda é um prazer indescritível sentir que de alguma forma consegui conduzir um aluno no caminho do desenvolvimento de suas habilidades de análise da sociedade na qual está inserido.

Entendo que o professor que se dispõe a percorrer a vereda de uma educação que seja integral em sua prática, que contemple as várias habilidades, objetividades e subjetividades do ser humano, não navegará em um mar de águas serenas. Decidir praticar uma educação que contemple as necessidades individuais dos alunos, mas que

também os prepare para interpretar o mundo e transformá-lo é uma tarefa por vezes ingrata pois esta permeada de obstáculos diários.

Em suma, o que faz a travessia valer a pena é perceber dia após dia que de pouquinho estamos avançando. Constatar que os alunos, depois de muitas conversas, debates, incentivos, passos para frente e alguns para trás, conseguem desenvolver um pensamento próprio sobre determinadas questões, que elaboram propostas para problemas que nos afligem, que conseguem ler o mundo de maneira menos binária, dá sentido as tempestades suportadas.

5. UM NOVO ENCONTRO: UM CAPÍTULO NOVO EM MINHA JORNADA NA EPTNM

O ano de 2020 iniciou como uma grande tormenta para o mundo, foram os meses mais nebulosos da história recente da humanidade. Foi o início da mais mortal pandemia que o século XXI conheceu. Em meses, milhões de pessoas se transformaram em lembranças para suas famílias. Foi em meio a esse caos e a mais absoluta incerteza que comecei a escrever um novo capítulo do livro de minha carreira no magistério. Comecei a lecionar na Escola Estadual Marechal Hermes e foi lá que tive uma relação mais íntima com a EPT.

A escola Marechal Hermes é reconhecida pelo exímio empenho em estimular o desenvolvimento das habilidades que contemplam uma formação menos dicotômica e mais integral nos alunos. Diante da nova configuração trazido pelo NEM, a escola se propõe constantemente a pensar projetos que tenham um caráter politécnico e que contribuam para uma formação humana e integral.

Alicerçada pela nova estrutura do ensino médio que, em sua teoria, persegue a aplicação de um ensino que consiga romper com a dualidade há muito praticada onde destina-se um tipo de educação para a burguesia e outro tipo de educação para os filhos dos trabalhadores (Frigotto, 2022), a escola Marechal Hermes iniciou em 2022 parceria com o Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM).

Ao longo dos últimos 08 anos, estive lecionando várias disciplinas do NEM, em escolas diferentes. Exercer o magistério em uma escola de EPTNM é desafiador, assim como o é em qualquer lugar. Porém é um desafio maior pois nos coloca a pensar e praticar a lógica da educação por outros vieses. A disciplina de *projeto de vida* foi a que lecionei por mais tempo. Pensar sobre como essa disciplina deveria ser organizada, ministrada e de que forma ela iria incidir sobre a vida dos alunos se configurou em um ponto de profunda reflexão.

A ausência de capacitação dos professores das novas disciplinas e, por diversas vezes, a inexistência de material didático se configurou como um grande obstáculo para uma prática mais acertada. De início, a grande maioria dos colegas professores possuíam pouco ou nenhum entendimento sobre o caráter epistemológico da disciplina, o que causou muitas confusões e desacertos.

Desenvolver projeto de vida com os estudantes é um dos esteios da reformulação do novo projeto para o ensino médio (Brito, 2023). A disciplina *projeto de vida*, possui um potencial enorme de alcance na vida dos alunos e se propõe ser um lugar de estímulo à criação de perspectiva e prospecção de futuro, acaba muitas vezes tendo seus efeitos limitados por conta de um mal preparo do professor para a ministração dessa disciplina. Esse mal preparo não parte dos professores, que fique claro. A ausência de capacitação

para lecionar determinadas disciplinas do Novo Ensino Médio é chancela das instâncias administrativas superiores, como as secretarias de educação estaduais.

6. ENEGRECENDO: O PROCESSO IDENTITÁRIO DE UMA PROFESSORA NEGRA NA EPT

Eu quero desaprender para aprender de novo.

Raspar as tintas com que me pintaram.

Desencaixotar emoções, recuperar sentidos.

Rubem Alves.

Começo esse trecho com Rubem Alves pois é exatamente nesse lugar do *desaprender para aprender de novo* que vivi nos últimos anos. Durante boa parte da minha vida, pensar sobre negritude e identidade não foi uma realidade. Se Simone de Beauvoir (2020) nos lembra que não se nasce mulher, torna-se, Lelia Gonzales (2022) nos afirma que também não se nasce negro, torna-se ao longo de um cruel processo de conquista dessa identidade.

Foi no exercício da educação que as questões da negritude apareceram e se tornaram centrais em meu processo identitário. Fui aos poucos me entendendo e afirmando como uma professora negra, desconstruindo muito do que acreditava ser verdade, criando uma subjetividade distinta, enegrecendo.

A compreensão da identidade é algo que toca, não somente a vida dos professores, mas também dos alunos. Muitos concluem a trajetória escolar sem nunca serem levados a pensar sobre suas identidades. Ter a capacidade de pensar de onde vem e como chegou a ser o que se é hoje faz parte de uma formação integral, que pretende que os alunos sejam entendidos e capacitados em suas especificidades e completudes.

Embora enfrentemos no Brasil um sistema social que segrega os indivíduos a partir da cor da pele, acabando por sustentar suas engrenagens na racialização dos corpos e na negação da pretitude enquanto potência (Lopes, 2022), no espaço da escola podemos dar os primeiros passos no caminho da desconstrução desse sistema e isso passa pelo viés do fortalecimento das identidades, sobretudo as que tem sido reiteradamente negadas, como a identidade negra.

A rotina em uma escola de EPTNM tornou os sentidos mais sensíveis as questões que envolvem a racialidade. Observar que os alunos, em sua maioria, não brancos, enfrentavam questões que são frutos de uma sociedade racializada. Debater esses pontos em sala de aula e propor constante reflexão é uma das tarefas que me cobro, pois, esses alunos não serão capazes de possuir uma formação completa, que contemple estudos propedêuticos e não propedêuticos, que tenha caráter politécnico, que entenda o trabalho como princípio educativo, se não se entenderem identitariamente.

7. ALÇANDO NOVOS VOOS: O INGRESSO NO MESTRADO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICO (PROFEPT)

Ingressar no mestrado do ProfEPT, trouxe-me uma das maiores alegrias que já senti em meu caminhar acadêmico. Não somente por estar em um programa conceituado e poder realizar o sonho de ser mestre, mas por tudo que encontrei lá. O desejo sempre foi o do aperfeiçoamento, de descobrir rotas novas e melhores para exercer o magistério com mais sabedoria e justiça.

Não pensava ser possível que a academia fosse um lugar onde os afetos pudessem florescer, pois as experiências anteriores me fizeram desacreditar. Ao iniciar no ProfEPT, fui invadida por enorme carinho para com meus colegas de jornada e pelos professores que tão despojadamente se dedicam ao ensino.

O desejo de aprender e de descobrir coisas novas sempre me perseguiu, nunca estive satisfeita em saber apenas o que já sei, não por capricho ou soberba, mas porque sempre houve perguntas que me inquietavam para as quais não tinha as respostas, sentindo, pois, necessidade de buscá-las.

A EPT se transformou em um lugar onde muitas perguntas foram respondidas, muitas inquietudes pessoais foram sossegadas, mas outras tantas questões surgiram e para as quais ainda não tenho as respostas e isso é o processo da aprendizagem. Sinto-me absolutamente desafiada todos os dias, mas também encorajada pelo companheirismo encontrado nos colegas de percurso.

O ProfEPT tem possibilitado a comunicação entre pessoas e profissionais que atuam em frentes distintas na luta pela educação. A politecnia, que é um princípio norteador da EPT, versa sobre várias habilidades que se complementam no processo de formação humana. As potencialidades desenvolvidas por meio de um processo formativo politécnico possibilitam ao indivíduo alçar um lugar onde o trabalho tenha uma dimensão ontocriativa, intermediado por três pilares fundamentais: conhecimento, ciência e tecnologia (Silva, 2020) e o ProfEPT tem sido a essência desses múltiplos saberes que se integram através das pessoas que o fazem, sejam alunos ou professores.

Estar no ProfEPT reafirmou minha certeza de que a educação precisa ser de qualidade e ao alcance de todos, portanto pública. É urgente que encontremos caminhos que conduzam a um processo educacional no mínimo equitativo, que permita a todos terem acesso a uma educação que forme para a intelectualidade e para o mundo do trabalho, que é a missão da EPT.

Para que a mudança que sonhamos ocorra, faz-se necessário uma disposição política muito grande, ou seja, políticas públicas efetivas, impulsionadas por nós, educadores, discentes e pela comunidade, por meio de cobranças, de chamamentos para o debate, pois só assim conseguiremos uma educação de qualidade que compreenda e respeite a diversidade dos sujeitos. Sonhar é, sem dúvida, essencial para mudanças de realidades que, às vezes parecem caóticas e são mesmo e é mesmo, mas se olharmos direito conseguiremos enxergar que o processo de mudança é possível.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Exercer o magistério tem possibilitado pensar minha prática, revisitar as escolhas, mensurar os passos dados e reavaliar minhas convicções. Estar no ProfEPT tem

contribuído imensamente para a constância desse processo. Todas as escolas onde estive e as funções que exerci me trouxeram até aqui.

Ao longo dos anos, ao participar ativamente do processo de formação de diversos alunos, consegui dar a mão para vários deles e ajudá-los a completar suas travessias. Nesse processo passei por modificações que me conduziram para o exercício de uma prática mais alinhada com um modelo de educação humana integral. Em todos os corredores que andei, em todas as salas que entrei e em todos os olhares que cruzei tentei deixar o melhor de mim e tudo o que acredito sobre uma educação potente, que seja realmente capaz de transformar seres humanos que transformarão o mundo.

Muitas vezes, pensamos que utopia é o sonho impossível, é o inalcançável. Quando imaginamos que tipo de professores somos e qual tipo queremos ser, para muitos pode parecer utópico demais, mas diferente da *utopia* de Thomas More (2021), a nossa utopia é marxista, é a utopia que pode ser construída, ou seja, se podemos sonhá-la podemos alcançá-la.

A EPT é o caminho educacional com maior potencialidade de desenvolver indivíduos preparados para o exercício da cidadania. Sujeitos que inseridos no mundo do trabalho estarão aptos, não apenas para a execução de uma atividade técnica, mas de estabelecer leituras da realidade e a partir disso criar meios e possibilidades de transformação social. Preparar os alunos para esse comportamento diante da vida se materializa como uma árdua tarefa. Praticar uma educação humana e integral exige comprometimento institucional e pessoal de cada professor. Não é o caminho mais fácil, mas é o que tem maiores condições de conduzir as camadas menos favorecidas da sociedade a sua emancipação.

Embora a luta por uma educação politécnica não seja algo novo, pois já havia sido proposta e disputada pelos soviéticos, continuamos a travar essa batalha na medida em que ainda não alcançamos o objetivo de uma educação humana e integral. Tal assertiva com certeza nos impulsiona a continuar lutando, sonhando por uma educação que ultrapasse os portões da escola, que possibilite ao discente o ressignificar dos conhecimentos e a importância de sua aplicabilidade em todas as áreas da sociedade, ou seja, uma educação que quebre a dualidade existente entre aqueles que detêm o capital e aqueles responsáveis em fortalecer esse capital.

Enquanto educadores, às vezes, sentimo-nos apáticos, achando que nossas lutas são em vão e que a educação anda em círculos, ou seja, não conseguimos avançar. Por diversas vezes, o desânimo nos faz repensar se vale a pena acreditar nas mudanças, mas aí encontro um aluno que me confia que a partir de minha intervenção em sala de aula agora ele consegue pensar em um futuro, que agora ele consegue enxergar o mundo de maneira mais crítica, que a partir de nossas discussões em sala de aula ele começou a ler ou escrever algo, nessa hora, ressurgem a esperança e a vontade de continuar acreditando em uma educação com equidade e de qualidade.

Em suma, a jornada na educação tem sido essa: acreditar, desacreditar, animar, desanimar, cair, levantar, pensar que não conseguimos mais, porém no dia seguinte estamos lá acreditando novamente que é possível. Talvez esse seja o *esperançar* de Paulo Freire (2020). Esse lugar que comporta dor, decepção, tristeza, cansaço, mas sobretudo esperança ativa. Os cristãos sempre dizem: o futuro a Deus pertence. Como cristãos, não discordamos, mas devemos crer que a construção do futuro é obra do ser humano, é pertença nossa.

Enfim, temos uma infinidade de sonhos e anseios quando se trata de educação, mas não temos a solução que dê conta de consertar as comprovadas falhas que existem em nosso sistema educacional, mas como diz Gramsci (1920), se o péssimo da razão nos apavora, o otimismo da vontade deve nos impulsionar. Enquanto, mulher negra, educadora, termino esse texto parafraseando Maria Bethania (2019), *eu gosto de viver a realidade, mas com algum delírio, porque só a realidade é insuportável*. É dessa matéria que sou feita, um pouco de desilusão, diante do flagrante desinteresse da classe política pela educação brasileira e do esfacelamento do campo educacional, mas absolutamente esperançosa e com vontade de ajudar a pensar e construir uma solução possível.

REFERÊNCIAS

- [1] ABRAHÃO, Maria Helena Mena Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 79–95, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223>. Acesso em: 30 nov. 2024.
- [2] CIAVATTA, Maria. O ensino integrado, a politécnica e a educação omnilateral. Por Que Lutamos? / The integrated education, the polytechnic and the omnilateral education. Why do we fight?. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 187–205, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9303>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- [3] BEAVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.
- [4] CUNHA, Jessica de Almeida; SALAZAR, Deuzilene Marques; CAMPOS, Cassia Samira de Sousa; UMBELINO, Maria Lucilene Menezes; SILVA, Cirlande Cabral. Politécnica e currículo integrado na rede federal de ensino: contextos e desafios na educação profissional e tecnológica integrada de nível médio. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, [S. l.], v. 4, n. Especial, p. 55–76, 2020. DOI: 10.36524/profept.v4iEspecial.634. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/634>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- [5] FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- [6] FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- [7] FRIGOTTO, Gaudêncio; OLIVEIRA, Tiago Fávero de. As bases da EPT em sua relação com a sociedade brasileira: concepções e práticas em disputa. In: ROSA, Daniele dos Santos; SILVA, Claudio Nei Nascimento da (org.). *As bases conceituais da EPT*. Ed. Brasília: Nova Paideia, 2022. P. 13–27.
- [8] GONZALES, Lelia. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- [9] HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- [10] LEME, Renata Bento; RUIZ, Maria Jose Ferreira; GARCIA, Sandra Regina de Oliveira. A interferência do empresariado nas políticas para a educação do trabalhador. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 87–100, 2019. DOI: 10.17648/2238-037X-trabedu-v28n3-9854. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9854>. Acesso em: 28 nov. 2024.
- [11] LOPES, Bruna Ataíde de Lima. et al. Tessituras da memória: leituras literárias e o ser negro pelo olhar de professores de uma escola de ensino médio no Cariri cearense. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. e13611124541, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i1.24541. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/24541>. Acesso em: 30 nov. 2024.
- [12] MADURO SILVA, Denise Bianca; HEIJMANS, Rosemary; MOREIRA, Priscila. Educação profissional técnica e tecnológica no Brasil: uma construção dual. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 29, n. 3, p. 151–168, 2021. DOI: 10.35699/2238-037X.2020.19914. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/19914>. Acesso em: 28 nov. 2024.
- [13] MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. São Paulo: Centaur, 2012.
- [14] MACHADO, Mercia Freire Rocha Cordeiro.; VIEIRA, Roberta Valeska Santana. Trajetória de vida docente e sua contribuição para a docência na educação profissional e tecnológica. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 21, n. 71, p. 1629–1652, out./dez. 2021. Disponível em:

<http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2021000401629&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 nov. 2024.

[15] MORE, Thomas. **Utopia**. São Paulo: Princípios, 2021.

[16] NOVOA, Antônio. “**Prefacio**”. In: JOSSO, Marie Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez.

[17] PASSOS, Roberta Cristine de Andrade. Projetos políticos em disputa: a importância da educação integrada e politécnica como contraponto à contrarreforma do ensino médio. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 201–202, 2022. DOI: 10.35699/2238-037X.2021.35854. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/35854>. Acesso em: 28 nov. 2024.

[18] RAMOS, Marise Nogueira. **História e política da educação profissional**. Coleção formação pedagógica. Instituto Federal do Paraná, 2014.

[19] RIBEIRO, Raimunda Ribeiro; GOMES, Marina Ferreira. A construção e percepção do imaginário da cultura africana e afro-brasileira e a formação da identidade étnico-racial no contexto escolar. **ODEERE**, Bahia, v. 6, n. 2, jul./dez., p. 255-279, 2021. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/RIBACE-3>. Acesso em: 30 de nov. de 2024.

[20] SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria Del Pilar Baptista. **Metodologia da Pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

[21] TRAHAR, Sheila. Beyond the Story Itself: Narrative Inquiry and Autoethnography in Intercultural Research in Higher Education. **Fórum Qualitative Sozialforschung / Fórum: Qualitative Social Research**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2009. DOI: 10.17169/fqs-10.1.1218. Disponível em: <https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1218>. Acesso em: 21 nov. 2024.

Desbravando novos horizontes através das minhas descobertas como educadora na EPT

Franci Moraes de Oliveira¹, José Cavalcante Lacerda Junior²

1. INTRODUÇÃO

Nos campos da minha infância, onde os sonhos brilhavam distantes como estrelas, cresci com a terra entre os dedos, nas plantações de castanha. Minha mãe, mulher de força inabalável, moldou o futuro com as mãos firmes da esperança, entregando-me o maior presente: a educação, um tesouro que abriu caminhos onde antes havia apenas trilhas incertas. Cada desafio vencido fez desabrochar os frutos dos meus maiores sonhos. Ao lado do meu companheiro, encontrei o amor que sustenta e a coragem que impulsiona. Juntos, construímos um lar, meu refúgio, iluminado pelos sorrisos de nossos filhos, estrelas que guiam minha jornada. Em cada um deles, encontro a força para seguir e o propósito que renova minha fé na vida, tornando a caminhada compartilhada um presente de infinita beleza.

Minha trajetória acadêmica floresceu na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no curso de Licenciatura em Informática, onde, nas aulas de Didática, desvendei minha paixão pelo ensino. Foi ali que compreendi o poder da educação como uma força capaz de transformar vidas. Enquanto navegava pelos códigos binários e pelos segredos da tecnologia, percebi que minha missão transcendia a técnica: era sobre entrelaçar saberes e nutrir o desenvolvimento humano. Esse despertar se intensificou ao abraçar a Pedagogia, e cada especialização desvendou novos horizontes. Na Gestão Escolar, aprendi a conduzir com propósito e sabedoria; na Educação Especial e Inclusiva, vivenciei a superação moldada pelo amor; e na Docência para a EPT, encontrei o ápice da minha vocação.

Foi nesse palco que o ensino se revelou, iluminando caminhos com esperança e infinitas possibilidades. Minha vocação encontrou raízes firmes ao ingressar como educadora nos cursos técnicos e de qualificação profissional do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM), onde trabalhar com jovens tornou-se uma jornada de descobertas e realizações. O contato diário com os alunos reforçou minha paixão pela docência na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), e me desafiou a unir o ensino ao fascínio da tecnologia, contribuindo para a formação de novos profissionais. Em cada aula ministrada, e em cada obstáculo superado, renovei meu compromisso com a educação, preparando os estudantes para trilhar caminhos de crescimento e sucesso.

No Instituto Federal do Amazonas *Campus* Itacoatiara (IFAM CITA), percorrendo os corredores iluminados pelos raios de sol, meu objetivo tornou-se claro, empoderar aqueles ao meu redor e criar um legado de aprendizado e inspiração. Iniciei como

¹ Mestranda do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT. Assistente em Administração no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.

² Doutor em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.

Assistente de Alunos, dedicada a apoiar e orientar. Depois, como Coordenadora de Assistência ao Educando (CAE), fui um farol para guiar e apoiar aqueles em busca de direção e acolhimento, sempre disposta a ouvi-los. E, como Coordenadora Geral de Ensino (CGE), contribui com cada decisão tomada, compartilhei o saber que lutei para conquistar, na esperança de semear em cada mente jovem e em cada fazer docente do IFAM CITA, a coragem de sonhar e a força de realizar.

Atualmente, no coração do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), percorro uma jornada de descobertas e reflexões que ampliam os horizontes da minha prática docente. Este espaço acadêmico tem sido um terreno fértil para aprofundar os desafios e possibilidades da EPT, cultivando habilidades e vislumbrando novas perspectivas que dão vida ao meu compromisso com a educação. Cada etapa desse percurso é tecida pela busca incansável por soluções inovadoras e inclusivas, que respondam às demandas de um ensino transformador. Assim, reafirmo minha dedicação à construção de uma educação que transcenda barreiras, inspire sonhos e ilumine caminhos para um futuro mais justo e promissor.

Este artigo, entrelaçado por minhas narrativas autobiográficas, emerge como uma reflexão sobre a prática docente na EPT, desvelando os desafios enfrentados e as aprendizagens que moldaram minha trajetória. Com o propósito de revelar como as escritas autobiográficas podem fortalecer a ação pedagógica, o trabalho tece memórias e vivências que contribuem para o desenvolvimento omnilateral dos sujeitos. Estruturado em um diálogo fértil, o texto conta com a coautoria do meu orientador, cuja sólida fundamentação teórica e experiência na EPT foram essenciais para aprofundar a compreensão sobre a formação humana e integral. Essa parceria reafirma o papel transformador da educação na construção de cidadãos críticos, conscientes e protagonistas de suas histórias.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo desvela-se em uma abordagem qualitativa, onde a narrativa autobiográfica pulsa como fio condutor da coleta e da análise dos dados. Segundo Mattar e Ramos (2021), a pesquisa narrativa encontra nas histórias contadas pelas pessoas sua essência maior, pois nelas vivem as experiências humanas, os contornos das estruturas sociais e as formas de interpretar o mundo. É na interação, no compartilhar de vivências, que essas histórias ganham vida, ecoando significados profundos. A escolha dessa abordagem nasce do desejo de refletir sobre a jornada da autora, um espelho onde práticas pedagógicas na EPT se tornam poesia, entrelaçando saberes e transformações que ressoam além da sala de aula, na arte de educar e no poder de inspirar.

O estudo desenvolveu-se em três etapas principais. A coleta de dados baseou-se nas memórias e relatos da autora, priorizando momentos significativos de sua trajetória como educadora na EPT. Como destaca Gil (2021), as autobiografias, enquanto narrativas pessoais, diferem das histórias de vida por serem construídas sem a mediação de um pesquisador, permitindo ao autor selecionar e organizar os acontecimentos de acordo com sua perspectiva. Nesse contexto, as memórias foram registradas por meio de reflexões espontâneas e registros ao longo dos anos de atuação docente, abordando três eixos principais: os desafios iniciais na docência, os momentos de transformação e o impacto das ações educativas na vida dos alunos e no ambiente escolar.

Na etapa seguinte, a análise de dados, utilizou a análise narrativa, que organiza as

experiências de maneira a revelar seus significados e aprendizados. Esse método, conforme descrito por Gil (2021), frequentemente adota uma abordagem cronológica, estruturando os relatos em início, meio e fim. O processo analítico foi dividido em três fases: a codificação inicial, na qual as narrativas foram segmentadas em categorias temáticas; a interpretação reflexiva, que conectou as experiências aos conceitos teóricos da EPT; e a síntese crítica, que destacou os principais aprendizados, evidenciando o papel transformador da docência na educação profissional. Essa análise permitiu identificar padrões, tensões e pontos de inflexão, reforçando a importância dessas vivências.

Por fim, a **validação da narrativa** envolveu uma revisão crítica e aprofundada das memórias, garantindo sua autenticidade e coerência, lapidando-as até que brilhassem em autenticidade e coerência. O processo incluiu uma autoanálise detalhada, na qual as histórias foram revisadas à luz de novas percepções e dialogaram com teorias educacionais relevantes. Esse refinamento contribuiu para assegurar a credibilidade do relato, destacando o impacto real das experiências vividas. Assim, a narrativa sintetizou as aprendizagens e contribuições da trajetória da autora, oferecendo um testemunho significativo sobre o papel empoderador da docência na EPT, onde cada passo do educar ecoa como um ato de transformação e esperança.

3. O FLORESCER DE UMA MISSÃO NA EPT

No ano de 2010, iniciei minha trajetória na EPT através do programa Jovem Cidadão, promovido pelo Centro de Educação Profissional do Amazonas (CETAM). Nesse contexto, atuei na oferta de cursos de qualificação profissional voltados para jovens do Ensino Médio, realizados no contra turno escolar em diversas escolas estaduais. O programa tinha como objetivo preparar os alunos para atuarem como voluntários durante a Copa de 2014, contribuindo no atendimento a turistas que visitassem o Estado do Amazonas. Para isso, foram oferecidos cursos de Informática, Inglês e Espanhol, tanto na capital quanto em municípios do interior, incluindo Itacoatiara, proporcionando aos estudantes uma formação prática e alinhada às demandas daquele evento global.

O Projeto Jovem Cidadão nasceu como uma sinfonia de parcerias, unindo a Secretaria de Estado de Assistência Social (SEAS), o CETAM, a Secretaria de Estado de Educação do Amazonas (SEDUC), a Secretaria de Estado da Juventude, Desporto e Lazer (SEJEL) e a Secretaria de Estado de Cultura (SEC), com o propósito de transformar vidas. Preparando estudantes da rede estadual por meio da educação profissional, atividades culturais e esportivas. Cada jovem era um verso em uma poesia de superação, coragem e descobertas, tecendo, junto comigo, histórias repletas de desafios vencidos e horizontes expandidos. Ali, vozes se ergueram, unidas pelo desejo de aprender e ensinar, entrelaçando sonhos e possibilidades, em uma jornada que moldava o presente e desenhava o amanhã. Minha trajetória reforçou minha missão, mas também trouxe desafios como compreender o processo formativo desse Projeto e alinhá-lo a minha prática pedagógica. Foi necessário superar o modelo tecnicista, focado na formação técnica, e adotar uma abordagem que considerasse o trabalho como princípio educativo. Segundo Baronio *et al.* (2021), os limites relacionados à aquisição de uma técnica voltada para atender às demandas do mercado de trabalho devem ser reorganizados de acordo com as inovações tecnológicas, mas sem perder de vista o trabalho como princípio educativo. Essa visão, alinhada à educação integral e politécnica, integra trabalho, ciência e cultura, promovendo uma formação humana que transcende a dicotomia entre trabalho manual e intelectual.

A busca por uma educação politécnica vai além de ensinar diversas técnicas aos alunos; trata-se de proporcionar, como enfatiza Ramos (2008), uma formação que os capacite a compreender os fundamentos científicos, tecnológicos e históricos que sustentam a produção moderna. Essa abordagem educativa fomenta o desenvolvimento de indivíduos críticos e conscientes, capazes de enxergar além da superfície. Não se restringe à transmissão estática de conteúdos, mas desperta nos estudantes a habilidade de conectar o conhecimento científico às realidades sociais e econômicas que moldam o mundo contemporâneo. Assim, promove não apenas a capacitação técnica, mas também uma reflexão profunda e crítica sobre o papel da ciência e da tecnologia na contemporaneidade.

Era importante integrar saberes e competências que capacitassem os alunos para além do desempenho de suas funções com excelência, que se tornassem cidadãos críticos, conscientes de seu papel no mundo e aptos a transformar suas realidades. Assim, a cada dia na sala de aula do CETAM, erguia-se um novo universo: uma jornada marcada por desafios, adaptações e ressignificações das práticas educacionais. O aprendizado ultrapassava os limites do ensino técnico, mergulhando na essência humana. Era necessário lidar com a diversidade de perfis e ritmos de aprendizado, encontrando formas de tornar cada conceito acessível. Nesse processo, buscava-se, mesmo que de maneira sutil, ressaltar a importância do desenvolvimento humano e integral dos alunos.

Tecer a delicada ponte entre trabalho e educação era um desafio que revelava o poder transformador de ambos, onde o ato de ensinar transcendia o pragmatismo e se tornava uma afirmação de humanidade. Essa relação, quando compreendida em sua profundidade, permite o florescer pleno das potencialidades humanas, preparando não apenas mãos para o labor, mas mentes para uma inserção digna no mundo do trabalho. Castaman e Rodrigues (2020) nos lembram que os múltiplos sentidos atribuídos ao trabalho precisam ser debatidos, pois deles emerge o papel essencial da EPT, especialmente na promoção de uma educação integral. Nesse ato, o indivíduo não apenas transforma o mundo ao seu redor, mas também a si mesmo, em um processo contínuo de aprendizado e evolução. Educar para o mundo do trabalho, sob a perspectiva da formação omnilateral, é mais do que ensinar a apertar parafusos ou preencher planilhas; é semear a convicção de que todas as dimensões do ser humano merecem atenção, para que ele não seja apenas útil, mas também pleno, crítico e criador de novos mundos. Compreender o trabalho como princípio educativo requer uma reflexão profunda sobre a essência humana, ultrapassando a simples execução de funções voltadas à subsistência. Como ressaltava Ramos (2008), o trabalho deve ser visto como uma atividade essencial, dotada do poder de moldar e transformar tanto o indivíduo quanto a sociedade. Esse entendimento vai além de tarefas mecânicas ou técnicas, revelando o trabalho como uma expressão genuína.

A formação humana integral, alicerçada na visão politécnica, transcende os limites de uma qualificação técnica estrita. Trata-se de uma jornada que não visa apenas o labor, reconhecendo a educação como um ato que abraça a totalidade da existência humana. Conforme Pasqualli e Turcato (2024) afirmam, nessa abordagem, cada estudante é visto como um universo em expansão, onde se entrelaçam o saber técnico, a sensibilidade ética e a consciência crítica. É uma educação que não fragmenta, mas integra, unindo trabalho, ciência, cultura e arte em uma sinfonia que valoriza tanto a habilidade quanto o pensamento, tanto o fazer quanto o sentir. Assim, a formação politécnica não se torna apenas um caminho de aprendizado, mas um convite para a construção plena do ser.

A jornada no CETAM foi desafiadora, mas marcada por momentos transformadores, onde cada obstáculo se revelou uma oportunidade de aprendizado. Ver alunos, inicialmente hesitantes diante da tecnologia, desenvolverem confiança e criatividade ao explorar suas próprias dificuldades e contextos trouxe uma sensação de realização incomparável. Cada conquista, simbolizada pelos sorrisos de compreensão e entusiasmo, reafirmava o poder da educação em ir além do ensino técnico, despertando sonhos e alimentando esperanças. A experiência na EPT evidenciou que sua missão transcende a formação de trabalhadores: trata-se de formar cidadãos conscientes e capacitados para transformar suas realidades e contribuir para um futuro mais equitativo e interconectado.

4. TRILHANDO NOVOS CAMINHOS NA EPT

Entre os corredores onde os sonhos tomavam forma e a incessante busca por uma educação humana de qualidade pulsava viva, meu caminhar como Assistente de Alunos floresceu em 2015, nos vibrantes espaços do IFAM CITA. Foi ali, após ser aprovada no concurso público, que dei início à minha jornada na educação federal, tecendo, dia após dia, histórias de cuidado e transformação. Meu papel transcendeu o simples ato de auxiliar; tornou-se um compromisso de acolher, orientar e fortalecer as sementes do ensino, da pesquisa e da extensão. No convívio com os alunos, compartilhei seus desafios e celebrei suas vitórias, contribuindo para a construção de um espaço onde o aprendizado se unisse à esperança, e Eu, conseguisse realmente exercer o meu papel.

Segundo Oliveira e Salazar (2020), o Assistente de Alunos tem como principal responsabilidade acompanhar e orientar os alunos em questões de disciplina, adotando uma abordagem pedagógica. Esse papel envolve, além da disciplina, a promoção de valores fundamentais como o respeito ao lazer, à segurança, à saúde, à pontualidade e à higiene, todos essenciais para a formação integral dos estudantes. Ao longo da minha trajetória, minha atuação foi voltada para garantir que cada aluno tivesse condições de crescer plenamente, promovendo o bem-estar e a inclusão de todos no espaço escolar. A convivência diária ofereceu-me oportunidades de mediar conflitos, estimular o autocuidado e incentivar hábitos saudáveis, individuais e coletivos.

Na sinfonia do cotidiano, acompanhava os alunos em sua jornada, buscando uma formação que ultrapassasse o simples aprender, ancorada no respeito e na força do diálogo. Inspirada pelas reflexões de Frigotto (2024), abraçávamos o ideal da formação humana omnilateral, enxergando no Ensino Médio Integrado não apenas uma proposta pedagógica, mas uma travessia necessária. Esse caminho revelava a possibilidade de superar a dualidade estrutural da educação, unindo a politécnica à plenitude da omnilateralidade. E, ao enfrentar a desconexão entre ensinar e educar, desafiávamos a lógica do capital, que, em sua crise estrutural, tenta limitar a autonomia educacional e restringir a amplitude do conhecimento científico.

Cada passo era, assim, um ato de resistência, buscando na escola um espaço de emancipação e esperança renovada. Nos instantes de lazer, as brincadeiras e risadas dançavam pelo pátio, enchendo o ar de vida e criando um ambiente pulsante de saúde e alegria. Essas manifestações de leveza, entrelaçadas à descontração, eram a prova vibrante de que, mesmo na rigidez da rotina acadêmica, havia espaço para a interação e o riso, ingredientes indispensáveis ao equilíbrio emocional e mental dos alunos. Ali, o senso de comunidade e pertencimento florescia. E assim, o balanço delicado entre a leveza dos momentos de diversão e a firmeza de uma presença vigilante tornava-se o alicerce onde

brotava o desenvolvimento pleno de cada um.

Eu lia nos gestos e olhares os sinais de cansaço, estresse ou ansiedade que o silêncio muitas vezes escondia. Com paciência e cuidado, oferecia apoio e orientação, encaminhando cada necessidade à equipe multiprofissional, para que o bem-estar físico e mental de cada aluno florescesse. Sabia que a serenidade da mente e a saúde do corpo são as raízes de um aprendizado verdadeiro. Incentivava práticas saudáveis e zelava pela limpeza dos espaços, transformando o ambiente escolar em um refúgio harmonioso e acolhedor. Assim, erguia-se um lugar onde a saúde e a higiene, individual e coletiva, eram prioridades, e o bem-estar de cada aluno encontrava solo fértil para crescer, permitindo que o aprendizado brotasse em sua forma mais plena.

Segundo Oliveira e Salazar (2020), o espaço institucional deve se moldar como um solo fértil, um ambiente formativo que, por essência, acolha e potencialize o processo educativo. Nesse cenário, eu velava para que cada gesto e ação traduzissem dedicação. Garantia que todos os alunos encontrassem as condições ideais para trilhar sua jornada de formação, envoltos em segurança, saúde e alegria. Meu papel transcendia a rotina administrativa; era a base silenciosa, mas imprescindível, que sustentava a trajetória acadêmica dos discentes. Minha presença, ainda que discreta, pulsava como o coração dos espaços pedagógicos, assegurando que cada aula seguisse sem percalços, que as pesquisas desbravassem novos horizontes e que os projetos de extensão florescessem com sucesso.

Assim, os Assistentes de Alunos tornam-se parte do tecido formativo, integrando-se ao processo educativo. Nesse cenário de construção de saberes, entre tarefas, aulas e atividades, éramos o fio que alinhavava todas as partes, tecendo encontros entre sonhos e realidades, permitindo que se entrelaçassem em perfeita harmonia. Na EPT, não formamos apenas profissionais; incentivamos cidadãos conscientes e atuantes. Nosso trabalho é como uma luz que se expande, irradiando transformação, iluminando caminhos, e sustentando esperanças. Em cada gesto de cuidado, em cada ação discreta, plantamos sementes de um futuro promissor. E, ao ver os alunos partirem, carregando consigo fragmentos de nosso esforço e dedicação, nos deixam marcas indeléveis.

5. PARTICIPAÇÃO ATIVA NO ACOLHIMENTO AOS EDUCANDOS DO IFAM CITA

A cada amanhecer, quando o sol, ainda tímido, iluminava os corredores do IFAM CITA, nascia também uma nova missão. Em 2019, fui convocada a um desafio maior: assumir o papel de Coordenadora de Assistência ao Educando (CAE). Não era apenas uma função, mas um chamado que exigia não apenas habilidades administrativas e pedagógicas, mas também uma empatia profunda e uma dedicação inabalável. Neste período, não fui apenas uma coordenadora; fui a mão que se estendia nos momentos difíceis, o farol que iluminava as travessias mais incertas, guiando cada aluno pelas complexidades da vida estudantil. Era uma dança delicada entre o cuidar e o conduzir, onde cada gesto era um passo em direção ao fortalecimento de sonhos e à superação de desafios.

Entre atendimentos e sorrisos, sonhos e desafios, meu papel se entrelaçou com cada olhar ansioso e cada coração que buscava encontrar seu lugar. Em minha função, elaborava, coordenava e implementava Programas e Projetos de Assistência ao Educando no âmbito do IFAM CITA. Meu objetivo principal era promover a permanência e o êxito dos alunos, além de contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico. Minha atuação envolvia a supervisão das atividades relacionadas à saúde, alimentação, higiene e

disciplina do corpo discente. Trabalhei sempre para garantir que essas ações estivessem alinhadas com as atividades escolares e outras tarefas correlatas, promovendo um ambiente escolar saudável e organizado.

Cada aluno era uma estrela em formação, irradiando seu brilho único no vasto firmamento da vida. Nós, como equipe multiprofissional, nos dedicávamos a oferecer uma formação omnilateral, uma educação que transcendesse os limites do acadêmico para abraçar todas as dimensões do ser. Segundo Ribeiro (2022), tal educação não é apenas um meio, mas um despertar. É uma chama que incita o ser humano a se tornar crítico, emancipado, consciente das coisas que tecem sua realidade e sociedade. Uma educação que não forma engrenagens, mas seres integrais; que não reduz as peças do sistema, mas eleva os cidadãos protagonistas. Líderes de si mesmos, criadores do mundo que habitam, capazes de desfrutar e transformar o que se produz, escrevendo, assim, sua própria história.

Para Frigotto (2012), a educação omnilateral transcende o conceito de ensino tradicional, abrangendo uma formação que considera todas as dimensões que compõem a singularidade do ser humano. Essa abordagem integra as condições internas e externas necessárias para o pleno desenvolvimento do indivíduo ao longo de sua trajetória histórica. Envolve, portanto, o desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicossocial e afetivo. Em essência, a educação omnilateral busca promover a educação e a emancipação em todas as etapas e aspectos da experiência humana. Nesse sentido, nosso trabalho extrapolou os limites da sala da CAE, transformando-se em uma jornada que explorou múltiplos caminhos da formação dos alunos.

Na tessitura do cotidiano escolar, fui o fio que entrelaçava acompanhando e monitorando as atividades educacionais. Com palavras que inspiravam e gestos que acolhiam; cultivei jardins de potencial, reguei cada talento com paciência e dedicação. Mantendo a comunicação com as famílias consegui compartilhar e obter informações, possibilitando um acompanhamento eficaz da vida cotidiana dos alunos; de forma integrada foi possível realizar ações que promoviam o desenvolvimento apoiando os serviços de cuidados; realizando ações de prevenção e proteção em conjunto com a Instituição, desenvolvendo sempre o sentimento de pertencimento e integração.

Segundo Campos e Lacerda Júnior (2024), essa compreensão amplia a visão dos estudantes, permitindo que reconheçam seu papel ativo na comunidade em que estão inseridos. Ao se perceberem como parte integrante do meio, eles se tornam corresponsáveis não apenas por suas próprias trajetórias, mas também pelo desenvolvimento coletivo de estratégias para enfrentar os desafios que emergem. Esse envolvimento os estimula a pensar criticamente, identificar problemas e, principalmente, propor soluções que promovam o fortalecimento das interações sociais e da participação cidadã. Esse processo de "fazer-se parte" é, acima de tudo, um exercício contínuo de autopercepção e de leitura crítica do mundo ao redor.

Assim, tornei-me artesã de destinos, tecendo com delicadeza os fios da aprendizagem e da convivência para identificar barreiras, superar dificuldades e integrar conhecimento, cultura, trabalho e sociedade em harmonia. Esse acompanhamento não buscou apenas transmitir saberes, mas oferecer um suporte emocional e educacional que acolhe e fortalece, abrindo caminhos para o desenvolvimento pleno dos indivíduos. Como destaca Ramos (2008), essa abordagem enriquece a educação politécnica, ampliando horizontes ao proporcionar acesso aos conhecimentos e à cultura construídos pela humanidade, permitindo escolhas conscientes e a construção de trajetórias que tornam

cada indivíduo um protagonista ativo e participativo na vida moderna.

Em cada risada compartilhada, em cada olhar curioso e em cada desafio superado, testemunhávamos o crescimento de indivíduos que, gradualmente, se transformavam em cidadãos plenos. Não era apenas sobre o aprendizado de conteúdos acadêmicos, mas sobre o desenvolvimento de valores como empatia, responsabilidade e respeito mútuo. A cada dia, víamos neles o despertar de um potencial imenso, alimentado não apenas pelo conhecimento adquirido, mas pela segurança e apoio que encontravam no ambiente escolar. Esses momentos nos lembravam constantemente da importância do papel que desempenhávamos; ajudando-os a construir a confiança e a determinação necessárias para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

6. PLANEJAMENTO EDUCACIONAL COM FOCO NA EXCELÊNCIA DO ENSINO NA EPT

Na sinfonia da educação, onde cada gesto de cuidado se transforma em uma nota e cada parceria floresce como um acorde harmonioso, encontrasse o coração pulsante do planejamento pedagógico no IFAM CITA. Esse processo transcendia a simples organização de ações, configurando-se como uma verdadeira orquestra de esforços, em que cada ator educacional desempenhava um papel essencial na construção de uma experiência formativa rica e significativa. Em 2021, ao assumir o papel de Coordenadora Geral de Ensino (CGE), unindo forças com o corpo docente, os Coordenadores de Curso e a CAE, traçamos mapas e estratégias educacionais, estabelecendo rotas que orientavam os alunos rumo a uma formação integral e transformadora.

Segundo Ramos (2008), é essencial conceber um projeto pedagógico de ensino que supere a fragmentação entre formação técnica e geral, integrando essas dimensões de forma equilibrada e harmoniosa. Esse modelo de educação desloca o foco restrito ao mercado de trabalho para priorizar uma formação ampla que entrelace saber técnico e intelectual. Assim, constrói-se um ambiente educacional onde os estudantes têm a oportunidade de explorar suas potencialidades, desenvolvendo pensamento crítico, habilidades práticas e a capacidade de colaboração. Para tanto, o debate sobre os objetivos do ensino médio deve conectar as ações pedagógicas a realidade sociais, culturais e econômicas de cada estudante, garantindo uma educação contextualizada e transformadora.

Assim, a educação torna-se um campo fértil, onde razão e prática, sonho e ação florescem em equilíbrio. No compasso da história, no *tic tac* dos relógios escolares, nós planejávamos a operacionalização das atividades pedagógicas, tecendo redes que sustentavam o processo de ensino e aprendizagem. Com a precisão de um maestro, ajustávamos os horários de aula, orquestrando cada momento na Instituição para que se entrelaçassem com a vida acadêmica dos alunos, de modo que cada dia nascesse já com um propósito educacional delineado. Trabalhando em projetos que se expandiam como raízes e galhos, conectando diferentes campos do saber; unindo ensino, pesquisa e extensão, cultivávamos mentes abertas e curiosas, prontas para inovar e colaborar com o futuro.

As práticas pedagógicas, para serem genuinamente transformadoras, devem considerar as múltiplas identidades e trajetórias dos estudantes, criando espaços que alimentem o florescimento pleno de suas competências. Como nos ensinam Cardoso, Meireles e Sousa (2024), buscar a omnilateralidade é colocar a educação e as ações pedagógicas no centro das reflexões sobre a formação humana integral. Nesse processo,

a tríade educacional da omnilateralidade une o desenvolvimento intelectual, físico e tecnológico, oferecendo ao ser humano uma formação que harmoniza teoria e prática, ensino e trabalho, intelecto e mãos. Assim, iluminando o caminho para uma experiência educacional que não apenas instrui, mas transforma e liberta.

Ciavatta e Ramos (2011) ressaltam que, embora a formação humana integral enfrente desafios, sua implementação não é um sonho distante, desde que alicerçada em um projeto sólido e coerente. Tal projeto exige a ruptura com a mentalidade conservadora dos padrões pedagógicos tradicionais e a superação de resistências políticas ao discurso da educação integral e emancipatória, que questiona as bases da sociedade de mercado. Implica, ainda, na promoção de uma gestão democrática e participativa nas instituições educacionais, garantindo a todos os profissionais da educação não apenas condições materiais adequadas, mas também trabalho digno, com salários justos, uma carreira valorizada e um compromisso enraizado na transformação coletiva.

É nesse solo fértil que a formação humana e integral desabrocha, iluminando o caminho para uma educação crítica e libertadora. Uma jornada em constante evolução, onde a educação se revela como um processo contínuo e transformador, fortalecendo os laços de aprendizado e colaboração que sustentam uma formação de qualidade. A EPT, nesse cenário, transcende as barreiras tradicionais, avançando em direção a uma prática emancipatória. Cada estudante deve encontrar nesse espaço a oportunidade de explorar e desenvolver seu pleno potencial, preparando-se para enfrentar os desafios de um mundo em transformação. Assim, promovemos não apenas indivíduos, mas também uma sociedade mais justa, inclusiva e solidária, onde o saber é ponte e a emancipação, horizonte.

7. A MAGIA DA EPT IMPULSIONADA PELO MESTRADO PROFEPT

Na odisseia pelo PROFEPT, buscamos muito mais do que um título de Mestre; almejamos a transformação de nossas vidas e carreiras. É um caminho de autodescoberta, onde ampliamos nossos horizontes, navegando pelas águas profundas do vasto oceano do conhecimento na EPT. Cada teoria compartilhada, cada debate em sala de aula, nos desafia a repensar a educação e o papel que desempenhamos como agentes de transformação. Ao longo dessa travessia, desvendamos perspectivas múltiplas, mergulhando nas complexidades do ensino e da formação profissional, enquanto ressignificamos nosso compromisso com o fazer educativo. Mais do que um desafio acadêmico, o PROFEPT nos guia por um caminho de construção e crescimento.

No contexto deste Mestrado, desvelamos a oportunidade de aprofundar estudos e pesquisas que não apenas enriquecem a práxis, mas também fortalecem a formação integral. Aqui, o trabalho transcende sua função como mero meio de produção, revelando-se como um princípio educativo que habilita o indivíduo a se tornar um cidadão pleno, crítico e consciente de seu papel na sociedade. Como pontua Ramos (2017), a relação entre trabalho e educação é essencialmente ontológica, pois é pelo labor que nós nos formamos e nos educamos como seres humanos. Simultaneamente, essa relação é histórica, já que cada nova forma de produzir a existência traz consigo uma nova maneira de educar e ser educado, apresentando-se como o elo atemporal entre o ser e o fazer.

Contudo, em sociedades marcadas pela divisão de classes, o acesso pleno à educação sempre esteve restrito às elites. Sempre que a classe trabalhadora se aproximou desse direito, novas barreiras foram erguidas para limitar sua concretização. Esse olhar

crítico nos motiva a enfrentar e transformar essas limitações, promovendo uma educação verdadeiramente inclusiva e emancipadora. Essa perspectiva ressignifica a educação, transformando-a em uma poderosa ferramenta de emancipação social. Cada atividade e projeto passam a ser concebidos e realizados por meio de um diálogo constante, com o propósito de fomentar o desenvolvimento crítico, ético e cidadão dos estudantes, capacitando-os a transformar suas realidades e ocupar plenamente seu lugar na sociedade.

A politecnia, essência que permeia cada dimensão do PROFEPT, transcende a simples formação técnica, revelando-se como a arte de entrelaçar saberes diversos. É um convite à construção de um conhecimento multifacetado, capaz de preparar profissionais para os complexos desafios do mundo contemporâneo. Como bem ressaltam Cunha *et al.* (2020), o Ensino Politécnico é uma busca pela totalidade, onde teoria e prática não se opõem, mas se complementam como faces de uma mesma moeda. Essa concepção resgata a unidade perdida entre o trabalho intelectual e o manual, celebrando a indissociabilidade entre o pensar e o fazer. É um ensino que não apenas forma, mas transforma, abrindo caminhos para uma compreensão plena e integrada da realidade.

Em cada discussão acadêmica e no debate de ideias com colegas e professores, a complexidade do ensino na EPT se revela, desvelando horizontes inéditos e possibilidades infinitas. Nesse espaço de reflexão e aprendizado, cada descoberta ecoa como um hino à educação que ultrapassa currículos e metodologias, abraçando a essência do saber em sua plenitude. Contudo, como ressaltam Medeiros e Rosa (2022), para que a educação omnilateral floresça plenamente, é indispensável uma articulação que transcenda fragmentos: integrando currículos, unindo disciplinas, potencializando atividades extracurriculares e redesenhando metodologias de ensino. É na tessitura dessa totalidade que a produção do conhecimento se torna verdadeiramente significativa.

A educação, iluminada pelo prisma da omnilateralidade, ergue-se como uma força transformadora, enraizada nos sujeitos concretos, em suas culturas, vivências e saberes singulares. É um espaço vivo de diálogo crítico, onde as vozes ancestrais ressoam através do tempo, nutrindo as bases para práticas que aspiram a transcender as divisões da humanidade em classes sociais. Sob esse horizonte, o trabalho revela-se não como mercadoria, mas como expressão do desenvolvimento humano em sua totalidade. A educação, então, transforma-se em um ato de resistência e reinvenção, ousando sonhar com processos que rompam as correntes do capital e confrontem os ideais fragmentários do neoliberalismo, enquanto semeiam a esperança de um mundo mais justo e pleno.

Nesse cenário, formar para a vida é empreender uma travessia desafiadora em um mundo moldado pelo capitalismo, onde o acesso pleno e democrático ao conhecimento permanece um privilégio de poucos. Essa jornada exige mais que resistência: requer um esforço coletivo, capaz de conceber processos educacionais que libertem, em vez de subordinar, e que cultivem mentes críticas e corações compassivos. Ainda que a plenitude dessa missão pareça inalcançável sob as amarras das relações sociais impostas pelo capital, ela aponta para a necessidade urgente de reimaginar trilhas. Trilhas onde a educação deixe de ser apenas um direito formal e floresça como a raiz de uma transformação profunda, gestando uma sociedade verdadeiramente justa, inclusiva e igualitária.

É nesse espírito que o PROFEPT se torna um espaço de esperança e ação, promovendo uma rica troca de experiências entre educadores e alunos, onde cada voz ecoa e enriquece a outra. Por meio de projetos interdisciplinares e práticas pedagógicas

inovadoras, somos desafiados a ultrapassar as fronteiras do conhecimento, unindo teoria e prática em uma harmonia fecunda. Cada passo dado nessa jornada reafirma o compromisso de transformar a EPT em uma ferramenta de emancipação e equidade. Aqui, renovamos a certeza de que, ao educar, não estamos apenas transmitindo saberes, mas ajudando a tecer os fios de um amanhã mais justo, onde a humanidade possa enfim se reconhecer inteira e solidária.

É nesse espírito que o PROFEPT floresce, onde educadores e alunos entrelaçam suas vozes em um coro de aprendizagens mútuas. Cada encontro se torna uma oportunidade de troca viva, onde experiências se conectam e saberes se ampliam. Por meio de projetos interdisciplinares e práticas pedagógicas, somos instigados a ultrapassar os limites do conhecimento, tecendo com delicadeza a união entre teoria e prática. Cada passo nessa jornada reafirma nosso compromisso em transformar a EPT em uma ferramenta de emancipação. Aqui, educar transcende o ato de transmitir saberes; é, sobretudo, um gesto de semear futuros, de tecer os fios de um amanhã mais justo, onde a humanidade, enfim, se reconheça inteira, solidária e capaz de construir seu próprio destino.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre minha trajetória na EPT é perceber que cada vivência impulsionou de maneira única minha prática pedagógica. Como instrutora do Curso de Informática no CETAM, tive o privilégio de semear conhecimentos que foram além do técnico, germinando transformações profundas. Cada desafio que surgiu foi um convite ao crescimento, uma oportunidade de ver meus alunos romperem barreiras e florescerem em suas próprias jornadas. Esse contato diário me ensinou a abraçar a diversidade de perfis e estilos de aprendizagem, adaptando minhas metodologias para criar um espaço dinâmico e inclusivo, onde cada estudante pudesse se encontrar e prosperar, como um jardim de possibilidades em constante expansão.

No IFAM CITA, na função de Assistente de Alunos, mergulhei nas complexidades do cotidiano escolar, onde o suporte emocional e acadêmico se tornou mais que uma ferramenta: foi o alicerce sobre o qual os sonhos dos estudantes puderam se erguer. Esse papel reforçou a importância de práticas acolhedoras e humanizadas. Como Coordenadora de Assistência ao Educando e, posteriormente, Coordenadora Geral de Ensino, a ampliação da minha visão sobre o impacto das políticas assistenciais fortaleceu minha crença na educação como um espaço de inclusão real, onde cada gesto de cuidado é uma semente que germina possibilidades. Cada função exercida me ensinou que a colaboração entre os setores é essencial para o sucesso educacional.

O PROFEPT é mais que um caminho acadêmico; é um portal onde a inovação e a inspiração se encontram. Ele nos impulsiona a enfrentar os desafios da EPT com criatividade e propósito, unindo pesquisa e prática em uma harmonia que vai além das paredes da sala de aula. Neste espaço, cultivamos a missão de não apenas ensinar, mas de despertar nos alunos o desejo de refletir e agir com consciência. A cada passo, reafirmamos nossa crença na educação como força transformadora, capaz de moldar um futuro mais justo, alimentando o sonho de que, juntos, podemos impactar vidas e construir uma sociedade que transcenda o capital.

AGRADECIMENTOS

A realização deste artigo, que reflete minha trajetória e descobertas na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), seria impossível sem o apoio e a dedicação de pessoas especiais, que caminham ao meu lado e tornam cada conquista ainda mais significativa.

Agradeço ao meu esposo, cujo amor e compreensão são fontes inesgotáveis de força e motivação. Seu apoio constante nos momentos de desafio e sua alegria nas minhas conquistas são a base que me sustenta. Aos meus filhos, minha inspiração diária, agradeço por me ensinarem a ver o mundo com novos olhos. Vocês são minha razão de persistir e acreditar no futuro.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Cavalcante Lacerda Junior, expresso minha gratidão pela paciência, orientação e sabedoria compartilhadas ao longo deste processo. Sua confiança e incentivo foram essenciais para que este trabalho tomasse forma, e suas valiosas contribuições enriqueceram não apenas este artigo, mas também minha formação como educadora e pesquisadora.

Por fim, agradeço aos colegas do PROFEPT, estudantes do IFAM CITA e a todos que, de alguma forma, contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional. Que este trabalho seja mais um passo em direção à construção de uma educação inclusiva, transformadora e capaz de abrir novos horizontes.

REFERÊNCIAS

- [1] BARONIO, Jonas; CASTAMAN, Ana Sara; LAMPE, Luís Roberto da Silva; VIEIRA, Josimar de Aparecido. Formação para a docência na educação profissional e tecnológica: desafios históricos e perspectivas. **Revista Thema**, Pelotas, RS, v. 19, n. 3, p. 705-720, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/download/2307/1919/13210>. Acesso em: 15 nov. 2024.
- [2] CAMPOS, Cácia Samira de Sousa; CUNHA, Jessica de Almeida; SALAZAR, Deuzilene Marques; SILVA, Cirlande Cabral; UMBELINO, Maria Lucilene Menezes Umbelino. Politecnia e Currículo Integrado na Rede Federal de Ensino: Contextos e Desafios na Educação Profissional e Tecnológica Integrada de Nível Médio. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, [S. l.], v. 4, n. Especial, p. 55-76, 2020. DOI: 10.36524/profept.v4iEspecial.634. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/634>. Acesso em: 21 nov. 2024.
- [3] CAMPOS, Mirian Freire de Oliveira; LACERDA JUNIOR, José Cavalcante. Processos de Inclusão das Pessoas com Deficiência: O que dizem os estudantes da educação profissional técnica de nível médio? **Revista Momento: diálogos em educação**, v. 33, n. 2, p. 188-206, mai./ago. 2024. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/17291/11113>. Acesso em: 05 out. 2024.
- [4] CARDOSO, Flávio Manoel Borges Coelho; MEIRELES, Cássia de Sousa Fonseca; SOUSA, Marcos de Moraes. O Ensino Médio Integrado: concepções, práticas e possibilidades de formação omnilateral. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Revista do Pemo**, Fortaleza, v. 6, p.e12557, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/12557>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- [5] CASTAMAN, Ana Sara; RODRIGUES, Ricardo Antônio. O Trabalho como Princípio Educativo no Ensino Integrado ao Médio. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, [S. l.], v. 6, n. 17, 2020. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RECEI/article/view/2291>. Acesso em: 22 nov. 2024.
- [6] CIAVATTA, Maria. O Ensino Integrado, a Politecnia e a Educação Omnilateral. Por Que Lutamos? **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 187-205, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9303>. Acesso em: 11 jul. 2024.
- [7] CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. Ensino Médio e Educação Profissional no Brasil: dualidade e fragmentação. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 5, n. 8, p. 27-41, jan./jun. 2011. Disponível em:

<https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/45>. Acesso em: 04 jul.2024.

[8] FRIGOTTO, Gaudêncio. Formação humana omnilateral e o Ensino Médio Integrado: a (des)conexão entre formação científica e política da juventude. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 1, n. 24, p.1-18, e17172, jun. 2024. DOI: 10.15628/rbept.2023.17172. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/17172>. Acesso em: 16 nov. 2024.

[9] FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação omnilateral. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/1191.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2024.

[10] GIL, Antônio Carlos. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. Rio de Janeiro: Atlas, 2021. *E-book*.

[11] MATTAR, João; RAMOS, Daniela Karine. **Metodologia da pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas, Quantitativas e Mistas**. São Paulo: Grupo Almedina Brasil, 2021. *E-book*.

[12] MEDEIROS, Mauro de; ROSA, Lauro Leocádio da. Formação Humana e os Desafios que transcendem o Capital. **Revista de Ciência Política, Direito e Políticas Públicas - POLITI(K)CON**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 80-88, 2023. DOI: 10.30681/politi(k)con.v3i2.10617. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/politikcon/article/view/10617>. Acesso em: 21 nov. 2024.

[13] OLIVEIRA, Rosenira Monteiro da Costa; SALAZAR, Deuzilene Marques. **Trilhando caminhos no trabalho do assistente de alunos: possibilidades de interlocução**. Manaus: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Centro, 2020. 38 p. il. color.

[14] Produto Educacional oriundo da Dissertação: Assistentes de alunos: quem são esses profissionais que atuam na educação profissional técnica de nível médio? ISBN 978-65-88247-07-5.

[15] PASQUALLI, Roberta; TURCATO, Mariza Marchioro. O Trabalho como Princípio Educativo no Estágio Curricular Obrigatório: reflexões sobre um Curso Técnico Integrado. **Revista Espaço Pedagógico**, [S. l.], v. 31, p. e15754, 2024. DOI: 10.5335/rep.v.31.15754. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/15754>. Acesso em: 22 nov. 2024.

[16] RAMOS, Marise. **Concepção do Ensino Médio Integrado**. Texto apresentado em seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará nos dias 08 e 09 de maio de 2008, v. 8, 2008. Disponível em: http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrado5.pdf. Acesso em: 04 jul. 2024.

[17] RAMOS, Marise Nogueira. Ensino Médio Integrado: Lutas Históricas e Resistências em Tempos de Regressão. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 27-49, 2017. DOI: 10.36524/ept.v1i1.356. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/356>. Acesso em: 21 nov. 2024.

[18] RIBEIRO, Cristhian Chagas. O ensino integrado, a politécnica e a educação omnilateral na sociedade capitalista. **Élisée - Revista de Geografia da UEG**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. e111226, 2022. DOI: 10.31668/elisee.v11i1.13031. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/13031>. Acesso em: 18 nov. 2024.

CAPÍTULO

06

A EPT como inspiração em uma jornada pelos rios da amazônia

Graça Dibbiê Barbosa Albuquerque de Moraes¹, Deilson do Carmo Trindade²

1. CONSTRUINDO SABERES E OS DESAFIOS NA EDUCAÇÃO

“Sabedoria, herança divina. Dá liberdade, expressão. Na boca do povo...”

(Boi Bumbá Caprichoso, 2015)

Cheguei ao mundo na data certa, em 1988, ano em que a nova Constituição Federal (CF) marcava o fim da ditadura militar no Brasil (1964 – 1988), atribuiu ao cidadão direito e garantias, a liberdade de expressão. Em 1988 o Brasil vive um momento do crescente ativismo político e social, a defesa dos direitos humanos, igualdade de gênero. A nossa cultura florescia perfeitamente com músicas, cinema e a nossa literatura. E no ano em que a CF reconheceu a saúde como direito fundamental do brasileiro, criando o Sistema Único de Saúde (SUS), a redução da jornada de trabalho porque ninguém é uma máquina e até ela falha, o seguro-desemprego e as merecidas férias remuneradas (BRASIL, 1988). Até porque ninguém é de ferro, né?

Nasci no dia 23 de janeiro, em Manaus, no Centro Histórico da cidade, nos embalos dos trabalhos do sábado à noite na antiga maternidade Santa Casa de Misericórdia, ali pertinho do Teatro Amazonas, do Palácio da Justiça e o do famoso Bar do Caldeira. Inclusive o bar do Caldeira recebe nosso Vinicius de Moraes, lá deixou um poema de próprio punho onde atesta.

“Declaro, proclamo e assino que [...] estive no ‘Caldeira’, na boa e carinhosa companhia dos maiores boêmios de Manaus. E adorei.” (MORAES, 1974).

Sou filha única de uma mulher forte, guerreira e conectada com as raízes do Amazonas. Minha mãe nasceu em Fonte-Boa e, aos 14 anos deixou sua cidade, descendo o rio Solimões com esperança. Ao lado de sua mãe e irmãos, chegou a Manaus trazendo o sonho de uma vida melhor e no peito a história de superação das mulheres amazônicas.

Minha mãe chega na cidade e busca serviço como empregada doméstica, depois funcionária de chão de fábrica na Zona Franca e em 1981 inicia como servidora do Governo do Estado do Amazonas, no antigo Instituto de Previdência e Assistência Social do Estado do Amazonas (IPASEA), em seguida é transferida para a Fundação Hospital Adriano Jorge (FHAJ), onde fica até a sua aposentadoria. Lembro que certa vez no FHAJ, presenciei uma médica preceptora levar seus residentes até a minha mãe para que ela ensinasse algo pertinente a eles, porém ela nunca teve formação na área, apenas seu conhecimento

¹ Discente do Curso de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do PROFEPT/2024 no Instituto Federal do Amazonas.

² Docente no Curso de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do PROFEPT/2024 no Instituto Federal do Amazonas. Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia pelo Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

empírico do dia a dia no seu ambiente laboral.

A partir desse momento aprendo sobre o conhecimento empírico, também conhecido como senso comum, e o quanto minha utilizava para garantir nosso sustento, lazer, cultura, educação e sua contribuição na sociedade. Sendo este conhecimento guiado pela experiência prática e sua observação, e não pela ciência ou pela teoria (Lovatto, 2012). Aos meus olhos, tudo ela sabia, não tinha pergunta sem uma resposta. Nossa era cheia de livros, ela lia sobre religião, cultura, ficção, romance, ciência e saúde. Íamos ao cinema depois de enfrentar filas por horas para trocar a nota fiscal por ingresso. Tudo para deixar sua mente fresca, depois de anos passo a entender o motivo de suas leituras, pois ela buscava aprender e mesmo sem formação, ela viu que na educação está nossa liberdade.

Cresci em Manaus, cidade de povo acolhedor, cultural e onde tem a terceira instituição do mundo que mais produz pesquisa científica sobre a Amazônia, o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) (Brasil, 2024). E em 13 de Setembro de 2010, conheço La Belle de Jour, o amor da minha vida, a moça mais linda da cidade dos Manaós, pernambucana estudante de mestrado em Entomologia do (INPA). Nascida em Recife, aos 9 anos de idade deixa a cidade com seus pais, por falta de oportunidade, pobreza e a fome. Eles partem de ônibus para a cidade de Porto Velho – RO. Atualmente com título de Doutora, Walkyria Ramos conta com bastante orgulho que leu mais de 500 livros, somente na sua adolescência, e nas viagens das leituras ela dizia que sentia, sorria, chorava e pensava. Seu amor pela leitura nasceu a partir do hábito dos seus pais, um vigilante que não terminou os estudos e sua mãe que trabalhou como babá, e que aos 40 anos de idade, decide estudar pedagogia e prestar concurso público. A liberdade para eles sempre esteve baseada na educação.

Com o passar dos anos, aprendi que as oportunidades e a liberdade estavam intimamente ligadas à educação. Inspirada pela Educação Profissional e Tecnológica (EPT), refleti como a educação não forma apenas profissionais, ela transforma a vida das pessoas. Ao longo desta narrativa autobiográfica, apresento as dificuldades que encontrei nas minhas vivências, explorando através da minha experiência pessoal e formação na área ambiental, como princípios educativos impactaram a minha trajetória pessoal e profissional na formação de alunos.

Minha atuação como instrutora foi marcada pela percepção de que o conhecimento técnico que transmito vai além das competências profissionais, é uma ferramenta para contribuir para a formação de cidadãos conscientes. Cada aula que ministrei e cada desafio enfrentado evidenciou o poder da educação em transformar a vida dos alunos e a minha visão sobre o papel do educador para a população amazonense.

Em Dezembro de 2023, tomei a decisão que deveria aprender mais sobre o Ensino, que daria recesso de um ano das minhas viagens pelo nosso imenso Amazonas e resolvo mergulhar nos fundamentos da EPT, o Trabalho como princípio educativo, Formação Humana e Integral e a Politecnia. Já em 2024, sou aprovada no mestrado profissional ProfEPT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), na linha de Organização e Memórias. Foi então que conheci o Dr. Deilson Trindade, meu orientador, sendo um momento transformador para a minha jornada no mestrado. Com a sua formação e vasta experiência sobre a Amazônia.

Sob sua orientação, reflito de forma profunda sobre como a memória institucional e as bases da EPT impactam não apenas a formação dos alunos, mas a minha própria prática como instrutora. Neste processo ressignifico minha trajetória, me permitindo

entender o papel transformador da EPT.

2. NAVEGANDO PELA AMAZÔNIA COMO EDUCADORA

“ Com a maré das manhãs, surgiu do céu o sol
E de lá desceu como harpia
A maresia dedilha os velhos bandolins
Esse sol agarrou o rio
Esse sol fervilhou de cor
Táwpayêra, nossa aldeia, Amazônia...”
(Boi Bumbá Caprichoso, 2014)

A narrativa autobiográfica é a ferramenta utilizada neste artigo para contar a minha trajetória, nesta ferramenta reflito criticamente sobre a minha experiência prática como educadora, especificamente como Instrutora de curso técnico pela Amazônia, no estado do Amazonas. Segundo Freitas e Galvão (2007), as narrativas autobiográficas possibilitam entender como é o processo de construção profissional do sujeito, olhar para o passado ajuda encontrar explicações para as ações que temos hoje como pessoas que construíram um caminho pessoal e profissional rico em cruzamentos com outros caminhos e a dar sentido ao nosso posicionamento como educador.

Ainda criança, observava que muitos amigos tinham acesso a projetos sociais bairro, porém ao mesmo tempo notava que outra parcela de amigos não participavam dos projetos: como democratizar o acesso a atividades educativas, sociais e culturais que cheguem àqueles que mais precisam? Esse questionamento ficou na minha cabeça igual uma carapanã fazendo barulho no ouvido e se aprofundou à medida que eu avançava na minha carreira.

3. MEU PRIMEIRO CONTATO COM A EPT NO MEU ESTADO DO AMAZONAS

Notei o potencial do curso técnico quando comecei estudar no Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM) em 2008, no Instituto Benjamin Constant (IBC), localizado no centro de Manaus. Este prédio foi fundado em 1892, faz tempo que só, viu. No governo de Eduardo Ribeiro, na época que ele foi fundado tinha a finalidade de “dar instrução primária, e, sobretudo, colocação moral e doméstica as meninas órfãs, desde que fosse pobre, entre 5 e 10 anos de idade e desvalidas”, ao mesmo tempo em que as preparava para o trabalho (Amazonas, 1894).

Ao oferecer um aprendizado prático e voltado para o mercado de trabalho, a formação no curso técnico aparenta ser a solução desafios encarados por jovens no seu contexto. Notei que o currículo das pessoas, muitas vezes não dialogava com a realidade local e muito menos com as necessidades da família. Devido nossas riquezas naturais e os desafios ambientais contemporâneos, seria necessário um ensino que preparasse o sujeito para enfrentar desafios e que tivesse uma compreensão humana com empatia e respeito ao próximo.

Na graduação, no curso em bacharelado em Engenharia Ambiental que busquei e tentei aprofundar essa reflexão. No meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o trabalho que tratava da reutilização de efluentes domésticos para jardinagem, lavagem de áreas e calçadas, tentei unir teoria e prática, propondo soluções sustentáveis para que já estavam sendo abordados dentro dos objetivos da sustentabilidade. Essa experiência intensificou minha crença de que a Educação precisa ser mais do que a transmissão de conhecimentos técnicos, do conhecimento mecânico, mas que ela deve estar conectada à realidade vivida pela sociedade, e assim promovendo um ensino transformador; ela deve estar conectada à realidade vivida pelos alunos, promovendo um ensino transformador através do trabalho como princípio educativo.

O trabalho produz um marco particular no homem e na humanidade. O marco de uma pessoa operando dentro de uma comunidade. Apresento tecnologias para os alunos e explico sua origem, sempre deixando claro para os alunos que a tecnologia é simplesmente a ciência aplicada.

Quando tive a oportunidade como instrutora pelo CETAM em 2021, ministrei em cursos técnicos na área de Meio Ambiente no município de Juruá, onde levei 36 horas subindo o nosso Rio Solimões e no rio Juruá para ministrar aulas para nove alunos.

Gestão do Desenvolvimento Sustentável para alunos indígenas do município de Santa Isabel do Rio Negro, e lá ministrei aulas sobre três objetivos da sustentabilidade, ODS 4. Educação de Qualidade, ODS 5. Igualdade de Gênero e ODS 6. Água Potável e Saneamento. Naveguei pelo Rio Negro ainda criança nos meus pensamentos, enquanto me embalava na rede da minha casa de madeira aos oito anos ouvindo a música “O Vento Norte”, do álbum Criação Cabloca de 1996 do Boi Bumbá Caprichoso, sonhei como seria bela essa viagem e até que um dia através da educação tive a oportunidade de realizar um dos melhores sonhos.

No município de Boca do Acre, ministrei para a turma de Recursos Humanos, com a oportunidade de apresentar aos discentes como a segurança do trabalho junto ao R.H impacta positivamente na vida do trabalhador, onde o conhecimento técnico e o respeito à vida do trabalhador com atualização de documentos são primordiais para a prevenção da saúde e segurança do trabalho. Em Silves ministrei para a turma de Petróleo e Gás. Silves é simplesmente encantadora, completamos aniversário no mesmo dia, Silves é simplesmente única assim como eu, localizada no meio do Lago de Saracá, no rio Urubu. A ilha contém vasos arqueológicos indígenas ao redor da cidade, que inclusive é cercada de praia. Conheça Silves!

Segurança do Trabalho nos municípios de Caapiranga, Itapiranga, Tabatinga, Rio Preto da Eva e Careiro Castanho. Enquanto estava no Careiro tomei a decisão que seria o último município que ministraria aulas, pois queria entrar em uma viagem de barco sem passagem de volta navegando pelos conhecimentos da EPT. Eu sabia que poderia aprimorar meus conhecimentos a respeito de uma área simplesmente que dialoga diretamente com a população trabalhadora, com mulheres que buscam sua autonomia e lugar no mundo do trabalho, com avós que sempre me dizem que não podem desistir de ter uma formação apesar das suas dificuldades, com uma diversidade de saberes e uma pluralidade humana, como os ribeirinhos, imigrantes e povos indígenas. Eu busco aprender mais sobre EPT para uma melhor contribuição para o povo do meu estado, o Amazonas.

Salazar (2020), destaca a diversidade da região amazônica e os desafios de construir uma identidade própria na educação profissional, sem sucumbir modelos de fora. As experiências e dificuldades mostram a importância de adaptar o ensino às realidades locais, a distância geográfica, a falta de infraestrutura e as particularidades da cultura dos alunos nos exige um olhar atento às demandas de cada município.

Foi nessa vivência e experiência da minha jornada que percebi a importância do trabalho com princípio educativo os alunos. Para mim, foi além de ensinar as técnicas, mas construir pontes entre o conteúdo técnico e tecer saberes sobre o contexto cultural dos alunos. Um momento marcante foi quando ministrei cursos para alunos Yanomami, Tukano e Baré, no município de Santa Isabel do Rio Negro. Os alunos vivem uma íntima conexão com a natureza, sem fazer a separação do natural, se colocando como parte. Ensinar sobre Desenvolvimento Sustentável foi um desafio e uma troca valiosa, inclusive para o meu crescimento pessoal. Nesse caso, a educação funciona se respeitarmos o conhecimento tradicional dessas populações e dialogasse com a sua realidade, dentro de cada contexto das etnias.

4. A IMPORTÂNCIA DE UM PRINCÍPIO EDUCATIVO, UNINDO A TEORIA E PRÁTICA NA EPT

Compreender a minha trajetória no processo educativo sinaliza minha curiosidade acerca da EPT, principalmente, no que diz respeito ao conceito-chave: trabalho como princípio educativo. Quebrando fronteiras além dos conhecimentos técnicos, integrando a teoria à prática, permite que os discentes desenvolvam habilidades específicas e uma compreensão crítica da realidade. Essa perspectiva, o professor não é apenas um transmissor de conteúdos, mas alguém que inspira a transformação por meio de uma prática significativa. Esse foi o desafio que assumi como educadora: construir um espaço onde o conhecimento técnico se conectasse à vida prática dos meus alunos.

O princípio educativo integra teoria e prática e foi o primeiro passo para transformar minhas aulas. Para prender os alunos para o mundo do trabalho, era necessário mais do que ensinar técnicas específicas. Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) defendem que o trabalho como princípio educativo está vinculado à própria natureza humana e a necessidade de transformar a natureza em meios de vida.

Era fundamental que eles percebessem o contexto em que estavam inseridos e como poderiam, por meio do aprendizado, contribuir para a transformação das suas próprias realidades. Em uma região como o Amazonas, com suas peculiaridades geográficas e culturais, a prática pedagógica precisava estar alinhada com as necessidades locais. Isso me levou a refletir profundamente sobre a forma como o currículo era estruturado e como ele poderia ser adaptado para atender essas demandas específicas.

Foi então que compreendi que minha missão como educadora era fazer com que os alunos se vissem como protagonistas de suas próprias trajetórias, como agentes de mudança. O aprendizado não poderia ser algo isolado ou descontextualizado. Ele deveria ter um propósito claro e aplicável à realidade dos alunos, de modo que eles pudessem enxergar o valor da educação não apenas como um meio de ascensão social, mas como uma ferramenta para melhorar suas próprias comunidades. Esse processo envolvia uma escuta atenta e constante dos meus alunos, para entender suas histórias, desafios e aspirações. Somente assim eu poderia adaptar minhas metodologias de ensino para que o aprendizado fosse realmente significativo.

Adapte as metodologias de ensino para promover uma conexão mais forte entre os conteúdos teóricos e as práticas cotidianas. Em uma das minhas turmas, por exemplo, desenvolvemos projetos que incentivavam os alunos a aplicar os conhecimentos adquiridos no curso técnico em questões ambientais locais. Um grupo de alunos decidiu estudar o reaproveitamento de resíduos em sua comunidade, uma prática simples, mas que teve um impacto imediato na redução do lixo local. Foi nesse momento que percebi o poder transformador da EPT quando ela está conectada à realidade vivida pelos alunos. O aprendizado deixa de ser algo abstrato e passa a ser parte integrante da vida deles, gerando mudanças tangíveis.

O respeito às realidades locais foi outro elemento crucial para o sucesso dessa abordagem. No interior do Amazonas, onde muitos dos meus alunos vivem em comunidades indígenas ou ribeirinhas, é impossível ignorar o contexto cultural que molda suas vidas. Envolver essas culturas e tradições no processo educativo foi um grande aprendizado para mim como educadora. Por exemplo, ao trabalhar com alunos Yanomami, percebi que o conhecimento técnico precisava ser conciliado com o saber tradicional para que houvesse uma real aceitação e aplicação dos conteúdos ensinados. Foi a partir dessa experiência que compreendi que a EPT deve valorizar não apenas o conhecimento técnico, mas também os saberes locais. O trabalho é fundamental para humanização e o desenvolvimento da consciência. Segundo Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), é através da ação sobre a natureza, por meio do trabalho, que o ser humano se transforma, adquire conhecimento e se aperfeiçoa.

Os desafios enfrentados pelos alunos não estão apenas no campo do aprendizado técnico, mas também na sua capacidade de lidar com questões como autoestima, trabalho em equipe e liderança. Portanto, além de ensinar técnicas, trabalhei para criar um ambiente que promovesse essas habilidades, incentivando o diálogo e a cooperação entre os alunos. Esse tipo de formação é essencial, pois prepara os estudantes não apenas para o mercado de trabalho, mas também para a vida em sociedade, onde serão capazes de exercer um papel ativo e consciente.

Essa abordagem me fez repensar o papel do educador. Deixei de me ver apenas como alguém que ensina e passei a me enxergar como uma facilitadora de processos de transformação. Acredito que, como educadora, meu papel é fornecer as ferramentas para que os alunos possam se desenvolver de forma plena, tanto no aspecto técnico quanto humano. Foi uma mudança de perspectiva importante, pois, ao me colocar nessa posição, comecei a valorizar ainda mais o processo de escuta ativa e a co-construção do conhecimento junto aos alunos, permitindo que suas vozes e experiências guiassem o processo educativo.

No entanto, essa transformação na prática pedagógica não ocorreu sem desafios. Um dos maiores obstáculos foi a resistência inicial, tanto dos alunos quanto de outros educadores, que estavam acostumados a uma abordagem mais tradicional e expositiva. Havia uma crença de que o conhecimento técnico deveria ser transmitido de forma linear, sem muitos questionamentos ou adaptações. Romper com esse modelo exigiu paciência, persistência e, acima de tudo, confiança no processo. Aos poucos, fui mostrando que essa nova abordagem poderia gerar resultados mais profundos e duradouros, tanto no aspecto técnico quanto no humano.

Acredito que, ao incorporar um princípio educativo sólido e reflexivo, a EPT pode ser uma ferramenta poderosa para promover o desenvolvimento sustentável e a equidade social. Os alunos que passam por essa formação saem não apenas com um diploma, mas

com uma visão mais ampla de mundo, conscientes de seu papel na sociedade e de suas responsabilidades como cidadãos. Foi essa visão que me guiou ao longo dos anos e que ainda me inspira a continuar buscando formas de melhorar minha prática educativa. A cada turma, a cada novo desafio, percebo o quanto a educação tem o poder de transformar vidas, começando pela minha própria.

Hoje, ao olhar para minha trajetória como educadora, sinto uma grande satisfação ao ver os frutos desse trabalho. Os alunos que passaram por essa abordagem não apenas conquistaram espaço no mercado de trabalho, mas também se tornaram líderes em suas comunidades, replicando os valores e conhecimentos que adquiriram ao longo do curso. Isso me mostra que a EPT, quando conduzida de maneira reflexiva e conectada à realidade, pode de fato transformar vidas e comunidades inteiras, promovendo um futuro mais justo e sustentável.

5. TRANSFORMANDO VIDAS ATRAVÉS DA EPT NA AMAZÔNIA

Refletindo a minha jornada na EPT, percebo que o maior desafio que enfrentei foi também a chave para a solução: a necessidade de construir uma educação que respeite e valorize as especificidades de cada aluno e das comunidades em que estão inseridos. A EPT, quando adequadamente ancorada na realidade local e adaptada às necessidades culturais e sociais, se torna muito mais do que uma simples transmissão de conteúdos técnicos. Ela passa a ser um veículo de transformação pessoal, social e econômica, capaz de empoderar os indivíduos e promover o desenvolvimento sustentável.

Essa perspectiva, no entanto, não foi algo que se apresentou imediatamente. Ao longo da minha trajetória, enfrentei muitos desafios relacionados à adaptação do currículo, à resistência de metodologias tradicionais e à necessidade de criar um vínculo significativo entre o ensino e a prática cotidiana dos alunos. Descobri que o verdadeiro sucesso da EPT reside na sua capacidade de conectar o que é aprendido em sala de aula com a realidade vivida pelos alunos, algo que só é possível quando ouvimos e compreendemos as demandas e particularidades de cada contexto. Foi essa escuta ativa que me permitiu adaptar as metodologias e, de fato, engajar os alunos de forma mais profunda.

A formação técnica, por si só, não basta. Se ela não estiver alinhada a uma abordagem que promova a reflexão crítica e o envolvimento ativo dos estudantes, corre o risco de se tornar apenas um treinamento mecânico, desconectado da vida real. Minha experiência me mostrou que, ao adaptar o ensino às realidades locais, os alunos não apenas desenvolvem competências técnicas, mas também percebem como essas competências podem ser usadas para melhorar suas próprias comunidades. Eles passam a se enxergar como agentes de transformação, aptos a aplicar seus conhecimentos em situações que vão além do mercado de trabalho e se expandem para a vida em sociedade.

É impossível ignorar o impacto que a EPT pode ter no desenvolvimento das regiões mais marginalizadas, como o interior do Amazonas, onde a falta de infraestrutura e as distâncias geográficas tornam a educação um desafio ainda maior. Trabalhar em comunidades indígenas e ribeirinhas me ensinou que a educação precisa ser contextualizada e sensível às culturas locais. Ao reconhecer o valor dos saberes tradicionais, consegui integrar a EPT ao cotidiano dessas populações, promovendo um diálogo entre o conhecimento técnico e as práticas ancestrais. Esse processo enriqueceu não apenas os alunos, mas também a minha própria prática pedagógica.

A EPT, nesse sentido, vai além do preparo para o mercado de trabalho. Ela é uma ferramenta de transformação social que, quando bem aplicada, pode reduzir desigualdades e gerar oportunidades reais de mudança. Para que isso aconteça, é necessário que o educador assuma o papel de facilitador, que promova não apenas o ensino de técnicas, mas também a construção de uma consciência crítica e cidadã. Como Paulo Freire (1996, p. 20) nos lembra, "educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante", e foi essa máxima que procurei seguir ao longo da minha jornada, buscando sempre dar significado prático e humano ao que ensinava.

Nesse processo de ensinar e aprender, também fui transformada. A cada turma, a cada desafio, me vi repensando meu papel como educadora e a importância de criar um ambiente de ensino que promova o desenvolvimento integral dos alunos. Entendi que a educação deve ser um espaço de construção coletiva, onde o conhecimento é gerado pela interação entre professor e aluno, e onde ambos aprendem mutuamente. Foi por meio dessa troca que pude ver o impacto direto da EPT na vida de meus alunos, muitos dos quais se tornaram protagonistas de suas histórias e líderes em suas comunidades.

O futuro da EPT, para mim, está diretamente ligado à capacidade de promover um ensino contextualizado, que faça sentido para os alunos e esteja conectado às demandas do mundo atual, sem perder de vista as realidades locais. A inclusão de novas tecnologias e metodologias inovadoras certamente tem um papel importante nesse processo, mas acredito que o elemento mais crucial continua sendo o respeito pela diversidade cultural e social dos alunos. A EPT só será verdadeiramente transformadora se conseguir englobar todas essas dimensões, formando não apenas profissionais, mas cidadãos conscientes de seu papel no mundo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A EPT surge como um olofote de um barco que navega iluminando os caminhos pelo rio de aprendizagem. Durante as oportunidades que tive como instrutora no CETAM pelos municípios do Amazonas, percebi que a EPT não era apenas capacitação técnica, ela conecta pessoas às suas realidades culturais, sociais e ambientais do nosso estado. Ao navegar pelo Rio Negro e o Rio Solimões e conhecendo territórios, descubro que cada sala de aula é um espaço de transformação coletiva, onde os alunos são protagonistas de suas histórias e agentes de mudança em suas comunidades. É nessa integração entre teoria, prática e vivência local que a EPT se torna um meio de emancipação social e econômica, promovendo não apenas o aprendizado técnico, mas o fortalecimento de identidades e a valorização de saberes.

Ensinar vai além de transmitir conteúdos. Ensinar é criar conexões com os alunos, sempre respeitando suas histórias, experiências e vivências. Quando ministrei aula para alunos indígenas e ribeirinhos, ficou evidente que o diálogo entre conhecimentos técnicos e saberes tradicionais é a essência para a eficácia da educação. Abordagem que busco é a colaborativa, ela fortalece a autoestima dos estudantes, mostrando que o conhecimento com seus antepassados e suas experiências são tão importante quanto o que aprendem. A EPT, e nessa ponte construída entre o que já se sabe e o que se pode construir, gera um impacto direto na melhoria contínua das condições de vida, na preservação e conservação cultural e ambiental de suas comunidades.

Chego ao fim sobre a minha narrativa autobiográfica afirmando e acreditando que a EPT é uma ferramenta de transformação não apenas para os alunos, também para

educadores e as comunidades. Desafio o aluno a sair de suas zonas de conforto, realize práticas pedagógicas até então não estudadas durante a faculdade, pois minha formação é em Engenharia Ambiental, para atender às necessidades locais, culturais e econômicas. Para você que está lendo, pode ser uma rica oportunidade de aprendizado e conhecimento, eu mostro a você que a Ensino é uma porta para um futuro melhor. A EPT transcende os diplomas, promove cidadania, equidade e o desenvolvimento sustentável de cada local. Como Paulo Freire nos inspira, educar é um ato de amor e coragem, e a EPT reflete exatamente isso: É a educação que transforma a realidade do amazonense e constrói um mundo mais justo e inclusivo.

REFERÊNCIAS

- [1] AMAZONAS. Diário Oficial do Estado. Regulamento do Instituto Benjamin Constant (1894), publicado no período de 9 a 28 de agosto de 1894. Disponível em: <http://https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028843&pagfis=3>. Acesso em: 08 out. 2024.
- [2] BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Brasília, DF:Presidência da República,[2020].Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 set. 2024.
- [3] FREITAS, F. de; GALVÃO, C.. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. **Ciências & Cognição**; Ano 04, vol. 12, 2007. Disponível em: <www.cienciasecognicao.org>. Acesso em: 8 out. 2024.
- [4] FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- [5] FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. O trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral de trabalhadores–Excertos. **S/A Disponível em:<<http://redeescoladegoverno.fdrh.rs.gov.br/upload/1392215839>> Acesso em:** 8 out 2024.
- [6] LOVATTO, Patrícia Braga et al. Ecologia profunda: o despertar para uma educação ambiental complexa. **Redes. Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 16, n. 3, p. 122-137, 2011.
- [7] SALAZAR, D. M; SANTOS, T.V.D. Construindo a educação profissional no contexto amazônico. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 4, n. especial, p. 1-5, 2020.

Vivências trazidas como contribuições para a educação profissional tecnológica

Jean Negreiros Ferreira¹, Deilson do Carmo Trindade²

1. INTRODUÇÃO

Da terra firme da Mundurucânia, banhadas pelas profundas águas escuras do rio Maués açu está o lugar onde nasci e cresci. Correndo nas veias de quem ali vem o mundo o sangue nordestino e indígena que no solo ácido do rústico guaranazeiro de Maués, assentasse uma rica herança cultural de lendas e encantos dessa mistura, cuja as tradições levadas nos tecidos das festas folclóricas e religiosas, que por costume onde morava, promoviam, a partir de ensaios em grandes espaços como o quintal de dona Lili, minha avó, a preparação para a primeira formação de socialização junto àqueles que partilhavam das variadas brincadeiras.

Na trajetória, a fortaleza se faz sempre respeitar como a figura mais importante, minha mãe, mulher forte e professora que sempre se dedicou em não deixar, na medida de suas possibilidades, faltar as garantias do sustento orgânico e educacional de meus irmãos e eu, vestígio da farofa de peixe compartilhada em um único prato por cinco bocas, acrescentado nas rezas de agradecimento, a enfática posição firme sobre as dificuldades, a qual não se perdia a chance de aprender, na crua realidade, os valores que na sua figura materna se mostrava como parâmetro de coragem, liderança e caráter.

No decorrer do tempo, as brincadeiras iam se tornando escassas, dando lugar as tarefas que se faziam necessárias e, como sempre, exigentes no contexto existencial de meu avô, homem da lavoura, de poucas palavras, mãos calejadas e tez marcada pelo sol que no fio da lâmina de seu terçado refletia as lembranças da dura infância imposta pela conjuntura de sua época que nos tratos de sua criação, homens logo cedo se tornavam, rendendo à mim, então, o convite que, no período de férias escolares, pelo respeito e admiração que sobre ele nutria pelo seu legado, a acatada decisão que ao seu lado estaria.

O tempo se passa e minha cidade, ao meu olhar, parecia diminuir à medida que os sonhos aumentavam, era chegada ora, então, de tomar as bênçãos de meus familiares e permissão de sair à busca de construir os meios concretos que em sonhos repousavam. No bolso pouco recurso, mas muita vontade que num curso superior, o acordar me traria.

Carregando em minhas malas, rumo a capital Manaus, as vivências latentes do meu “olha já”, repleto de culturalidade vista no rosto caboclo de maçãs salientes e olhos puxados que viam na partida a ponta da maresia se distanciar, mas a constituição do meu ser, em folclores e religiosidades, nas linhas da folha em branco de um lugar, que um dia, fora assinaladas por bois bumbás dos mestres Preto e Curicão, Festas juninas de escolas,

¹ Discente do Curso de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do PROFEPT/2024 no Instituto Federal do Amazonas.

² Docente no Curso de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do PROFEPT/2024 no Instituto Federal do Amazonas. Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia pelo Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

e São Sebastião de dona Gimor, Sinoca e Sinhá, alinhavam-se às Festas do Divino Espírito Santo e Santo Antônio dos Moraes, de Cristo Bom Pastor, Jaçanã e Guaraná, enfim, todas presas às sandálias, que lado a lado debaixo da rede, no barco de linha, levava o pó do rastro da terra percorrida na estrada da pouca experiência vivida, a repleta essência de um coração sonhador.

Chegando para desbravar tudo o que Manaus poderia me oferecer, busquei sempre com fé, aquilo que afirmaria as razões do meu propósito, o qual com lutas, trabalhando de dia após dia, adentrei, enfim, à universidade, a qual com quatro anos absolvidos do espírito do tempo deste lugar, me propusera pós-formatura, a ajuda em mostrar e lidar com o mundo do trabalho de educador que logo iria iniciar. Relatar todo esse itinerário de vida e partilhar das memórias que marcam nesse percurso o que sustenta parte do que sou é significativo, pois todo esse conjunto de objetivações para a construção do meu lado genérico moldam e sustentam minha singularidade, de tudo aquilo que gosto e vejo como melhor para mim e para o mundo em que vivo. Por isso, minha atuação como docente, tem propósitos de luta por uma educação de qualidade, ainda que nesse mundo a ordem do capital se mantém presente. Para descrever tal itinerário foi preciso aplicar a ferramenta metodológica da pesquisa bibliográfica, nela se permite uma análise mais acurada dos processos formativos e pessoais da historicidade e memória e que assim descreverei.

2. METODOLOGIA: PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA

A metodologia de pesquisa autobiográfica é uma ferramenta relevante para a investigação das experiências de vida dos sujeitos, ela permite uma análise acurada dos processos formativos e das trajetórias pessoais. Segundo Josso (2004, p. 39), "a pesquisa autobiográfica dá a possibilidade ao pesquisador de refletir sobre sua própria trajetória, destacando os elementos que influenciaram sua formação pessoal e profissional". Essa abordagem é particularmente útil no campo educacional, onde as experiências vividas pelos educadores se entrelaçam com os contextos de ensino em que atuam, proporcionando uma compreensão mais ampla dos processos educativos.

O relato pessoal do pesquisador assume um papel central, nesse tipo de pesquisa, pois é através de sua narrativa que se constrói o conhecimento. Clandinin e Connelly (2000, p. 20) ressaltam que "a narrativa autobiográfica é uma forma de compreender a experiência, através da construção de histórias de vida que revelam significados sobre as práticas e os contextos em que os sujeitos se inserem". A partir dessa perspectiva, a pesquisa autobiográfica possibilita uma análise reflexiva das práticas pedagógicas e das influências culturais e sociais que moldaram a trajetória do pesquisador, permitindo que se revelem as relações entre a formação pessoal e a profissional.

Além disso, a pesquisa autobiográfica é caracterizada por um diálogo constante entre a memória e a reflexão crítica. Nóvoa (1992, p. 27) destaca que "ao contar a própria história, o pesquisador é convidado a revisitar seu passado, a analisar suas experiências e a construir novas interpretações sobre si mesmo e sobre os contextos vividos". Dessa forma, o processo autobiográfico não se limita à descrição de eventos, mas busca explorar os sentidos e significados que emergem da narrativa, contribuindo para uma compreensão mais rica e complexa dos processos formativos dos sujeitos.

Por fim, a pesquisa autobiográfica contribui para a valorização da subjetividade e da singularidade de cada experiência, permitindo que as vozes individuais ganhem espaço na produção de conhecimento científico. Para Bolívar (2014, p. 15), "a autobiografia como

método de pesquisa enriquece a compreensão dos fenômenos educacionais ao incorporar as experiências pessoais dos sujeitos, dando visibilidade a contextos e vivências que muitas vezes são ignorados em outras abordagens". Assim, ao adotar essa metodologia, o pesquisador não apenas amplia seu entendimento sobre si mesmo, mas também oferece contribuições significativas para o campo de estudo, ao dar visibilidade a aspectos subjetivos que influenciam diretamente as práticas educativas.

3. A FORMAÇÃO INICIAL E O MUNDO DO TRABALHO

A educação sempre esteve presente em minha trajetória, especialmente quando decidi buscar uma formação acadêmica em Manaus. Esse desejo de crescer pessoal e profissionalmente me levou a ingressar no curso de Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), onde concluí esta graduação em 2002. Naquele período, envolvi-me em movimentos estudantis que discutiam os impactos das políticas neoliberais na educação, observando um cenário que se via de um lado o sistema financeiro forçando um sucateamento das instituições de educação e de outro os que resistiam às políticas privatistas de Fernando Henrique Cardoso.

Tenho a certeza de que todo esse trajeto de vida acadêmica, regada de ideais por melhorias, me renderam um precioso modo de perceber a conjuntura real do mundo, assim, certos propósitos que fizeram em mim um perfil crítico, contribuídos por uma especialização em metodologia do ensino superior, e outra em metodologia do ensino de filosofia e sociologia, aquela inacabada fortificaram tal reflexão.

A estrada acadêmica que por mim trilhada com muito gosto, começou com o curso, noturno, de licenciatura em filosofia, o qual partilhava concomitante com os cinco dias úteis da semana no trabalho que tinha diurnamente numa loja de sinalização gráfica e automotivos que este por sua vez foi palco de reivindicações que refletidas pela crítica nutrida do mundo universitário era aplicada na organização de jovens trabalhadores que igual a mim compunham, na época, a mesa de diálogos com o patrão por melhores condições de trabalho.

Trabalhar e estudar passou a ser um só mundo de conhecimento, como se fosse uma proposta em aprender a partir de uma totalidade, pois ao curso de filosofia no ICHL levava descuidadamente, com orgulho, as graxas presas à minha calça jeans, como representação da realidade do meu ganha pão, que sob a luz de teóricos como Karl Marx, Frederick Nietzsche e Aristóteles, acompanhavam-me como paradigmas no paradoxo mundo que desbravara.

4. DAS GRAXAS AO GIZ.

Na expectativa de se fazer concurso para me estabilizar, abracei nos processos seletivos da secretaria de educação e cultura (SEDUC) a profissão de docente, apagando assim as graxas presas em minhas mãos, porém carregando deste episódio a forjada base de minha formação profissional da qual tenho consciência hoje de que parte da construção do meu ser é oriunda da frônesi tecida no pátio de atendimento da loja, a qual me constituiu e principiou os preparativos das lições de vida, principalmente de como lidar com seres humanos e seus basilares princípios que norteiam viver em sociedade para o mundo do trabalho como docente da rede estadual de ensino, o que também acionou os desdobramentos da vida como educador, a qual acenava fazer parte, como

contribuição, dos construtores da educação profissional e tecnológica do Instituto Federal do Amazonas (IFAM) como professor de filosofia mais tarde.

Dos resultados de idas e vindas, como servidor do instituto federal de educação, começo as experiências em fazer educação profissional e tecnológica em 2011 até o momento. Desta história, minha relação com o mundo da formação humana pelo trabalho compreendo que o modelo EPT é a proposta de se fazer educação de tudo o que é de mais avançada do que já vivenciei em minha experiência de ensino, sendo, assim, gratificante as descobertas por vislumbrar em cada formação continuada que encontro dentro do processo profissional.

Pensando em sempre me aperfeiçoar para contribuir no que há de melhor para os meus alunos, vejo no curso de mestrado não só como uma desafiadora missão, mas como também possibilidades de tornar a educação que cumprirá a escolha de se fazer educação para e com filhos de trabalhadores, assim, me dispondo em dar um novo horizonte para a vida dos que compartilham a luta por uma educação que busca por uma contribuição mais completa.

5. O MUNDO DO TRABALHO COMO DOCENTE

Como professor de filosofia comecei em 2002 pelo processo seletivo de contrato, tendo como primeira escola a estadual Castelo Branco no bairro São Jorge, essa iniciou as bases em experiências em sala de aula, nela ministrei a disciplina de história, geografia, artes, sociologia e filosofia. Em seguida passei por várias outras da mesma rede, escola Dorval Porto no Crespo, escola Adalberto Vale no Educandos, escola Djalma Batista no Japiim. Nelas não se esgotaram, claro, todas as definições do que é ensino, mas, nessas escolas, aprendi os elementos que corroboram a prática e a aprendizagem, como o companheirismo, as vivências e dificuldades dos alunos.

Segundo Saviani (2013, p. 89), "o processo de ensino deve ser compreendido como uma interação constante entre o educador e o educando, em que ambos aprendem e se transformam". Essa perspectiva esteve presente em cada experiência docente que tive, especialmente no contato direto com as diversas realidades dos alunos.

Posso dizer, seguramente, que de tudo que aprendi na faculdade moldou os alicerces da minha vida profissional, mas o mundo do trabalho, que esperava lá fora depois da formação, me deu a extensão dos fundamentos aprendidos na UFAM. Considerando os movimentos de greve que fazíamos para melhorias das condições de trabalho. Os processos que vamos vivenciando no decorrer de cada respiração são oportunidades de amadurecimento que desemboca naquilo que somos no agora, como dizia o filósofo do devir e pai da dialética Heráclito de Éfeso "paremos de indagar o que o futuro nos reserva e recebamos como um presente o que quer que nos traga o dia de hoje".

Em 2008, retornei à cidade de Maués que dos dez anos cumpridos no todo de minha trajetória na rede estadual na cidade de Manaus, quatro naquela cidade, foram efetivados com muito orgulho, mas que até aquele momento levava a esperança ainda pela oportunidade de haver concurso para área da docência comigo, que, até então, nem se falava em promoção de concurso à vaga de Filosofia o que, historicamente, desde a minha conclusão na licenciatura, nunca havia acontecido no Estado do Amazonas.

Após quarenta anos o ensino de filosofia na vigência a partir de 2003 do governo Lula, em junho desse ano, com a entrada em vigor da Lei nº 11.684, tornou obrigatório o

ensino dessa disciplina nas três séries do ensino médio, então, tais esperanças eram acesas nas linhas dos artigos da nova proposta no ensino médio, em que seus fundamentos e determinações apresentavam um horizonte rumo à contemplação de um país que no contexto da ditadura militar, foi retirada do currículo e proibida, pois o pensar, refletir e ter posicionamentos críticos contra o “período de chumbo” era considerado crime.

No dia 9 de janeiro de 2009, através da Ordem de Serviço Nº 002 GDF/09, foi autorizado o início de construção da unidade de ensino descentralizada do Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas no Município de Maués, hoje Instituto Federal do Amazonas – Campus de Maués. Era momento de grande expectativa sobre a composição do quadro docente deste Instituto que em cada etapa de sua construção, se erguia também sonhos e esperanças de um dia trabalhar numa entidade que vinha com toda estrutura de escola de primeiro mundo.

6. O COMEÇO DA TRAJETÓRIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA – EPT.

No dia 14 de dezembro de 2009, no fervor da expectativa de trabalhar no IFAM, iniciaram-se as inscrições para o primeiro processo seletivo de alunos, edital nº 11/2009 para seleção de 120 alunos para os cursos técnicos em agropecuária, informática e administração integrados ao ensino médio e edital nº 12/2009 para seleção de 160 alunos para os cursos técnicos em informática, administração, meio ambiente e recursos pesqueiros, na modalidade pós-médio.

Em 14 de janeiro de 2010, chamou-me a atenção um feliz alerta, pois através do edital nº 001, publicado no DOU de 15/01/2010, foi enunciado o primeiro concurso público de docentes, com o oferecimento de 29 vagas para professores nas diversas áreas de ensino, para a formação do quadro efetivo do IFAM Campus Maués, mas infelizmente sem a disciplina de filosofia na sua composição.

A espera, sem sinais de respostas de ofertas do que realmente queria, despertou de forma prática o intuito de buscar a efetivação de concurso que me proporcionasse uma estabilidade, foi quando através do edital nº 004, publicado na DOU DE 22/01/2010, foi enunciado o primeiro concurso público técnico administrativo, com o oferecimento de 14 vagas nas diversas áreas administrativas para a formação do quadro efetivo do instituto, aprovado para área técnica administrativa da educação- tae.

Iniciei como servidor no ensino profissional tecnológico em meados de janeiro do ano de 2011, um ano após a inauguração do Instituto Federal de Educação do Amazonas Campus Maués no quadro de assistente de alunos, findando, portanto, minha trajetória pela rede pública estadual, e começando uma nova dentro da rede de educação profissional tecnológica, mas ainda sem esquecer a esperançosa oportunidade de trabalhar em sala de aula.

Foi gratificante focar neste novo trabalho que diretamente via no comportamento e nos modos observados por mim, em relação do convívio coletivo dos alunos a desmistificação sobre a profissionalização e educação na formação de alunos para o mercado de trabalho, que para mim, o entendimento era o modelo do sistema S, sobre novas importantes chances de elevar pelo parâmetro de ensino que o recém inaugurado instituto trazia para aquela pequena cidade.

Então, buscar estruturas para que o conhecimento de forma efetiva abraçasse a realidade dos alunos que logo após em 2013, esperado edital se contempla por uma feliz aprovação para docente do Instituto Federal de Educação o qual não só era esperado, como também as chaves das portas para adentrar este castelo conquistei e assim começaria a contemplação daquilo que queria e dela elevar para os alunos minha identidade como educador.

Minha atuação como docente sempre foi permeada pelo desejo de promover uma educação crítica e reflexiva, especialmente no ensino de filosofia, que deve "promover o pensamento crítico e a reflexão sobre a realidade vivida pelos estudantes" (CHAUI, 2000, p. 78). A chegada ao IFAM representou um novo desafio e uma oportunidade de contribuir para a formação dos jovens da região, buscando sempre integrar conhecimentos científicos e técnicos com a valorização das culturas locais, e assim meus caminhos começaram.

Trabalhar onde queria era como se sentir em casa, porém lutar por uma educação que atendesse os princípios da EPT tinham sentidos inspiradores e ao mesmo tempo cansativos, pois um Instituto Federal de Educação no interior, tem uma peculiaridade, pelo fato de tal Instituição parecer fazer parte da cidade onde se implantou. Os calendários festivos deste lugar, sempre foram imbricados às propostas pedagógicas do IFAM. Então, era notório que as expressões do que éramos como educadores se mostravam mais evidentes nos eventos educacionais, pois era o momento de se comunicar com a sociedade local, o que infelizmente se interrompeu, temporariamente mais tarde, pela pandemia.

Durante minha trajetória profissional como professor observei a relação de trabalhos com as parcerias na figura das entidades locais. Aliás, o instituto federal de ensino, tem uma peculiaridade em cidades pequenas. Tal entidade, toma parte como membro nas direções práticas dos acontecimentos solenes, a qual marca uma grande importância nos eventos culturais educativos realizados na cidade de Maués, tais como: Festa do Guaraná, nesta o IFAM promove a exposição das pesquisas e projetos já consolidados nos mais diversos cursos propostos, além de inovações na área de pesca e outros.

O Folclore nas festas juninas, muito marcante nas entidades religiosas, claro sem perder sua identidade laica, traz a relevante presença da Instituição, como a festa do cristo bom pastor, essa recebendo a presença de muitas comunidades do interior da cidade que chegam de barco, esses prestigiam os resultados do que alunos do instituto aprendem e reproduzem em sala de aula e compartilham nestes eventos educativos como novidade para esses acontecimentos, mostrando e provando que educação é vida e como tal ultrapassa o muro de seu prédio chegando à comunidade.

Circuitos culturais, promovendo gincanas, passeio ciclista com temas que afirmam os princípios éticos e morais, com parcerias com o sesc, empresários locais, academias e clubes esportivos da cidade. Palestras sejam elas no auditório do próprio instituto e/ou escolas estaduais e municipais da cidade, que nesta, o instituto leva aos alunos do fundamental e médio e aos profissionais desses ensinos, a formação à luz dos teóricos da filosofia e sociologia dentro do campo pedagógico.

E nos eventos internos, a mais consagrada Semana de Ciência e Tecnologia, atribuído para essa semana temas que envolvem as mais instigantes propostas de discussão e exposição de projetos de pesquisas relacionados a realidade local, além das palestras que envolve intelectuais de outras regiões, depositar suas experiências e mesas redondas. Discutindo e redirecionando os processos produtivos locais seja com

empresários e outras entidades que venham se identificar com temas que venham ser apropriado a seus interesses.

Durante o percurso como profissional no campus Maués, participei como presidente na comissão disciplinar discente, acompanhei de perto todos os tipos de infrações que venham a ser reais, além das medidas que precisavam ser tomadas sem prejudicar o cumprimento das resoluções e o verdadeiro aconselhamento para o aval do diretor geral do instituto ter a mais coerente decisão.

Também tive a felicidade de contribuir como ouvidor desse campus, essa oportunidade me proporcionou um especial conhecimento nos elementos essenciais subjetivos dos profissionais que vinham buscar a presença da ouvidoria.

Em meados de 2018 e 2019, uma experiência ganhou espaço marcante na memória como docente, pois, através de um curso técnico o qual fui escalado para compor a seleção de professores para atender o ensino de alternância indígena Sateré-Mawé na área de agroecologia, me deu a oportunidade de olhar os processos e organização de trabalhos agrícolas cultivados pelo referido povo. Esse curso, veio do desejo da própria comunidade indígena, que se encontravam preocupados com a soberania alimentar das aldeias e comunidades.

O curso técnico em agroecologia teve início em 2018 e veio ser desenvolvido através do Instituto Federal de educação Ciência e Tecnologia do Amazonas, campus Maués, na Terra Indígena (TI) Andirá-Marau, região do Baixo Marau, no município de Maués.

Sua criação, configurado como curso em agroecologia de nível médio na forma integrada, modalidade EJA/PROEJA Indígena/Sateré-Mawé/Baixo Marau, partiu da proposta que se inseriu no contexto de inclusão e acesso a um ensino contextualizado e amparado em uma perspectiva intercultural de construção de saberes, corroborado com o anseio dos jovens Sateré-Mawé em realizar seus estudos dentro do seu próprio território, motivados para as discussões sobre o contexto da produção agroecológica e os desafios atuais de manutenção no território no que relaciona à segurança e soberania alimentar com o respeito à sua cultura.

Assisti durante minha estada na aldeia suas relações com a natureza e percebi o como ela está latente em todas as ações desse povo, suas aulas eram abarcadas de um universo de ideias e propostas que correspondiam a toda cosmologia do povo Sateré-Mawé.

Percebi que nós, professores, não fomos lá para ministrar nossas aulas e sim celebrar um casamento entre os conhecimentos tradicionais com as propostas técnicas do curso que muitas vezes encontrados os seus fundamentos na própria cultura dessa comunidade, pois eles não fazem educação para a vida, pois a educação é a própria vida consagrada no respeito muito com a natureza.

Foram duas semanas intercaladas, nossa convivência abriu um prazeroso espaço para um futebol de toda tarde, e um belo caldo de peixe à noite. Seus cantos e olhares mostravam o orgulho que se tinha de sua família, marca de um retrato de um povo que ergueu sua existência com lutas pelo seu território, as quais retratam a história e levam na identidade um povo guerreiro. Numa aula sobre cosmologia grega, tive o vislumbrar de dois alunos que tinham em suas memórias as narrativas de suas próprias descrições de como se deu a origem do universo, seus deuses e o surgimento de seus povos.

Tal admiração não foi só pela qualidade da forma como narravam e sim com a diversidade de ideias que se correlacionava com os princípios morais na formação do ser humano com a posição com a natureza que para eles é considerada um ente. Portanto, o conceito de trabalho tem um sentido para ser desvelado e como esse sentido respondeu às relações de trocas de saberes com o curso.

No último encontro, com uma despedida calorosa, nossos alunos proporcionaram um maravilhoso café com produtos dos seus próprios cultivos e outros extraídos de suas florestas num banquete regados de afetos e satisfação pelo dever cumprido, mas já com vontade de voltar.

Como todo processo histórico da existência tem no seu transcorrer a marca das contradições que a definem, não foi diferente com a minha vida, pois em 2019, tive a necessidade de solicitar minha remoção para a capital Manaus, minha filha caçula precisava ser tratada de um enfermo que a cidade de Maués não poderia proporcionar por falta de estrutura.

Removido no dia 15 de março de 2020, e nesse mesmo dia declara-se lockdown no estado. Então, começando uma nova etapa na minha vida profissional pelo impedimento da circulação de pessoas e o isolamento social, obrigou os servidores a trabalhar em home office. Foi difícil, mas era necessário, pois a pandemia parou o mundo e todas as escolas tinham que se adaptar ao novo “normal”.

Os recursos tecnológicos ajudaram no contato com os alunos e nas reuniões para estabelecerem planos para as atividades do Instituto, que se faziam presente para todas as decisões num período de grande tenção.

A apresentação de boas-vindas via meet, lembro do saudoso querido reitor Antônio Venâncio, que quando cheguei na cidade de Manaus, entrei em contato com ele para solicitar o entendimento dos rumos da minha nova vida profissional no campus. Ele, com uma postura gentil e amável, traçou nas últimas palavras da conversa me desejando boas-vindas.

As medidas de ajuste de calendário escolar estabelecidas em reuniões virtuais para o planejamento, coordenação e monitoramento das atividades foram as estratégias mais adotadas pelos professores para dar continuidade ao trabalho durante a suspensão das aulas presenciais. Então novos desafios se mostravam para se fazer educação, como: Acesso a internet, deparamos com uma imensa desigualdade no acesso, nem todos os alunos tinha os recursos de manter uma conexão linear e pontual com os docentes.

As desigualdades sociais mostravam-se bem latentes no acesso às novas estratégias para o processo de ensino. Nas aulas assíncronas, trinta por cento dos alunos frequentavam. Afirmo que o ano letivo de 2020 ficou inteiramente comprometido e atravessando o início de 2021. Enfim, a pandemia de COVID-19, a educação enfrentou grandes desafios. A adaptação ao ensino remoto revelou "as desigualdades no acesso à educação, tornando essencial o debate sobre a inclusão digital" (SCHWARTZMAN, 2021, p. 34). Foi um período difícil, mas fundamental para refletir sobre as necessidades de adaptação do ensino, especialmente no contexto da educação profissional.

Sem contar com as notícias ruins que para nós profissionais eram dadas nos tristes e impactantes falecimentos de conhecidos e um dentre eles, o nosso tão querido reitor Antônio Venâncio que, hoje, ainda guardo suas palavras de desejo de boa sorte.

Em 2022, com o fim do lockdown, agora trabalhado no Instituto Federal do Amazonas – campus Manaus centro, tudo pareceu um momento de reorganização, um recomeçar. Atribuí esse novo momento para rever os colegas que já conhecia e conhecer os novos companheiros de luta, pois mais do que nunca, vimos o valor da educação e seus resultados nas decisivas escolhas de nossos governantes.

A pandemia da covid-19 mostrou a verdadeira face e poder do que o neoliberalismo da extrema direita tomou como postura diante de momentos difíceis do qual experimentamos, um experimento amargo. Diante disso, me fez pensar, que os momentos de glória e ganhos na educação e na profissão de educador, tive na presença do governo foi o lula em 2008 e depois de 15 anos a volta de uma representação progressista, democrática, me pareceu florescer novas perspectivas na educação profissional tecnológica. Seja elas nas estruturas econômicas do ganho do profissional, esquecidas pelos dois governos anteriores, seja por indicações de novos rumos dos institutos Federais.

No processo de ida e vindas no instituto federal tive uma experiência de trabalhar e experienciar com outros colegas de formação (professores de filosofia) onde compartilhamos e repensamos nas metodologias para ensino de filosofia nos cursos integrados de Mecânica, Eletrotécnica, Informática, graduação em Biologia, Matemática. Essa convivência não estabelece apenas os aspectos da “philia” mas troca de experiências metodológica para aperfeiçoar estratégias para ensino de filosofia no instituto federal. Com experiência, tive a oportunidade de compartilhar experiências com colegas de formação para aprimorar os mecanismos de ensino de filosofia e ampliar as experiências como professor de filosofia.

As medidas de ajuste de calendário escolar estabelecidas em reuniões virtuais para o planejamento, coordenação e monitoramento das atividades foram as estratégias mais adotadas pelos professores para dar continuidade ao trabalho durante a suspensão das aulas presenciais. Então, novos desafios se mostravam para se fazer educação, como: Acesso à internet, deparamos com uma imensa desigualdade no acesso, nem todos os alunos tinha os recursos de manter uma conexão linear e pontual com os docentes. As desigualdades sociais mostravam-se bem latentes no acesso às novas estratégias para o processo de ensino.

Então novos desafios se mostravam para se fazer educação, como: Acesso à internet, deparamos com uma imensa desigualdade no acesso, nem todos os alunos tinha os recursos de manter uma conexão linear e pontual com os docentes. As desigualdades sociais mostravam-se bem latentes no acesso às novas estratégias para o processo de ensino.

Atualmente, busco aprofundar meu conhecimento por meio do mestrado, compreendendo o papel transformador que ele desempenha tanto nas práticas pedagógicas quanto na formação integral dos estudantes. Acredito que as políticas educacionais têm um papel fundamental nesse processo, sendo resultado de "um embate entre diferentes concepções de formação e de desenvolvimento social" (OLIVEIRA, 2011, p. 98). A luta por uma educação de qualidade e acessível a todos continua sendo um dos principais desafios de minha prática docente.

Em 2024, ano vigente, com intuito de aprofundar conhecimentos e desenvolver habilidades, começo de grandes desafios, o mestrado, o qual irá desempenhar um papel transformador na minha carreira, pois sei que irá impactar positivamente nas minhas práticas pedagógicas e de certa forma dar de minha contribuição formativa dos resultados

que irão ajudar nos procedimentos que venham a tomar como finalidade da minha pesquisa, assim algumas motivações me levam ao novo trajeto para esses dois anos.

A principal motivação é fazer parte deste time de profissionais da educação profissional tecnológica na compreensão de meu locus enunciativo em que todos os dias saber que trabalho na formação de seres humanos e que nosso legado é luta, lutar por um instituto e por uma educação que venha formar alunos dentro do preceito omnilateral é gratificante.

Sempre me lembro que sou professor de filosofia efetivo e em exercício do Instituto Federal do Amazonas, estou em exercício no ensino médio integrado. Sou tangenciado pelas relações que se estabelecem entre o lugar da docência, quando reflito minha atuação e de meus pares e, de maneira simultânea, pela realidade circundante dos discentes. Estar como docente é buscar condições para compreender as emergências que resultam das relações descritas anteriormente, tendo como desígnio o melhor e possível resultado.

Um segundo fator motivacional está na possibilidade de experimentar a existência de saberes outros, além de fortalecer experiências da vivência docente com profissionais de diferentes áreas do conhecimento, mas que percebem a urgência de trabalho que tratem da formação de alunos e suas relações com o ensino técnico.

Acredito que o mestrado é como um espaço de produção científica, assim como também é um espaço de escuta e de atualização de questões e tendências que objetivem qualificar o debate sobre formação sejam de alunos e pelo processo de trabalho a de como professor.

Um terceiro fator motivacional precisa ser mencionado. A titulação que busco irá me possibilitar outras inserções e extensões tanto no ensino quanto na pesquisa. Com o título de mestre conseguirei desenvolver pesquisas e ter inserções de ensino que antes não me eram oportunizadas. Com a titulação de mestre, caminhos outros poderão ser traçados e, dessa maneira, maior e melhor serão os resultados para o trabalho pedagógico e para o desenvolvimento do conhecimento científico como um todo.

Tendo ao meu lado excelentes professores, tenho certeza que terei uma boa formação como profissional, nossos encontros são sempre no início de cada mês, acredito que estamos em boas mãos para apreender tudo aquilo que é preciso para essa caminhada árdua que já estamos percorrendo. As aulas sempre são profícuas, dada cada encontro a construção do que é formação pelo trabalho, me faz entender e compreender todos os elementos que definem a identidade de uma educação profissional tecnológica.

E como docente estou, atualmente, reorganizando as aulas depois de dois meses de greve alcançando seu limite depois de longas esperas de negociações, os institutos federais da educação e as universidades federais tiveram que paralisar. Entre as principais reivindicações, estavam em pautas o tema das carreiras, reparação salarial devido anos de congelamento promovido pelos governos Temer e Bolsonaro, como também a recomposição orçamentária para melhorar as condições de funcionamento e trabalho das Instituições Federais de Ensino.

Sempre concebi a educação como uma luta, pois, lidar com aluno na sala de aula que percebe o mundo a partir de uma estrutura de linguagem formada por uma ideologia criada pelo capital, faz-se necessário contribuir a orientar na direção de um pensar crítico à realidade e a si mesmo diante das imposições do sistema capitalista que convém sempre se sustentar das provocadas crises econômicas que desfavorece a classe trabalhadora e

sua formação educativa, desvinculando de sua cultura, crença, religião e política, os elementos de uma formação humana. Assim, ao deparar com um instituto com formação pelo trabalho, é preciso saber se sua finalidade seria para fim educativo e qual elemento de fio condutor o liga à educação para que o filho do trabalhador mauensesense atinja a formação humana integral? Ou se não uma mera esteira de formação de mão de obra para o mercado?

Tendo o trabalho como categoria basilar da pesquisa como mestrando, abraçar uma investigação que busca saber de que forma tal categoria (trabalho) venha ter sua diretriz educativa a partir de sua relação com a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, evento esse que acontece anualmente trazendo consigo suas dimensões como cultura, ciência, pesquisa, tecnologia e inovação, dentro de uma proposta de levar à cidade de Maués a democratização da ciência, configurando-se como espaço de encontro que vincula as entidades seja ela política, sindicatos empresas, comerciantes, madeireiros, povos indígenas e principalmente estudantes que ali fazem parte com pesquisadores para apresentar seus trabalhos junto à outras atividades como oficinas, palestras, mesas redondas e exposições culturais, o que torna, tal pesquisa, desafiadora.

Assim, buscar-se-á, como objetivo nessa pesquisa, compreender uma afinidade de como o envolvimento com os meios culturais e econômicos, trazidos das experiências da criação formativa educacional dos alunos IFAM - CMA do curso em tecnólogo em agroecologias oriundo do ensino médio em educação profissional tecnológica (EPT) olham a categoria trabalho se vincular a educação a partir da relação com a SNCT no município de Maués à partir de suas memórias.

Portanto, jamais podendo negar que os eventos educacionais fazem parte das vivências e sentidos na construção da formação humana integral dos estudantes, a oportuna pesquisa buscará propor uma delicada compreensão de como tais eventos, podem também contribuir na categoria de excelência da escola que acredito ser o modelo para uma nova nação brasileira. Para esta narrativa irá se recorrer à metodologia de pesquisa autobiográfica, pois se consolida como uma ferramenta relevante para a investigação das experiências de vida dos sujeitos, permitindo uma análise profunda dos processos formativos e das trajetórias pessoais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das várias configurações como professor de filosofia, engajado nos movimentos sociais, participei nos movimentos das greves no intuito de lutar pela melhoria da qualidade de ensino e salarial, além disso discuti com a comunidade a necessidade de avaliar com a sociedade o papel da educação. Entendo que as greves não são apenas movimentos políticos, mas é uma oportunidade de compartilhar com a comunidade a grandeza da educação e suas possibilidades para que a sociedade compreenda o valor de grande veículo que a educação profissional tecnológica é, pela sua história que tem e pelos propósitos que almeja alcançar, seu desvelamento como Educação Profissional Tecnológica está a cada dia à disposição de todos que buscam uma real formação tecnológica e científica, cumprindo sua missão de preparar jovens e indivíduos adultos para a vida do trabalho e que prima para uma formação omnilateral.

A cada dia a exigência em sua formação e seleção de profissionais, ainda são percebidas pela comunidade como simples escola técnica que tem com atributo formar mão de obra para o mercado de trabalho.

Portanto, perceber que toda conjuntura ideológica desta construção é um fator de luta para desconstruí-la, as intenções do capital em acompanhar todos os desdobramentos históricos que se vinculam as questões educação e trabalho que no Brasil sempre foi percebida sob gerência de uma burguesia subalterna ao capital exterior visto numa perspectiva global é projeto.

REFERÊNCIAS

- [1] BOLIVAR, Antonio. *Autobiografía, formación y narración: saberes y sentido de la experiencia*. Buenos Aires: Novedades Educativas, 2014.
- [2] CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Narrative Inquiry: Experience and Story in Qualitative Research*. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.
- [3] FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a Crise do Capitalismo Real*. São Paulo: Cortez, 1995.
- [4] JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- [5] NÓVOA, António (Org.). *Vida de professores*. Porto: Porto Editora, 1992.
- [6] OLIVEIRA, Dalila Andrade. *Políticas Educacionais e Formação de Professores: contribuições para o debate*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- [7] SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2013.

Projeto de vida e EPT: entrelaçamentos entre a construção pessoal e a atuação profissional no ensino médio

Márcia Cristina Ramos de Oliveira¹, Deuzilene Marques Salazar²

1. DA BURGUESIA PARA A REALIDADE DE UMA SOCIEDADE DESIGUAL

Nascida em meio a famílias comerciantes, consideradas de classe média, com alto valor monetário agregado, não entendia quando as pessoas me chamavam de carioca burguesa e carregava a obrigação de ser uma exímia estudante pelo fato de estudar em colégio “particular”. Porém, no pensamento de criança o empenho e dedicação aos estudos significa uma forma de retribuição pelo esforço dos meus pais, especialmente de minha mãe, para manter matrícula em uma escola da Congregação Salesiana localizada em Manaus.

Somente na adolescência ouvindo as histórias dos meus pais e avós descobria aos poucos que corre nas minhas veias sangue indígena, carioca, mineiro e goiano. Meu pai, o senhor Barreto, de origem mineira e goiana chegou aqui na grande Amazônia mais ou menos no ano de 1976 acompanhado de seu pai e mais três irmãos. Tão logo começou a estudar e trabalhar (em troca das refeições diárias) numa oficina mecânica a “mando” do meu avô, com o propósito de aprender um ofício e ser “alguém na vida”. De refeições do dia passou a receber um salário, e posteriormente terminou o segundo grau profissionalizante em contabilidade, casou-se com minha mãe e logo montou seu próprio negócio.

Mas o exemplo maior de guerreira é de minha mãe! É na minha família materna que encontro os mais inspiradores exemplos de vivacidade e luta por uma vida digna. Conhecida na infância como índia de São Paulo de Olivença, filha de costureira analfabeta e pai oficial de justiça, a senhora Silvina conhecida como Dona *Morena* passou a infância vivendo os extremos do conhecimento. Admirava a sagacidade e sabedoria de minha avó em dominar a técnica da costura, enquanto cumpria suas obrigações maternas ao lado dos nove filhos. E a admiração profunda por meu avô dotado de elegância, responsabilidade e inteligência ao cumprir sua função como oficial de justiça do Estado do Amazonas.

Ao escutar suas histórias percebi que minha mãe já era uma vencedora desde a infância, pois ao lado do meu avô, já residente na cidade de Manaus, visitou várias vezes o Tribunal de Justiça do Amazonas, almejando seus estudos e seu futuro. Porém, ainda na infância perdeu um dos seus maiores exemplos de vida para os males da saúde, incapacitando meu avô de cumprir suas obrigações no seio familiar. Com isso ao lado dos irmãos, *D. Morena* aos dez anos de idade batia de porta em porta vendendo algum quitute manauara ou confecções feitas com capricho por minha avó para promover o sustento da família.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT-IFAM).

² Doutora em Educação (UFAM). Professora do Campus Manaus Centro/IFAM e do ProfEPT-IFAM.

Por acreditar que a educação se constitui como caminho para um futuro melhor, minha mãe não se limitou em bater de porta em porta vendendo algo. Ela queria desbravar o mundo e para isso reconhecia na leitura e na escrita a trilha para novas conquistas. Portanto, ao perceber que minha avó tinha afazeres, caminhou sozinha e decidida até a escola Major Silva Coutinho para solicitar uma vaga na escola para diretora da época, alegando que precisava estudar e que sua mãe não tinha tempo de vir pessoalmente, pois cuidava da casa e do meu avô que era doente. Deslumbrada com o determinismo da brava menina, a diretora efetuou sua matrícula e a de dois dos seus irmãos. Posteriormente, mesmo sem muitas condições materiais também começou a fazer reforço de matemática e português num projeto oferecido pela Igreja Batista no mesmo bairro da escola. Alternava sua rotina entre trabalho e estudos desde a infância.

Moura (2014) observa que muitos jovens buscam a sincronia entre escola, formação profissional e trabalho forçados pela situação econômica e social de suas famílias, ou pelo desejo de alcançar sua autonomia econômica. Assim, meus pais vivenciaram sua infância e juventude nas décadas de 1970 e 1980 nas quais o ensino técnico profissionalizante predominava nas escolas públicas de Manaus. Assim, meu pai encontrou no ofício de mecânico e nos estudos de contabilidade caminhos para erguer seu comércio. Minha mãe aprofundou o ofício de corte e costura e curso de contabilidade como base para construção do seu ateliê.

Na época os anos finais da educação básica eram denominados Segundo Grau regido pela Lei nº 5692/1971 que tinha como objetivo proporcionar ao cidadão uma formação integral para o desenvolvimento de suas potencialidades, exercício da cidadania e preparação para o mercado de trabalho. Os currículos eram compostos pelas disciplinas do núcleo comum e do núcleo de formação técnica, com objetivo para habilitação profissional dos estudantes. A disciplina Orientação Vocacional era obrigatória, regida por aconselhamentos referentes as profissões com o apoio entre professores, família e comunidade.

Portanto, ao conhecer as histórias de minha família encontrei as motivações para a matrícula escolar, desde a primeira infância (década de 1980), em uma escola particular. Segundo minha mãe, o ensino público não tinha qualidade e meus pais buscavam ensino que assegurasse a continuidade nos estudos e inserção no trabalho. Como dizia minha mãe: "o trabalho dignifica o homem", e meu pai: "na vida, aprenda a trabalhar com a mente, não somente com as mãos". Com o tempo compreendi que as intenções de meus pais eram disponibilizar a melhor educação para os filhos, mesmo que isso representasse um esforço, principalmente financeiro, para assegurar a frequência e permanência em escola particular.

Inspirada pelo exemplo de minha mãe, que até hoje acredita que pela educação podemos alcançar nossos objetivos, conclui o Curso de Licenciatura em Química pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) no ano de 2015. Atualmente, atuo como professora de Química da terceira série do ensino médio numa escola estadual da rede de ensino do estado do Amazonas. Como as conquistas de minha mãe se baseiam na evolução como ser humano, principalmente por meio da educação, e tendo minha mãe como fonte inspiradora fui impulsionada e motivada a ingressar em curso de mestrado. Por coincidência ou não do vaivém da vida, com incentivo da D. Morena, seu esposo e a professora Deuzilene Marques Salazar conquistei meu lugar no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) ofertado pelo IFAM - Campus Manaus Centro, mesma instituição em que obtive o diploma de Licenciada em Química.

Portanto, nesse artigo intenciono analisar os processos educativos na docência na disciplina Projeto de Vida que se constitui como parte integrativa do Itinerário Formativo de Formação Técnica e Profissional (IF-FTP) do Curso Técnico em Finanças do Colégio Amazonense Dom Pedro II (CADPII).

Para efetuar esse mergulho utilizo a narrativa (auto)biográfica que se caracteriza pela construção da consciência histórica dos indivíduos de acordo com o meio que habitam durante o processo de biografização. (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011). A capacidade de narrar o mundo e a si mesmo abre oportunidade para o desenvolvimento pessoal das ideias a partir de fatos reais, possibilitando a (r/e)elaboração de questões internas promovendo a autonomia (Oliveira; Satriano, 2017).

Segundo Abrahão e Bragança (2020) a narrativa (auto)biográfica pode ser entrelaçada com outras fontes teóricas de acordo com a construção de suas memórias como experiência formativa, (re)significação do vivido e dispositivo de autoconhecimento num processo reflexivo desenvolvido pela linguagem escrita. No caso da construção dessas memórias muitas foram vividas também pela professora Deuzilene Marques Salazar que ao longo do meu processo formativo acadêmico participou com suas ideias e sua posição político-pedagógica no processo educativo, e no caso dessa narrativa com suas reflexões sobre os temas abordados e suas devidas orientações.

Ciente que a produção do conhecimento é um processo contínuo e inesgotável, e que o exercício ao narrar sua própria experiência é repleto de emoções, reflexões e (re)significados do vivido, e com isso a apreensão de novos processos de aprendizados, esperamos que a leitura desse artigo propicie momentos de questionamento sobre sua própria história e contribuições no contexto educação e trabalho, estimulando, assim, novas pesquisas referentes ao tema projeto de vida.

2. DOS CORREDORES DO IFAM PARA O ANFITEATRO DO CASTELO MANAUARA: SERÁ QUE AINDA É POSSÍVEL UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA?

Ao final de 2014 ocorreu a defesa da minha monografia e a aprovação no concurso da Secretaria de Estado de Educação do Amazonas (Seduc- AM). Em fevereiro de 2015, coleí grau especial, e comecei a trabalhar oficialmente como professora concursada da SEDUC-AM em fevereiro de 2016. Desde então sou efetiva do Colégio Amazonense Dom Pedro II (CADPII), conhecido como o grande Castelo da sociedade amazonense responsável pela educação de grandes personalidades como o poeta Thiago de Mello. Atualmente, o colégio é muito procurado por famílias que almejam uma chance para os seus filhos serem aprovados nos processos seletivos de acesso a cursos superiores.

Trabalhando prioritariamente com os alunos da terceira série do Ensino Médio na disciplina Química, sempre busco alinhar minhas convicções sobre escola e trabalho como meios para uma transformação social (Saviani, 2009; Saviani, 2011) com o objetivo defendido pela escola e por muitas famílias amazonenses, que é a aprovação nos processos seletivos de acesso ao ensino superior. Durante esses anos amadureci minha postura diante dos jovens, tentando integrar o ensino de química com as problemáticas da sociedade contemporânea (como a vulnerabilidade econômica e a prevalência da gravidez na adolescência), muitas vezes exteriorizadas pelos estudantes e seus familiares dentro do âmbito escolar.

Nesse contexto emergiu a reflexão sobre a relevância do ensino das disciplinas para o jovem dentro da sua realidade social, pois muitos deles precisam dividir seu tempo

entre o seu primeiro emprego e suas obrigações dentro e fora da sala de aula. Nesse sentido, de acordo com Falcão et al. (2016), cabe a escola do ensino médio assumir um compromisso de dialogar com tais demandas no sentido de promover suporte a esses estudantes que por motivos diferenciados adentram no mercado de trabalho ainda na juventude.

Uma possibilidade educativa que emergiu na docência do ensino de química com intuito de fomentar na juventude o desejo pela continuidade dos estudos e o exercício da cidadania, envolvendo valores como ética e respeito, foi a realização de projetos educativos que envolveram toda a comunidade escolar. Esses projetos foram executados no anfiteatro da escola que se constituiu como palco para o desenvolvimento pessoal e coletivo dos jovens, coadunando com a perspectiva de Saviani (2011) que defende a escola como uma instituição cujo papel consiste em questionar, discutir os conhecimentos socialmente acumulados e difundidos, preparando os estudantes de forma integral.

Com a implementação do Novo Ensino Médio (NEM), no ano de 2023, e com o convênio estabelecido pelo Termo de Cooperação Técnica nº01/2023 entre o CADPII e o Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM) para a prática da EPT, fui convidada a assumir turmas da primeira e segunda séries no turno matutino com as disciplinas Projeto de Vida e Projetos Integradores classificadas como Unidades Curriculares Comuns (UCC).

Essas disciplinas pertenciam aos itinerários formativos de Formação Geral Básica (FGB) e Formação Técnica Profissional (IF-FTP) do Novo Ensino Médio (NEM) da rede estadual de ensino do Amazonas. A disciplina Projeto de Vida (PV) chamou minha atenção pela organização dos temas no livro didático fornecido pela escola, pois mantinha relação com as temáticas trabalhadas ao longo da minha trajetória profissional com as turmas de terceira série do ensino médio.

Levando em consideração as experiências profissionais e os marcos familiares quanto a construção do meu projeto de vida, além dos fundamentos filosóficos e pedagógicos assumidos na minha prática pedagógica, incorporei na disciplina PV o material metodológico com exercício, mas, sobretudo, fomentei a problematização dos temas abordados em sala de aula. Logo, a disciplina PV tornou-se um espaço de reflexão bem como contribuiu com a construção de identidade e participação social de estudantes. De acordo com Mandelli, Soares e Lisboa (2011) no campo da psicologia, projeto de vida deve ser vinculado as transformações das relações humanas dentro do seu contexto sócio-histórico, servindo como uma forma de exteriorizar interesses, metas e objetivos dos indivíduos.

A UCC Projeto de Vida, de acordo com o Referencial Curricular Amazonense (2021) e a Proposta Curricular e Pedagógica do Ensino Médio (2023), deve ser ofertada desde a primeira série e contemplar os itinerários formativos FGB e IF-FTP. Portanto, é considerada um trabalho pedagógico intencional, estruturado, planejado e contínuo com o intuito de promover o autoconhecimento, cidadania, ética e protagonismo dos estudantes, para inserção no mundo do trabalho e a (re)estruturação de seus projetos de vidas (Amazonas, 2023).

Os documentos citados elaborados a partir da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) afirmam que a escola deve propiciar meios aos estudantes para que possam fazer escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos a partir da construção de seus projetos de vida pautados no protagonismo juvenil e na formação integral (Brasil, 2018). Contudo, compreendemos que as “escolhas” acabam sendo limitadas devido a dimensão

sociocultural de cada indivíduo, que vem se modificando na sucessão das gerações de acordo com seu contexto histórico (Leão et al, 2011).

Muitos jovens durante o ensino médio associam seu projeto de vida a escolha profissional, constituição de família, aquisição de bens materiais e o alcance da felicidade através do bem-estar (Mandelli; Soares e Lisboa, 2011). No entanto, para aqueles em que a desigualdade social é fortemente presente e vivida, muitos objetivos permanecem apenas como sonhos, levemente vislumbrados em uma vaga de emprego sem nenhum plano a longo prazo, vivendo apenas o presente, ou seja, o projeto de vida idealizado permanece, muitas vezes, apenas no imaginário.

Nesse cenário é comum identificar na sala de aula escolhas de estudantes voltadas a vida diária e ao mundo do trabalho. Nas conversas em sala de aula, duas metas são latentes: “arrumar” um emprego para colaborar com as obrigações para com a família e obter aprovação nos processos seletivos de acesso ao ensino superior. Logo, é necessário discutir com os estudantes os diferentes projetos de sociedade e como cada um tem sua responsabilidade na construção de uma sociedade mais justa e equânime.

Portanto, diante desse cenário no qual os jovens se veem alijados do processo político e social, é necessário que a escola assegure a socialização e a apropriação dos saberes sistematizados bem como assuma uma posição dentro das práticas políticas (Saviani, 2011). Portanto, uma proposta educativa que almeja cidadãos éticos aptos para o mundo do trabalho, é necessário que as instituições formativas assumam a responsabilidade (por mais que seja na esfera micro) de oferecer condições para as escolhas profissionais dos jovens, e principalmente para aqueles que por algum motivo precisam precocemente conciliar escola e trabalho.

Como afirma Reis (2012) a compreensão dos jovens perpassa o entendimento das dimensões sociais e políticas que configuram suas condições de existência. É primordial entender que a condição juvenil é oriunda dos processos econômicos, políticos, culturais e sociais. Portanto, uma possível forma de diminuir o abismo entre a realidade do sujeito e o ensino nas escolas seria a elaboração de projetos pedagógicos em que considerem os estudantes como sujeitos singulares e imersos em seus processos sociais.

Assim, ao assumir a disciplina Projeto de Vida, junto a cinco turmas da segunda série e uma turma da primeira série do ensino médio, recorri ao livro didático disponível na escola, aos materiais de apoio em sites de Educação e na Plataforma Saber Mais³ para a elaboração dos planejamentos e das atividades que seriam desenvolvidas a cada bimestre. Embora sendo novidade a denominação “UCC Projeto de Vida”, o processo didático transcorreu com tranquilidade, pois algumas questões indicadas nos materiais didáticos eram tratadas e discutidas também nas aulas de química com os estudantes do ensino médio.

O primeiro desafio consistiu na aceitação do convite para ministrar a UCC sem ter uma formação prévia oferecida pela SEDUC-AM, e, portanto, a elaboração do plano de ensino assumiu como princípio fundamental a inclusão de atividades que envolvessem os estudantes. O segundo foi a organização do conteúdo para a segunda série uma vez que havia apenas o material didático para a primeira série, logo houve necessidade de realizar levantamento e estudo para a turma em um exíguo espaço de tempo. E, por fim, o

³ Plataforma criada em parceria entre o Governo do Estado do Amazonas por meio da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) e a Escola Digital (formada pelo Instituto Natura, Telefônica/Vivo e Instituto Inspirare). Disponibiliza material didático para estudantes e professores da rede estadual de ensino.

terceiro desafio se refere a mobilização dos estudantes quanto a importância e a organização dos estudos e, principalmente, no envolvimento e participação dos jovens nos debates e reflexões que envolvem a construção do projeto de vida.

Nos materiais didáticos disponíveis na internet (Gomes, 2022; Governo do Estado de São Paulo, 2013) e utilizados em sala de aula, a divisão da UCC Projeto de Vida era praticamente nos seguintes capítulos: (a) Quem sou eu?; (b) Convivendo em sociedade; (c) Valores éticos e morais e (d) planejando seu futuro profissional relacionados com as competências gerais da BNCC. Na escola o livro utilizado “*Ser protagonista: projeto de vida: ensino médio*” (Santoro; Morando; Vaz, 2020) também seguia o mesmo formato, e era utilizado para as duas séries (1º e 2º série), de modo que era necessário seguir os temas sem repetir ou abordar de maneira cansativa algo que os estudantes estudaram no ano anterior.

Portanto, houve a necessidade do diálogo com o outro professor que ministrou a disciplina anteriormente para entender o processo e elaborar novas abordagens e procedimentos didáticos. Assim, por meio desse diálogo, foi constatado que os temas abordados no ano de 2022 foram “Como escolher sua profissão” e “Ética e Cidadania” sendo utilizado como procedimento didático os debates livres em sala de aula. Logo, uma das propostas de procedimento didático para a abordagem da UCC em 2023 foi a inclusão de atividades diferenciadas referentes ao campo profissional.

Dentre as cinco turmas da 2º série uma era considerada especial, pois se tratava da turma que desenvolveria o itinerário formativo Formação Técnica e Profissional (IF-FTP) em convênio com o CETAM, ou seja, além da formação geral básica, os alunos iriam também ter acesso ao curso Técnico em Finanças. Portanto, a UCC Projeto de Vida teria um papel fundamental ao integrar as disciplinas da Formação Geral Básica (FGB) com as disciplinas do curso técnico na expectativa de formação do estudante para a vida, para o trabalho e não apenas para um mero emprego numa sociedade capitalista (Della Fonte, 2018).

Entre as linhas escritas no documento orientador e nos livros didáticos, havia um abismo enorme no que se refere a realidade das salas de aulas, pois a implementação do processo era novidade. Até então não havia nenhuma formação sobre as disciplinas do Novo Ensino Médio (NEM) e sobre a educação profissional e tecnológica (EPT). Alguns conceitos e/ou palavras-chaves da EPT, dentre eles *formação integral* e *mundo do trabalho*, que aparecem nos documentos oficiais do NEM, são desconhecidas por grande parte dos profissionais da área da educação de uma escola pública estadual.

O que realmente significa oferecer uma educação com enfoque na formação integral voltada para o mundo do trabalho? A partir dos estudos realizados durante a graduação, com base nas obras de Dermeval Saviani, e a continuidade no ProfEPT, foi possível perceber que a luta por uma educação emancipatória, fundamentada na formação integral e no mundo do trabalho, não é apenas uma questão subjetiva. Essa luta também abrange as dimensões política, histórica, social e cultural.

Segundo Ciavatta (2012) a educação geral se torna inseparável da educação profissional quando relacionada a preparação para o trabalho, ou seja, é necessário incorporar a dimensão intelectual às atividades materiais com intuito de formar cidadãos atuantes na sociedade. Não se trata apenas de formar estudantes aptos para o mercado de trabalho, e sim incluir nas suas atividades produtivas de acordo com suas escolhas profissionais aspectos referentes a cultura, ciência e tecnologia.

Integrar a educação básica com a educação profissional tecnológica não se configura apenas como uma educação meramente profissionalizante, destinada a desempenhar uma atividade de trabalho segmentada (Salazar; Silva 2020). Portanto, ao tentar articular a FGB com a EPT, os agentes envolvidos no processo devem assumir uma responsabilidade ética, política e social em relação ao processo educativo, no que se refere à formação integral do estudante em sua totalidade.

Dentro da realidade do Colégio Amazonense Dom Pedro II (CADPII), o trabalho na EPT acaba sendo solitário e subjetivo, pois muitos associam os termos técnico, tecnológico e profissionalizante ao IFAM e ao CETAM. A escola em sua formação básica, é priorizada, enquanto os cursos técnicos e o trabalho (configurado como primeiro emprego) são considerados secundários. Isso reflete diretamente na vida dos estudantes que, segundo as pesquisas de Leão et al. (2016), direciona o sujeito a seguinte escolha: escola ou trabalho? trabalho ou ensino superior?. Assim os projetos de vida são elaborados de acordo com as condições materiais objetivas de vida, marcados pela resistência e sobrevivência.

Portanto, a inclusão da UCC Projeto de vida no currículo das três séries do ensino médio provocou profundo descontentamento e preocupação para a gestão, docentes e discentes, em relação ao “tempo que iria se perder” em relação os itinerários formativos do NEM, pois havia o entendimento do desperdício de tempo curricular, um a dois tempos de aula, para abordagem de temas com enfoque social ou filosófico. Somado a isso, a ausência de formação ou orientação pedagógica aos professores que ministrariam essa UCC, principalmente quanto a docentes da área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias, na qual me incluo.

Entre o planejado e o executado foram realizadas atividades referentes aos temas: quem sou eu? (produção textual); convivendo em sociedade (dinâmica em grupo), valores éticos e morais (debates), finalizando assim o terceiro bimestre do ano de 2023. Devido a proximidade dos vestibulares foi atendido o pedido dos estudantes com o aval dos pais e da gestão para ministrar as aulas de reforço em química, minha disciplina de formação. Por conseguinte, o ano foi finalizado com um dos projetos da escola: Jogos Gymnasianos (interclasse). Infelizmente não foi possível desenvolver atividades referentes ao último tema, considerado especial pelos estudantes: planejando seu futuro profissional. Esse tema foi adiado para o ano de 2024, na esperança de que seria executado por mim, caso eu fosse indicada para ministrar a UCC.

Mesmo sendo uma disciplina diferenciada quanto aos conteúdos e abordagens didáticas, cujos objetivos consistiam em desenvolver o sentimento de comunidade, autonomia e protagonismo juvenil o processo ainda é recente e de difícil implementação. Quando relacionada ao IT-FTP, a disciplina se torna ainda mais abstrata por não haver interlocução e integração entre os planos de trabalho entre os professores dos dois núcleos dos itinerários formativos, portanto, no ano de 2023, a proposta da EPT vinculada ao curso técnico oferecido pelo CETAM dentro de uma escola pública estadual precisa ser mais difundida, conhecida e assumida por toda a comunidade escolar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação do Novo Ensino Médio, baseado nos princípios norteadores da EPT, propiciou o desenvolvimento da UCC Projeto de Vida de forma contínua e estruturada. Nesse sentido, emerge o desafio para as escolas de ensino médio de planejar práticas pedagógicas alicerçadas na formação integral e ao mundo do trabalho, em que os jovens possam desenvolver habilidades necessárias para a construção de seus projetos de vida não somente enquadrado dentro de uma disciplina.

Refletindo sobre a importância de uma narrativa pessoal numa escola pública do Estado do Amazonas, em meio aos meus pensamentos veio as seguintes questões: Qual compromisso social e político do profissional ao lecionar a UCC Projeto de Vida? Quais seriam as contribuições de fato na vida dos estudantes ao estudar de forma aleatória temas como sociedade e ética? Cada vez mais, de forma explícita, os jovens pedem auxílio para a definição profissional. Devido a preparação para os vestibulares e ao calendário escolar caracterizado como “apertado”, a escola transfere esse papel primordial sobre orientação profissional para os projetos executados pelas instituições privadas.

Desse modo vale a pena repensar em propostas pedagógicas que articulem o ensino formal com as escolhas profissionais futuras dos jovens de forma mais clara e lúdica. É necessário analisar o projeto de vida não somente como uma disciplina, mas como uma ação na trajetória do ser humano que realmente contemple uma formação omnilateral do jovem. É preciso desmitificar que o tema “Planejando seu futuro profissional” seja simplesmente para o estudante ocupar uma vaga no mercado de trabalho numa sociedade desigual, em que o jovem carrega a responsabilidade sozinho sobre seu futuro sem as devidas orientações

Ademais, a vivência e experiência pessoal e profissional na atuação como docente no ensino médio em escola pública, evidenciam discursos dos jovens de que o sucesso na vida se dá por basicamente três caminhos: (a) obtenção de notas nos processos seletivos de acesso ao ensino superior que permitam o ingresso em cursos mais disputados nas instituições de ensino superior, dentre eles os cursos de áreas da medicina. (b) inserção nas atividades comerciais como “empreendedores” em redes sociais ou, ainda, (c) na imersão no mundo do trabalho por meio de um emprego que garanta apenas o básico, sem grandes aspirações ou sonhos.

Portanto, as experiências docentes vividas com jovens da classe trabalhadora demonstram que a presença da família é primordial para atenuar os momentos de angústia e de dúvidas sobre as escolhas futuras. Os jovens da classe trabalhadora necessitam de processos educativos que fomentem a formação omnilateral propiciando não somente a imersão no mundo do trabalho como também o desenvolvimento das outras dimensões que constituem a pessoa.

Por fim, as reflexões aqui apresentadas trouxeram a memória docente no trabalho com uma disciplina no ensino médio e intencionaram o compartilhamento das vivências em uma instituição pública. Essa rememoração recrudescer a necessidade do planejamento com projetos integradores que possibilitem e incentivem a participação de docentes e discentes de forma interativa e integrativa na construção do conhecimento e na formação humana.

REFERÊNCIAS

- [1] ABRAHÃO, M. H. M. B.; BRAGANÇA, I. F. de S. Histórias de vida de educadores/as sociais em pesquisa narrativa (auto)biográfica. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 5, n. 13, p. 16–23, 2020. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2020.v5.n13.p16-23. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8418>. Acesso em: 24 out. 2024.
- [2] AMAZONAS. Secretaria de Educação do Amazonas. **Documento Orientador Implementação Novo Ensino Médio da Rede Estadual de Educação do Amazonas**. Manaus, 2023. Disponível em: <https://www.sabermais.am.gov.br/>. Acesso em: 24 jan. 2023.
- [3] AMAZONAS. Secretaria de Educação do Amazonas. **Proposta Curricular e Pedagógica do Ensino Médio da Rede Estadual de Educação do Amazonas**. Manaus, 2021. Disponível em: <https://www.sabermais.am.gov.br/>. Acesso em: 03 mar. 2022.
- [4] AMAZONAS. Secretaria de Educação do Amazonas. **Termo de Cooperação Técnica nº 01/2023 para programas de estágio**. Manaus, 2023. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1xz65K9LbAD77gTcj_zqfW1qPloRcUYE-/view. Acesso em: 22 nov 2024
- [5] BRASIL. **Lei nº 5.692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º grau, e dá outras providências. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm. Acesso em: 04 out 2024
- [6] BRASIL. **Lei nº. 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017. Dispõe sobre a reforma do ensino médio brasileiro, Brasília DF, 2017 Brasília, DF, 17 fev. 2017.
- [7] CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- [8] CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise Nogueira (Orgs.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 83-106.
- [9] DELLA FONTE, Sandra Soares. Formação no e para o trabalho. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**. v. 2, nº 2. Vitória: IFES, 2018, p. 10-19. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/383>. Acesso em: 16 out. 2023.
- [10] FALCÃO, N. M.; CALDAS, R. S. M.; BARROS, E. B. Juventude e Projeto de Vida na Reforma do Ensino Médio: análise da política pública e perspectivas das pesquisas na área da Educação. **Revista Espaço Pedagógico**, [S. l.], v. 30, p. e14360, 2023. DOI: 10.5335/rep.v30i0.14360. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/14360>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- [11] GOMES, Ana Cleia Pereira. **Incentivando Projetos de Vida: seu futuro depende das suas ações no presente**. Planejador de Aulas, 2022. Disponível em: <https://planejadordeaulas.org.br/plano/incentivando-projetos-de-vida-seu-futuro-depender-das-suas-acoes-no-presente/>. Acesso em: 08 mar 2023
- [12] GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Aulas de Projeto de Vida: Ensino Fundamental 6º ao 9º ano**. Instituto de Co-Responsabilidade pela Educação, 2013. Disponível em: https://atividadesescolaresprontas.com.br/aulas-de-projeto-de-vida-ef2/#google_vignette. Acesso em : 08 mar 2022
- [13] LEÃO, G.; DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação & Sociedade**, v. 32, n. 117, p. 1067–1084, out. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302011000400010>. Acesso em: 30 ago 2024
- [14] MANDELLI, M.T; SOARES, D.H.P; LISBOA, M. D. Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, RJ, vol. 63, p. 49-57, 2011. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000300006. Acesso em: 30 ago 2024
- [15] MOURA, Rita de Cássia Barreto de. **Educação, Juventude e Trabalho: reflexões sobre esta tríade**. Disponível em: https://anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT1/GT1_Comunicacao/RitaMoura_GT1_integral.pdf. Acesso em: 02 out. 2024.
- [16] OLIVEIRA, Valéria Marques de; SATRIANO, Cecília Raquel. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 23, n. 51, p. 369–386, 2018.

DOI: 10.26512/lc.v23i51.8231. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/8231>. Acesso em: 09 set. 2024.

[17] PASSEGGI, M.C.; SOUZA, E.C.; VICENTINI, P.P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, abril, 2011.

[18] REIS, B.M.C. Juventude e Ensino Médio: pensando a escola e os projetos de vida. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, Minas Gerais, v. 7, p. 61-66, 2012. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/6249>. Acesso em: 04 out 2024.

[19] SALAZAR, D. M.; SILVA, G.A.C. Formação Politécnica: uma análise dos projetos pedagógicos de curso do IFAM. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, [S. l.], v. 4, n. Especial, p. 122-144, 2020. DOI: 10.36524/profept.v4iEspecial.637. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/637>. Acesso em: 27 nov. 2024.

[20] SANTORO, E.A; MORANDO, M.L.V; VAZ, T. **Ser Protagonista**: projeto de vida: ensino médio. São Paulo: Edições SM, 2020

[21] SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 41.ed.rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

[22] _____. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. 11.ed.rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

[23] SOBRAL, Karine Martins; RIBEIRO, Ellen Cristine dos Santos; SANTOS, José Deribaldo Gomes dos; ARAÚJO, Raquel Dias. Gramsci e o trabalho como princípio educativo: escola unitária e a construção da nova sociedade. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 16, n. 70, p. 178-196, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8644327>. Acesso em: 02 jul. 2024.

CAPÍTULO

09

Reverso do bordado: minha vida entrelaçada a EPT

Rafaela Dourado Alves da Silva¹, Ana Cláudia Ribeiro de Souza²

Bordado é Encontro

Da linha com o tecido, da agulha com o dedo.

Do pensamento com as mãos, do texto com o têxtil.

Bordado é encontro de gente, de memórias, de vida.

E a gente alinhava as linhas,

Alinhava uma ideia, um sentimento noutro.

Com o Bordado a gente viaja sem sair do lugar e quando vê o tecido já não é só pano.

As cores não estão só nas linhas e uma ideia já virou bordado.

Com o bordado em mãos nos inscrevemos no mundo!

Marisol Melo

1. INTRODUÇÃO

Na escrita desse texto Narrativo Autobiográfico, irei perpassar pela tecitura de minhas experiências vividas, o que me motivou a traçar o percurso profissional que escolhi, assim vou compondo o texto, conforme as recordações vão emergindo. Mediante a reflexão nesse processo de construção autobiográfica, irei descrever minha trajetória de vida e minha experiência com a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), até a inserção no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Este texto segue em primeira pessoa do singular por se tratar de minha experiência, mas é escrito a quatro mãos com a orientação da Professora Dra. Ana Cláudia Ribeiro de Souza.

Eu sempre fui um pouco diferente, num momento de minha infância queria ser a bruxa, pois as princesas eram muito bobas, dormiam, se deixavam enganar, precisavam de um príncipe para resolver seus conflitos, decidi que eu queria ser a bruxa, não por serem más, mas por fazerem coisas incríveis, serem independentes, e principalmente fazerem porções, misturar coisas no caldeirão, em fazer o líquido se transformar em algo colorido, no reverso do conto descobri que queria ser cientista, trabalhar em um laboratório, preparar soluções, ver transformações, agora como referência, tínhamos Marie Curie, cientista que descobriu o Polônio e o Rádio, foi a primeira mulher a fazer doutorado na

¹ Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada a EJA - Gestão pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Brasil (2020); Assistente de Laboratório do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil.

² Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil (2006), Professora titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.

França, ganhou dois prêmios Nobel e virou a cientista mais conhecida da Terra (Salvador, 2023).

Minha mãe atuava na Escola Técnica Federal do Amazonas (ETFAM), e eu a acompanhava em alguns momentos, assim descobri que nesta instituição tinha laboratórios onde ensinavam ciência, me encantei e fiz o possível para estudar ali. Com minha inquietude, fiquei questionando minha mãe se eu poderia estudar ali, ela me informou que poderia estudar lá quando tivesse idade e prestasse o mini vestibular, uma prova para eu poder ser estudante naquela Instituição, sempre estive presente, visitando os eventos realizados na instituição, feiras de ciências, feiras tecnológicas e me encantei pela química.

No ano de 2001, após meu ensino médio, prestei o mini vestibular para Curso Técnico em Química com Habilitação em Química Industrial do Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas (CEFET-AM), fui aprovada e assim obtive as primeiras informações sobre a Educação Profissional Tecnológica, a EPT é uma modalidade educacional prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 1996), com a finalidade de preparar o cidadão para o exercício profissional, levando em consideração sua inserção no mundo do trabalho e sua interação com a vida em sociedade. Naquele momento, a denominação de Ensino Técnico Profissionalizante passou a ser de Educação Profissional e Tecnológica, vi a transformação de ETFAM para CEFET-AM, acompanhei muitas transformações. O sistema de avaliativo se dava por conceito, um diferencial do CEFET-AM.

Finalmente iria ser cientista, durante o Curso Técnico em Química, tive muitos ensinamentos, preparo de soluções, conhecimento a respeito dos reagentes químicos, suas funções e transformações, sobre os equipamentos e materiais necessários em um laboratório, tive excelentes professores que me capacitaram a ser uma profissional preparada para o mundo do trabalho e para a sociedade. Realizei estágio em uma conceituada empresa de motos no distrito industrial, onde pude realizar todos os conhecimentos adquiridos no curso.

Desenvolvi meu estágio nesta empresa tive a oportunidade de trabalhar em dois laboratórios diferentes, na primeira parte do estágio, atuei em um laboratório que realizava análises das águas utilizadas nos processos industriais, que passavam por toda a empresa, no segundo momento atuei na Estação de Tratamento de Efluente, trabalhando com os processos de análise de águas para que ao ser devolvida a natureza estivesse potável, evitando degradação do meio ambiente. Essa experiência na empresa está atrelada ao que se conceitua a Educação Profissional Tecnológica, esta formação integral do ser, e eu sou fruto desta. Após um ano da conclusão do Curso Técnico em Química, prestei concurso para ser servidora no Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas-CEFET-AM, fui aprovada e iniciei minha carreira profissional, a partir desse momento vivenciamos a Educação Profissional e Tecnológica.

2. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL ENTRELAÇADA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Nesse processo narrativo autobiográfico trazendo a visão de Nóvoa (1992), informa que: - O método autobiográfico prioriza o papel do sujeito na sua formação, ou seja, a própria pessoa se forma mediante a apropriação de seu percurso de vida, ou do seu percurso de vida escolar. Nesse processo de narrativo sigo descrevendo a emoção de ser

aprovada no CEFET-AM era apenas uma vaga e fui aprovada, assim galgava mais um patamar na vida profissional.

Iniciei minha carreira no CEFET-AM, no dia 24 de agosto de 2004, foi meu primeiro emprego, muitos temores, muitos anseios, fui recebida na Gerência Educacional das Áreas de Química e Meio Ambiente, pela gerente em atuação naquele ano, me orientou sobre minhas atividades, apresentou-me aos colegas e ao meu ambiente de trabalho. Informou como estava a situação dos laboratórios e que o que era necessário a ser feito. A princípio uma organização geral, informou que havia muitos equipamentos atravancando os laboratórios deixando um acesso difícil para as aulas práticas. Minha primeira atividade seria colocar os laboratórios em ordem.

Meu concurso foi delineado para que eu fosse responsável técnica pelos laboratórios de química, sendo três deles laboratório acadêmico: Laboratório de química analítica, química inorgânica, química orgânica, laboratório de pesquisa e produção e o almoxarifado. Iniciei o reconhecimento dos laboratórios como indicado pela chefe, comecei a separar os equipamentos, levando-os para o laboratório de pesquisa, pois não estava sendo utilizado naquele momento, fizemos dele uma sala de equipamentos a serem avaliados, existia uma grande quantidade de equipamentos pelos 3 laboratórios, uns danificados, uns obsoletos, outro que não tinha possibilidade de conserto.

Após recolhimento dos equipamentos, solicitei ajuda de professores para juntos comigo avaliar os equipamentos, dar baixa nos equipamentos com danos permanente e obsoletos. Sofri resistência por parte de um professor que era apegado, à rotina e as coisas como estavam, trabalhei uma semana recolhendo equipamentos para avaliação, levando-os para o laboratório de pesquisa e em uma noite o professor em questão, recolheu tudo de volta ao laboratório onde ele ministrava aula, foi um trabalho desgastante, mas com muito tato foi o convencendo que era necessário para que houvesse essa mudança para haver uma revitalização dos laboratórios. Assim, demos prosseguimento a avaliação dos equipamentos, os defeituosos e obsoletos foram descartados, os com pequenas avarias, foram enviados para conserto, o que contribui para um ambiente laboratorial mais limpo e organizado.

Um fato engraçado, nesse ínterim, é que existia equipamentos na caixa, mas que por uso inadequado estava quebrado, eram equipamentos Russo, que o manual não havia em português. Um dia necessitei de uma vidrarias muito fina, como um canudo, muito fino e muito sensível, Capilares (tipo de vidraria semelhante a um canudo, da espessura de um palito de dente), peguei emprestado dez unidades com uma professora, para emprestar para aula prática de outra professora, após a aula peguei os capilares, láveis com muito cuidado e deixaria por um momento na estufa de secagem, tempo suficiente para secar e não causa danos aos capilares, nesse ínterim, fui chamada para atender um professor em outro laboratório e esqueci os capilares, quando retornei ao laboratório haviam derretidos, fiquei em pânico, como eu iria repor essa vidraria a professora.

Esse fato me perturbou a semana inteira, e um milagre aconteceu, quando eu estava mexendo em umas das caixas de equipamentos serem dados baixa, encontrei uma caixinha com 50 capilares novos, caixa lacrada, fiquei aliviada, teria como devolver o empréstimo para professora e ainda pude guardar de reserva para outras aulas. Eu amo trabalhar em laboratório, sempre tive muita afinidade, consigo visualizar o mecanismo das reações executadas num laboratório químico, as práticas são fluidas, sempre trabalhando com zelo e segurança.

Aos poucos fui adquirindo meu espaço, havia um servidor que ajudava os professores antes de mim, que criou resistência comigo também, não sei bem qual era o cargo dele, mas ajudava os professores nos laboratórios antes de mim, mas sua função principal era trabalhar com o almoxarifado de produtos químicos, há produtos controlados pelo Polícia Federal e pelo Exército. Como informei ele criou uma certa resistência, não querendo compartilhar seu conhecimento profissional comigo, e sempre de cara fechada não respondia aos meus questionamentos, mas o tempo sempre muda tudo, fui me aproximando e informando que eu estava começando profissionalmente e como seria importante aprender com ele, que seria maravilhoso que ele compartilhasse seu conhecimento comigo. Assim iniciou uma amizade maravilhosa que levo para sempre em meu coração.

Fui conquistando a confiança dos professores que me acolheram como amiga de profissão, às vezes ocorria alguns percalços, mas nos tornamos uma família, tive o privilégio de ser colega de trabalho de meus professores, fui ganhando seu respeito e confiança. A Gerência de Química era como se fossemos uma grande família, com algumas discussões e com muitos risos, amávamos fazer festa com muita comilança, as vezes tinha música, em outras festas tinha bingo e até poesias, minha amiga, pedagoga aposentada, adorava um sarau, momentos que estão sempre em meu coração.

3. ATUANDO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Com os laboratórios funcionando satisfatoriamente, minha chefe nos impulsionou a novas atividades, além de toda rotina laboratorial e administrativa, fui convidada a supervisionar o Estágio Curricular. Silva (2019), informa que o Estágio Curricular Supervisionado se constitui como importante componente curricular na formação dos estudantes dos cursos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM), com amplo potencial integrador de diversas aprendizagens. Trata-se de uma atividade teórica e prática que propicia a imersão do estudante no mundo do trabalho dentro de um processo de formação que entenda o trabalho como princípio educativo. § 1º O estágio, como ato educativo escolar supervisionado, deverá ter acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da parte concedente (Brasil, 2008).

O estágio foi oficializado para os cursos técnicos no Brasil, a partir de 29/09/67 atrelado ao âmbito do trabalho, com a emissão da Portaria nº 1.002 pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social (Santos, 2009). A Lei nº 5.692/71 informa que o estágio não acarreta vínculo empregatício, mesmo sendo remunerado. Com a Lei nº 6.494/77 é que se delineia mais claramente o objetivo do estágio nas instituições brasileiras, sendo revista após trinta anos de sua implementação, sendo revogada pela Lei nº 11.788/08 (Brasil, 2008). A atual Lei do Estágio define que: Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos.

Entendemos que o processo de estágio nos cursos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio deve ser pensado como uma formação que conceba o trabalho como princípio educativo. A noção do trabalho como princípio educativo refere-se, segundo informa Manacorda (1991, p. 66) que em Marx a união necessária entre instrução intelectual e trabalho produtivo. Ou seja, refere-se a uma proposta pedagógica para o ensino. É por este motivo central que a concepção do trabalho, como princípio

educativo, toma por base o trabalho, social e útil, compondo a formação omnilateral do estudante estagiário.

Para exercer a atividade de supervisora de estágio, foi justificada que na vida estamos sempre em aprendizado e que ensinar era um aprendizado. Silva (2019), afirma que o estágio é um ato educativo e, portanto, permite uma aprendizagem teórico-prática no processo de formação. Assim se deu nossa primeira Supervisão de Estágio, tive como primeiro estagiário um estudante do Curso de Nível Médio Integrado em Química, eu aprendi com ele e ele comigo, no início eu fazia tudo e ele olhava, então fui aprendendo a delegar tarefas, não tive formação para isso, fui aprendendo com colegas docentes e com uma brilhante colega pedagoga, muito cuidadosa e generosa, me ensinou um pouco de didática na atuação com os estudantes em processo de estágio nos laboratórios.

Trabalhar com o primeiro estagiário foi muito bom, ele se mostrou um excelente estagiário, assíduo, tinha muito interesse em aprender, sempre prestativo. Lembro que um dia distribuí a relação dos itens necessários para a realização de uma prática, foi solicitado por um professor solução indicadora líquida, mas não tinha procedimento, como sempre informo aos meus estagiários, que não somos obrigados a saber tudo, que pesquisar é fundamental. Fomos pesquisar na biblioteca, encontramos um procedimento, só que não era líquido, era em pó, então esperei o professor chegar para questioná-lo, a pegadinha, o professor disse que ele queria líquido, mas que não tinha o procedimento, que quem preparava líquido era a professora da disciplina de química analítica.

Somente ela tinha o procedimento, que foi desenvolvido por ela, conversamos com a referida professora e a mesma, generosamente me disponibilizou o procedimento, mais um aprendizado, assim no dia seguinte passei ao estagiário que ficou muito satisfeito em aprender algo novo, assim acreditamos que no Estágio Curricular Supervisionado os laboratórios desempenham um papel crucial na educação, especialmente na educação profissional e tecnológica. Eles oferecem um espaço onde a teoria pode ser aplicada de forma prática, permitindo aos alunos desenvolver habilidades técnicas e experimentais essenciais para suas futuras carreiras.

Mediante ao exposto, considero o estágio como o espaço privilegiado para a construção identitária profissional, uma vez que propicia o relacionamento com diversos aspectos do mundo do trabalho, vejo o estágio como uma ponte entre a escola e o mundo do trabalho, onde o estudante pode atravessar com segurança já que, ainda, está em processo de aprendizagem e deve contar com a orientação de profissionais com experiência na área.

Em minha carreira profissional técnica, a cada ano vivido, foram surgindo novos desafios, como aprender a fazer licitação para adquirir insumos para os laboratórios, pude em certos momentos atuar no período de férias como coordenadora do curso técnico em química e até como gerente educacional. Por minha habilidade e vontade de estar sempre aprendendo, minha chefe imediata, nos solicitou ajuda na digitalização da proposta dos cursos tecnólogos em alimentos e processos químicos, lembro de realiza a digitalização dos documentos devido minha facilidade em utilizar o computador, tenho em minha lembrança, a necessidade da agilidade para poder enviar as documentações para o Ministério da Educação (MEC), foram dias bem puxados, para poder cumprir todos os prazos.

Ainda por minha prática com o uso dos computadores, ajudei por muitas vezes a organização dos horários, foram muitos aprendizados que contribuíram para quem sou hoje, mais a medida que evoluímos vem o anseio por aprender mais, galgar

conhecimentos. Surgiu o desejo de cursar uma graduação em licenciatura para melhor atender os estudantes que estariam comigo no laboratório, com os quais passei a devolver atividades com mais frequência.

Decidi que iria cursar uma graduação, gostaria de estudar no IFAM, isto é ter uma educação verticalizada, termo sendo implementado pelo MEC que significa que o estudante pode curar todas as etapas da Educação Profissional e Tecnológica em uma mesma instituição desde o curso técnico até a após graduação. Decidimos fazer Licenciatura em Química, realizei minha inscrição no vestibular no ano de 2008, não fui aprovada, tentei novamente o vestibular para licenciatura em química no IFAM. e não fui aprovada, tudo para mim vem com muito sacrifício, ano seguinte, tentei fazer diferente, me escrevi para Licenciatura em Ciência Biológicas, pois era uma formação em ciências, ainda dentro no meu foco, laboratórios.

Fui aprovada, iniciei a graduação, tive bons e maus momentos, logo no início, senti um certo preconceito, na primeira semana de aula uma professora iniciou a aula com o seguinte comentário: - “Querem ser professores? Meus pêsames! Isso foi um choque mas não desanimei pois eu sabia qual era o meu objeto. Ao longo da graduação fique desperiodizada, então decidi cursar uma disciplina do último período, pois não necessitava pré-requisito, foi a disciplina Ecologia da Amazônica, a professora era incrível, nos incentivava a pesquisa, mas eu não estava preparada para realizar esta disciplina, não estava madura suficiente, não sabia escrever artigo e nem contemplava a necessidade de leitura acadêmica para realizar pesquisa, essa professora nos levou a Reserva Duque e para o Arquipélago de Anavilhanas.

Para desenvolvimento da pesquisa, tendo como principal objetivo estudo sobre os ambientes amazônicos, nos dois ambientes Reserva Duque e Arquipélago de Anavilhanas, foram necessários uma série de documentos, iniciando com os documentos necessários para saída dos estudantes da instituição, para pesquisa de campo, autorização junto a Reserva Duque, para o desenvolvimento pesquisa e para Anavilhanas era necessário uma permissão especial para estar presente no Arquipélago, tivemos que ter autorização do Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade – ICMBIO, mesmo não me dedicando como deveria, foi um aprendizado riquíssimo que levarei por toda vida. Ao finalizar a graduação entrei em contato com essa professora e disse quanto ela foi especial, o quanto contribuiu para minha formação e me desculpei por não ter aproveitado mais as leituras, as aulas, pois não estava madura suficiente para aquela disciplina.

Ainda falando um pouco sobre esta disciplina, o quanto esta professora fez a diferença, durante a pesquisa realizada no Arquipélago de Anavilhanas, ficamos hospedados em um flutuante do ICMBIO, em uma certa manhã, quando estávamos nos organizando para saída de pesquisa a tarde, um grupo de estudantes e incluindo eu fomos tomar banho no rio, de repente a professora veio para dentro da água conosco e começou a ministrar aula sobre ecologia da região amazônica, nos mostrando o rio, as plantas a margem, o tipo de solo, realmente uma professora que fez a diferença na minha vida.

No decorrer da graduação em licenciatura em ciências biológicas tivéssemos outros professores incríveis, professor de invertebrados, professora que ministrou legislação do ensino, que foi muito importante, abriu nossa mentalidade a respeito do que ampara a EPT. A Professora Rosa Oliveira Marins Azevedo, me orientou no processo de escrita monográfica, um diferencial de profissional docente, muito coerente em seus

argumentos e orientações, nos levou a conhecer a EPT, para contextualizar nossa monografia.

Mas como tudo na vida nem sempre são rosas, tive muitos percalços, professores que não apareciam nas aulas, que chamavam palavrão, que ameaçava os estudantes, tive perseguição, por ser servidora da casa, era posta em destaque com perguntas capciosas, um professor na coordenação uma vez não queria atender aluno bateu a porta e por pouco centímetros não prendeu meu braço, um professor de física, no questionamento de uma questão, que não tinha conseguido entender, falou: “Rafaela teu problema é que você tem que tomar umas!” Fiquei indignada, principalmente por não ter para quem denunciar, naquele período já não me espantava uma postura dessa de alguns professores, aqueles que sujam o nome da instituição e de sua disciplina, aquele que mata o aluno com uma palavra. Uma amiga pedagoga uma vez me disse. – Um médico sabe quando mata alguém, o professor não tem essa noção, mata um aluno com uma palavra.

4. TECENDO OS FIOS PROFISSIONAIS: SERVIDORA ADMINISTRATIVA EM EDUCAÇÃO

A medida que dou laço na tecitura da minha vida, feito em diferentes traços, cuidando para não errar e se houve erro no tracejado, perceber logo, refazer, aprender e continuar, para que não tenha fios soltos, vejo que esse cuidado me trouxeram as mais diversas experiências, percebo que sou diferente, que, o que me impulsiona a avançar, são minhas decisões, minha resiliência, elencada na obstinada busca pelo autoconhecimento, isto é, um exército de autoformação, o que tem me empoderado surpreendentemente.

Sou servidora técnico-administrativo em educação (TAE), que faz parte de uma categoria nas Instituições Federais de Ensino (IFE's) que compreende centenas de cargos, além das especificidades, próprias do cargo, todo técnico-administrativo possui atribuições gerais dispostas no art. 8º, da Lei nº 11.091/2005: planejar, organizar, executar ou avaliar as atividades inerentes ao apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão; visando assegurar a eficiência das atividades de ensino, pesquisa e extensão das IFE's.

Como servidora Técnica Administrativa em Educação, atuei como Coordenadora dos Laboratórios do Departamento de Química, permaneci na função no período entre 02 de abril de 2011 a 21 de junho de 2017, neste momento eram 11 laboratórios: Química Analítica; Química Inorgânica e Físico-Química; Química Orgânica; Laboratório de Pesquisa e Produção; Laboratório de Galvanoplastia; Análises de Água; Microbiologia; Tecnologia de Alimentos; Microscopia; Biologia de Produtos Naturais; Análise e Controle Ambiental e 01 Almoxarifado para abrigar produtos químicos. Foi um momento de amadurecimento profissional, nessa época havia dois técnicos atuantes, eu e outro rapaz que cursava medicina, pude naquele momento solicitar monitores para atuarem nos laboratórios e ajudar com a organização técnica dos laboratórios, que os mesmos estivessem sempre aptos para o desenvolvimento das aulas práticas.

Tudo ocorria de forma satisfatória, laboratórios organizados e aptos a serem utilizados em aulas práticas, além dos monitores, eu supervisionava estudantes no estágio obrigatório, agora com a formação em licenciatura, com os conhecimentos adquiridos sobre a EPT, pude orientar melhor os estudantes no laboratório, sendo eles monitores ou estagiários, a licenciatura foi um diferencial. Trabalhar orientando/supervisionando os estudantes é muito gratificante, saber que você está contribuindo para formação destes cidadãos.

Para monitoria trabalhávamos com estudantes dos níveis integrado, subsequente e até estudantes de graduação (tecnólogos), que estivessem nos períodos finais, mais maduros para desempenhar os papéis no laboratório, para atuarem no laboratório, eu realizava junto com dois professores, avaliação de currículo, avaliação de histórico parcial, e passavam por avaliação prática para ver seu nível atuando no laboratório, trabalhar com educação sempre foi muito estimulante, acompanhar o desenvolvimento das habilidades laboratoriais dos estudantes sempre é gratificante, mas não estive com os estudantes somente no laboratório, estive em sala acompanha avaliações, acompanhando em visitas técnica e principalmente nos eventos, semana cultura, semana de química e meio ambiente, em seguida descreverei alguns momentos.

O evento Semana Cultural é incrível de acompanhar, é um evento que ocorria com as turmas de nível médio integrado, no Campus Manaus Centro, há cinco curso integrados: Química, Mecânica, Informática, Eletrotécnica e Edificações durante a Semana Cultural, os cursos cometem entre si, tem diversas modalidades: jogos, música, dança, canto, brechó e alimentos, estes vêm a minha mente. Já participei da comissão do brechó, os estudantes arrecadam roupas, bijuterias, brinquedo, utensílios de cozinha, todas as peças têm que estar em bom estado de conservação, cada item vale um ponto, que der o maior número de item ganha no quesito brechó.

A semana cultural não é assim tão simples, é uma loucura, os estudantes são competitivos, uma vez teve toneladas de roupas, após conferência, estes itens são postos à venda durante a semana cultura com preços simbólicos, a fim de arrecadar dinheiro para ajudar com demanda do que ocorrem no Ensino Médio, ajudar aluno que necessite, comprar um material audiovisual para ajudar nas aulas, tem uma finalidade justa e clara. Ao final da semana cultural, os itens são doados para instituições filantrópicas.

A categoria alimentos segue assim, um ponto por cada quilo de alimento, leite tem acréscimo, não pode sal e deve-se seguir algumas regras, esses alimentos são contabilizados, é feita cestas básicas, primeiramente são distribuídos para empresa terceirizada de limpeza e manutenção, as demais são direcionadas para doações nas instituições junto com as roupas arrecadadas.

O melhor não é o valor arrecadado, o número de itens e sim o empenho dos estudantes em arrecadar e quando eles participam da entrega das doações nas instituições, pois cumpre o nosso dever de instituição, preparando aluno de forma omnilateral. Frigotto afirma que “Omnilateral é um termo que vem do latim e cuja tradução literal significa todos os lados ou dimensões” (2012, p. 265). Este autor ainda pontua que Educação omnilateral significa, “a concepção de educação ou de formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico.”

Assim, a educação omnilateral abrange a educação e a emancipação humana em todos os sentidos da vida humana. O ato de doar contribui efetivamente para melhorar a sociedade, torna o indivíduo mais justo e igualitário. A entrega das doações ocorre da seguinte forma, após a semana cultural, é organizada uma comissão com os representantes de cada curso, para as estar presente no momento das doações, nas instituições os estudantes interagem com os moradores da instituição, por exemplo, instituição para crianças, os estudantes brincam com as crianças, promovem atividade recreativas curtas, um lindo momento de interação e reflexão.

A Semana Cultural é um momento importante para os estudantes da Educação Profissional Técnica de Nível Médio do Campus Manaus Centro, onde podemos ver uma competição árdua entre os cursos, mas há momentos de união, nos intervalos, momentos de descontração, é lindo ver um colega abraçar o outro, ambos de cursos diferentes, ou visualizar um grupo aplaudir um colega tímido que fez uma performance no auditório, são momentos que os estudantes levam em seu coração para sempre e nos também, servidores que assistimos a tudo e nos emocionamos com eles, guardamos em nosso coração.

Em 2024, ano da comemoração dos 115 anos da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, desde a fundação das Escola de Aprendizizes Artífices em 1909 até a presente data com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). Neste ano, completando 20 anos de serviço público federal, o ano que ingressei no Programa do Mestrado Profissional ProfEPT. Assim mais uma vez trago para essa narrativa como minha vida está entrelaçada a EPT e como sou exemplo da verticalização educacional.

O Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT) tem como objetivo proporcionar formação em educação profissional e tecnológica aos profissionais da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT) e comunidade, visando tanto a produção de conhecimento como o desenvolvimento de produtos, por meio da realização de pesquisas que integrem os saberes inerentes ao mundo do trabalho e ao conhecimento sistematizado.

Nessa jornada como mestrandia temos tido muito aprendizado, nos possibilitou a uma formação aprofundada a respeito das bases que sustentam a Educação Profissional e Tecnológica, tem nos fornecido compreensão sobre as teorias educacionais. E como desafio, temos o esforço de equilibrar as demandas do mestrado com a vida pessoal e profissional, até nesse campo o PROFEPT tem nos auxiliado a desenvolver habilidades de gestão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que me motivou nessa jornada? Não sei, talvez tenha me constituindo enquanto traçava os pontos da obra que é minha vida, as coisas foram se entrelaçando e se firmando, a ponto de não saber se foi eu ou acaso, na minha concepção foi Deus, pois Ele sabe o que precisamos antes mesmo de verbalizarmos. Sou muito grata por ser servidora nesta conceituada instituição de ensino. A elaboração desse texto narrativo autobiográfico trouxe à lembrança minha trajetória de vida e as memórias pessoais que deram rumo a minha vida profissional.

Neste ano de 2024 completei 20 anos como servidora em educação, aqui foi meu primeiro emprego, minha vida está entrelaçada a esta instituição de Educação Profissional e Tecnológica, no tracejado da minha vida, os pontos traçados se entrelaçaram ao instituto, tive a honra de passar por três das seis transições da trajetória deste o Instituto, sendo eles: Escola Técnica Federal do Amazonas (ETFAM), Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas (CEFET-AM) e Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), sou orgulhosa do meu trabalho, amo trabalhar em laboratório, sigo ainda como supervisora de estágio, aperfeiçoando a cada dia a forma de trabalhar com os estudantes, para tal é necessário conhecer cada indivíduo, elabora uma

forma de trabalhar individual e tem funcionado e vejo ao longo desses anos a formação profissional dos estudantes e feliz quando por vezes encontro um aluno, formado e feliz.

Por fim, o mestrado em educação profissional e tecnológica (PROFEPT), não apenas tem enriquecido minha formação como profissional em educação, mas também, no geral, tem impactado a qualidade do ensino, o desenvolvimento da força de trabalho, isto ocorre ao incentivar a pesquisa e fortalecer o ensino, promover práticas pedagógicas inovadoras, o mestrado tem se tornado um pilar essencial para a evolução da educação profissional e tecnológica.

REFERÊNCIAS

- [1] BRASIL, Lei Nº 11.091, de 12 de Janeiro de 2005. Dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, no âmbito das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação, e dá outras providências. Disponível em : <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11091.htm> Acesso em 04/10/2024.
- [2] BRASIL, Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 12 de agosto de 1971. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 04/10/2024.
- [3] BRASIL. Lei nº 11.788 de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Brasília, DF, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm. Acesso em: 25/08/2024.
- [4] BRASIL. Lei nº 6.494, de 07 de dezembro de 1977. Dispõe sobre os estágios de estudantes de estabelecimentos de ensino superior e ensino profissionalizante do 2º Grau e Supletivo e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do BRASIL. Brasília, DF, 09 de dezembro de 1977. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6494.htm. Acesso em: 04/10/2024.
- [5] FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação omnilateral**. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- [6] MANACORDA, M. A. **Marx e a pedagogia moderna**. Tradução de Newton Ramos- de-Oliveira. São Paulo: Cortez: Autores Associado, 1991.
- [7] MELO, Marisol, **POESIA**. Disponível em https://www.pensador.com/autor/marissol_melo/ Acesso em: julho de 2024
- [8] NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Org.). Os professores e sua formação. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1992.
- [9] SALVADOR, Nogueira. **Marie Curie, a polonesa mais brilhante da história**. Revista Super interessante. Atualizado em 6 nov 2023. Publicado em 2 mar 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/marie-curie-a-polonesa-mais-brilhante-do-mundo>. Acesso em: 20 de agosto de 2024.
- [10] SANTOS, Eliane Regina Acácio dos. A realidade do estágio supervisionado no ensino profissionalizante de nível médio: um estudo sobre o curso de técnico agrícola da Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste-RO. 2009. 172 f. **Dissertação (Mestrado em Educação)** - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009.
- [11] SILVA, Rilda Simone Maia da. **Estágio curricular e sua contribuição na construção da identidade profissional dos estudantes da Educação Técnica de Nível Médio**. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Centro, Manaus, 2019.

Cultivando *bits* e sonhos: uma jornada transformadora na educação profissional e tecnológica

Rebeca Carvalho Fernandes¹, José Cavalcante Lacerda Junior²

“Às margens do grande rio, do rio das Amazonas, fica Itacoatiara, minha terra, minha amada, linda Itacoatiara, cidade da pedra pintada”

Alírio Marques

1. INTRODUÇÃO³

Sou um pedaço da terra onde brotei. Com toda a leveza dos pássaros até as profundezas das águas do rio Amazonas. Sou um pedaço do povo de onde brotei. O meu peito bate no ritmo das canções na praça e das lendas de minha avó. Sou um pedaço da arte, e ela faz parte de mim. A arte que conta as histórias, as memórias e a vida dos tantos outros frutos da “velha Serpa”, que assim como eu, descobriu os mistérios da modernidade, mas sem perder a essência cabocla, a força das Amazonas. Sou filha, mãe e irmã desse povo forte no tambor e sensível na melodia.

A cidade de Itacoatiara foi o berço de minha família, uma família que navegou de outros continentes, dentre eles libaneses, portugueses e espanhóis, estrangeiros que chegaram em grandes navios ao porto de Itacoatiara trazendo consigo sonhos e esperanças, mas também o peso da distância de suas terras natais. Um quarto de mim é índia, da parte de minha bisavó, trago também o sangue Miriti-Tapuya. Meus avós, embora não tivessem tido a oportunidade de uma educação formal, carregavam a sabedoria da vida, da agricultura e do comércio. Foi com esse enlace de culturas de espírito familiar que a minha família cresceu, firmando suas raízes no solo da Amazônia.

Os meus pais, no entanto, encontraram na docência o caminho para um futuro promissor, um caminho que trilharam com bastante devoção e me ensinaram a seguir. Minha mãe formou-se no Magistério e, assim, iniciava a sua jornada na educação aos 17 anos. Meu pai, no mesmo período, aos 27 anos, viajava para os Estados Unidos para fazer um curso de em língua inglesa na Universidade do Mississippi, em Hattiesburg através de

¹ Discente do Curso de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do PROFEPT/2024 no Instituto Federal do Amazonas.

² Docente no Curso de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do PROFEPT/2024 no Instituto Federal do Amazonas. Doutor em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia - PPGCASA da Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

³ Este artigo utiliza a primeira pessoa do singular na introdução e nos métodos e técnicas como recurso estilístico para oferecer um relato mais intimista e pessoal das experiências vividas pela orientanda. Nas demais partes que compõem o texto utiliza a primeira pessoa do plural para reverberar a polifonia do texto.

um intercâmbio estudantil. Esses acontecimentos são marcadores fundamentais para o modelo de criação que eu viria a receber, uma vez que meus pais, ao procurarem formação, também ampliaram seus horizontes culturais e intelectuais.

Após o seu casamento, nasceu o meu irmão, Rafael, e dois anos depois a minha irmã, Judith. Em seguida eu cheguei ao mundo. Quando eu ainda era pequena eu e meus irmãos, nos mudamos com os nossos pais para Manaus, à época uma cidade grande que se erguia em meio à imensidão da floresta amazônica. Todavia a “velha Serpa” nunca deixaria de ser um pedaço do meu coração. Muitas férias foram regidas por esse retorno à minha terra natal, onde nós passávamos de um a dois meses. Era um retorno às minhas origens, ao contato com a natureza, à cultura rica do meu povo e à simplicidade do interior.

Em Manaus, o dia a dia não era fácil e havia muito trabalho. Sendo professores dedicados, os meus pais sempre influenciavam a mim e aos meus irmãos com o valor do conhecimento. Não apenas o conhecimento acadêmico, mas também o domínio de outras línguas. Sempre tive muito entusiasmo e facilidade nessa aprendizagem, uma vez que meu pai costumava falar em inglês conosco em casa. Desde jovem, a comunicação era o meu forte e, dessa forma, eu já ensinava meus colegas e vizinhos brincando de professora, um jogo que, com o tempo, se tornaria minha própria vocação.

Minha juventude foi um período de descobertas e experiências. No Ensino Médio cursei um ano no ensino técnico em telecomunicações na Fundação Centro de Análise, Pesquisa e Inovação Tecnológica (FUCAPI). Foi nesta instituição que tive o primeiro contato com a Educação Profissional e Tecnológica. Entre a montagem de rádios e as aulas sobre eletricidade e ondas eletromagnéticas, surgiu a oportunidade de fazer parte de um grupo de teatro. Criamos, então, o primeiro grupo de teatro da FUCAPI e lá vivi momentos inesquecíveis. O grupo se apresentou em alguns teatros da cidade com obras intimistas sobre os grandes poetas e representações de tragédias gregas.

Ainda na adolescência, eu comecei a trabalhar como amiga da escola, atuando voluntariamente em escolas públicas. Foi ali que eu encontrei o que eu buscava, o prazer de ensinar, de guiar os outros na direção do conhecimento. A educação, logo se tornou o meu Norte e, mesmo quando eu experimentei estudar a área do direito, que é uma carreira tentadora, essa área não falava ao meu coração como as palavras e a sala de aula. A educação é um chamado vocacional que se descobre ao longo da jornada.

Em seguida veio a minha formação em letras, que foi a realização de um sonho e um reflexo do legado deixado pelos meus pais. E posteriormente, a formação em Informática, trazendo toda a curiosidade que me acompanhava desde os primeiros encontros com os computadores de desktop e da era da internet discada. A modernização começava a alcançar essas cidades do interior, assim como Itacoatiara. A pequena cidade, com o seu ritmo de vida tranquilo, começou a ver o impacto da tecnologia. E eu, já na cidade de Manaus, também começava a ter o impacto da tecnologia na minha vida e na minha prática docente.

Deste modo, uni minhas habilidades em língua inglesa aos conhecimentos tecnológicos com intuito de preparar os jovens para o mundo do trabalho. No Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), dei o primeiro passo na docência profissional, trabalhando com os jovens aprendizes. Eu procurava mostrar a eles que o futuro se constrói com ferramentas e com os instrumentos certos nas mãos. E aquelas palavras que eu ensinava em inglês eram mais do que um vocabulário, eram uma chave de sucesso para o mundo moderno.

Como uma boa Amazona moderna, gerei no meu ventre duas pequenas guerreiras que assim como as figuras femininas de minha família são fortes e aguerridas. O nascimento de minhas filhas representa o ritual de passagem para a vida adulta, juntamente com todos os desafios que a acompanham. Eu naveguei por esses desafios da maternidade, da docência, da tecnologia e do trabalho árduo, usando minhas habilidades, sempre procurando abrir caminho para outras mulheres, para que elas também pudessem ser vistas e ouvidas.

É necessário deixar nascer “a flor no asfalto”, pois ainda não chegou o tempo de completa justiça. Em todos os aspectos da vida humana é indispensável pensar na resistência da beleza sobre a brutalidade, protegendo a natureza, superando os obstáculos, alimentando sonhos e criando novas direções visando um futuro melhor. As minhas “raízes caboclas” estão vivas, e ao mesmo tempo eu abraço o futuro com a força de quem sabe que a educação é mais do que um meio de sobrevivência, ela é a chave para transformar o mundo.

2. MÉTODO E TÉCNICAS

Neste artigo utilizo como estratégia metodológica a narrativa autobiográfica e busco entrelaçar a trajetória na docência da educação profissional, com uma abordagem sensível e poética. Segundo Mattar (2021) a pesquisa narrativa é um estudo realizado com um ou poucos participantes uma vez que ela foca no significado das experiências do ponto de vista de cada indivíduo. As narrativas revelam as experiências humanas, as estruturas sociais e como vemos o mundo.

Utilizando um método qualitativo, este texto mergulha nas íntimas memórias e emoções vividas, oferecendo um retrato particular da minha jornada na Educação Profissional e tecnológica (EPT). Na construção do estudo faço alusão às histórias e lendas amazônicas a fim de fazer uma ligação entre minha ancestralidade e o mundo como se apresenta na modernidade. A investigação qualitativa, por sua vez, procura capturar as histórias de modo a revelar nossa natureza essencialmente social (Patton, 2015).

A construção dos dados foi realizada a partir das minhas próprias lembranças através dos momentos que ressoam com profunda relevância pessoal. O processo envolveu horas de introspecção e reflexão, quando revisitei os momentos marcantes e relevantes de minha carreira. Essas memórias foram registradas em diários em formato de áudios, e a partir deles foi tecida uma narrativa refletindo os detalhes e emoções de minha trajetória docente em EPT.

A análise de dados foi feita através da metodologia da Análise Narrativa. As lembranças foram estudadas para analisar os fragmentos que formam esse mosaico completo. A narração buscou não somente capturar os momentos, mas principalmente o impacto emocional em minha vida. A pesquisa narrativa vê nas histórias padrões e temas que se revelam, e quando analisados ajudam-nos a obter a visão dos indivíduos sobre a sociedade e a sua cultura de maneira geral (Patton, 2015).

Este artigo tem o objetivo de narrar a trajetória de uma professora no ensino em EPT. Para tanto, o texto está articulado em 3 subtópicos conforme segue: *Building Bridges: do verbo ao labor*, onde relato as experiências vividas no SENAC com o ensino da língua inglesa em cursos técnicos e o curso na área administrativa para jovens aprendizes; *Entre redes e rios: a conexão entre o humano e o digital* rememora a experiência na docência no Ensino Superior para o curso de Ciências da Computação; O último tópico intitulado *Bytes*

no campo: tecendo saberes na terra traz a primeira prática com o ensino à distância ministrando a disciplina de Informática para o curso técnico em Agricultura.

3. BUILDING BRIDGES: DO VERBO AO LABOR

“Uirapuru, Uirapuru [...]”

*A mata inteira fica muda ao seu cantar. Tudo
se cala p'ra ouvir sua canção. Que vai ao céu
numa sentida melodia. Vai a Deus em forma
triste de oração”*

Pena Branca e Xavantinho

O trecho da canção acima poderia facilmente ser referida como uma ode ao professor, mas se trata da lenda do Uirapuru, o pássaro encantado, que conta a história de um jovem guerreiro que, por apaixonar-se por uma bela índia comprometida e ter seu amor impossibilitado, foi transformado por Tupã em um pássaro de canto hipnotizante. As lendas têm um papel fundamental na construção da identidade dos povos originários, elas encenam com os atores da natureza permitindo com que estes desenvolvam *anima*.

Em grande medida, tornar-se homem significa ter a capacidade de moldar e criar a realidade. O trabalho dá ao homem controle sobre sua vida e o ajuda a entender o ciclo interminável desde a sua origem - um conceito que Saviani (2007) articula na compreensão de que o trabalho é como o homem se define. É através do trabalho que o homem se torna verdadeiramente humano, ao mesmo tempo em que modifica a natureza e sua própria essência. A nossa perspectiva do fazer educativo vê o trabalho como um processo, ao em vez de apenas uma forma de garantir o sustento. Sendo assim, quando chegamos ao SENAC, encontramos ali o lugar perfeito para compartilhar os nossos conhecimentos.

A instituição citada tem uma vertente voltada à formação na área profissional. Então, nós iniciamos o ensino da língua inglesa utilizando conceitos mais concretos. A finalidade do SENAC, como uma instituição de educação profissional, é voltada para a área de comércio de bens, serviços e turismo aberta a toda a sociedade. Além de cursos profissionalizantes, também desenvolve programas sobre qualidade de vida, direitos do trabalhador, meio ambiente, entre outros. Oferecendo qualificação profissional, por meio de cursos destinados às pessoas com escolaridade variável para desenvolver competências necessárias no exercício e ocupação no mercado de trabalho. Como é o caso dos cursos de língua inglesa oferecidos (Senac, 2020).

A língua inglesa, que aprendemos na juventude, tornou-se a nossa primeira ponte. Um caminho que nos conecta ao mundo de possibilidades. No ensino da língua inglesa, um idioma que para muitos parecia uma grande barreira intransponível, era o ponto transformador, pois por meio dela construíamos uma ponte sólida, que tinha o poder de conectar os jovens ao mundo do trabalho e do comércio. Onde cada aula representava uma travessia, levando os nossos alunos a novas margens de entendimento.

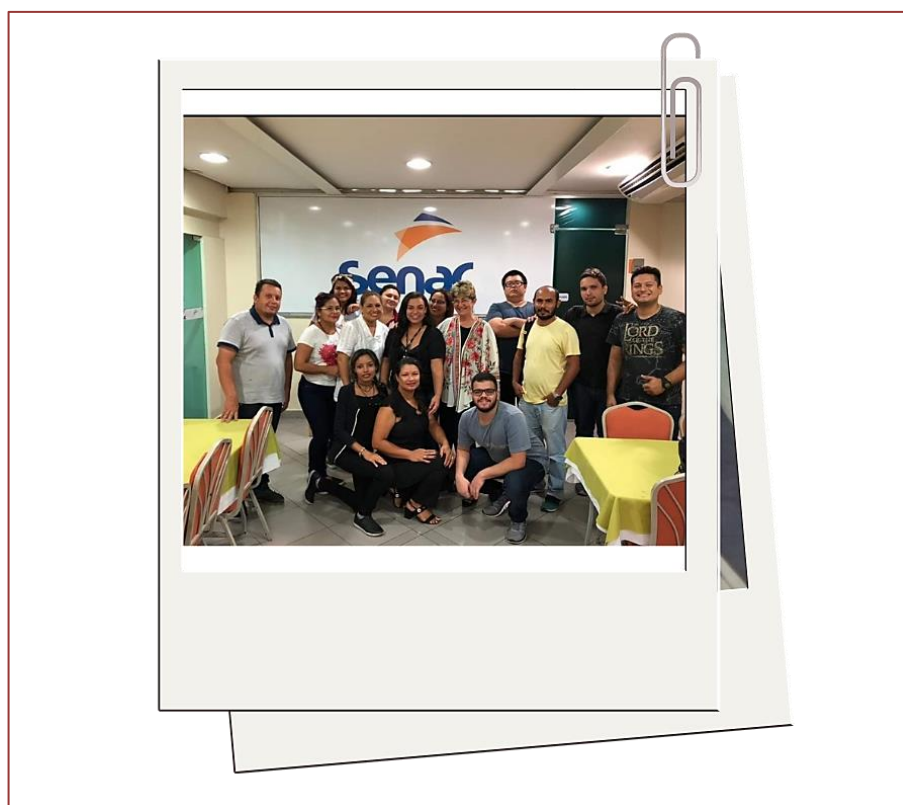
Para Hume (2006) o entendimento humano requer relações entre proposições, noções de causa e efeito, e que o entendimento desta relação não se atinge por raciocínio

a priori, senão que emerge unicamente da experiência, sugerindo, desta forma, que as experiências moldam a nossa percepção do mundo. Todavia, nos estudos da linguística, há uma concepção de que a aquisição da linguagem, para língua materna, por exemplo, detém uma estrutura pré programada ou seja, uma forma de conhecimento a priori.

Chomsky (1986; 2019) compreende a gramática generativa contrariando a ideia de que a mente humana seja vazia, entendendo que a linguagem está conectada com características e estruturas complexas tipicamente humanas, e para tanto, no aprendizado de uma segunda língua, esta estrutura se torna um ponto de reestruturação onde o aprendiz relaciona a língua materna com as novas formações linguísticas de signo, significado e significantes. As estruturas da linguagem não emergem a priori, são necessários estímulos para o seu desenvolvimento. Isso implica admitir a premissa do entendimento a posteriori, levando em consideração, de todo modo, a condição inata para sua existência.

Para os alunos do curso de gastronomia no SENAC, o ensino da língua inglesa exigia outra abordagem. Assim sendo, nós nos víamos diante de adultos, jovens e maduros, que traziam consigo a experiência e o saber das cozinhas, mas que precisavam de novas ferramentas para expandir seus horizontes profissionais. Como foi o caso de uma estudante experiente, que trabalhava a mais de 30 anos como “boleira” e que, portanto, na disciplina de confeitaria chegou a ensinar aos seus colegas uma técnica diferente, desconhecida inclusive pelo seu professor, para a produção de glacê que aprendera com sua mãe.

Figura 3: Aula final do curso de gastronomia realizada no SENAC Centro.



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora Rebeca Fernandes.

A nossa prática de ensino, inspirada em Paulo Freire (1987), era construir o novo sobre o que já existia, como uma ponte que se ergue a partir do conhecimento prévio dos alunos. Cada aula era uma travessia, onde o inglês se integrava à prática culinária, permitindo que esses profissionais pudessem explorar novas receitas, técnicas e oportunidades com confiança. Ainda em Freire (1981), ele acrescenta que a leitura do real não pode ser uma forma de repetição mecanicamente memorizada no ato de ler o real, e ressalta que não há texto sem contexto. Isto determina que as palavras não são entidades vazias de sua essência nem são blocos de concreto em um muro, e sim representam a complexidade das relações de sentido e significado do meio onde emergem.

Por conseguinte, no curso de inglês técnico em gastronomia, apesar da língua inglesa ser um quesito técnico e prático, isto não implica inferir que este aprendizado ocorra de modo mecanizado. No curso trabalhamos o nome de utensílios, as ações que poderiam ser utilizadas em uma cozinha, por exemplo, e os verbos principais que utilizamos neste ambiente. Resultando no conceito de contextualização assumida como objetivo central no ensino de línguas e tornando as funções comunicativas o eixo primário do que se deve ensinar (Donnini, 2010).

Mais uma parte da ponte era construída para chegar aos objetivos finais dos alunos, que são diversos. Em seus relatos pudemos aprender um pouco sobre os motivos que os levaram ao curso técnico em gastronomia, que vão desde a necessidade de profissionalização na área à constituição de um Hobbie, e por mais que os estudantes tivessem experiência na área, o mercado exige uma qualificação formal para fazer uma contratação. Cada um deles fabricava ali as colunas da ponte vislumbrando as suas conquistas individuais.

No entanto, talvez a experiência mais marcante tenha sido com os jovens aprendizes. Esse curso faz parte das modalidades de educação do SENAC que são de formação inicial e continuada, e compreende os cursos de iniciação e atualização profissional, formação inicial como aprendizagem profissional em comércio, que é destinada aos jovens maiores de 14 anos, menores de 24, e eles são encaminhados pelas próprias empresas ao SENAC para uma capacitação (Senac, 2020).

Prepará-los para o mercado de trabalho era mais do que ensinar técnicas administrativas. Muitos daqueles jovens, davam seus primeiros passos no mundo do trabalho e precisavam de orientação não apenas técnica, mas ética e comportamental. A construção dessa ponte envolvia ensinar-lhes sobre a importância do respeito, da dignidade, da autodefesa em ambientes profissionais. Pois a formação de sujeitos plenamente sociais, assim como a visão coletiva, política e pedagógica da educação voltada a uma formação para a cidadania tornaram-se cada vez mais requisitos de qualificação profissional sugeridas pelo mercado de trabalho (Fagiani *et al.*, 2013).

Figura 4: Turma de Jovens aprendizes na galeria do SENAC Cidade Nova.



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora Rebeca Fernandes.

A passagem pelo SENAC, embora breve, trouxe uma chama de certeza sobre quais rumos profissionais seguir. E, dessa forma, fazer parte da formação que prepara os alunos de maneira técnica e humana para a atuação no mundo do trabalho era algo gratificante. Aprendemos tanto quanto ensinamos, construindo pontes não apenas para os alunos, mas também para nós. A cada aluno que cruzou a ponte que nós ajudamos a construir reforçou a nossa esperança na educação como uma fonte poderosa, e toda vez que bebemos dela, somos transformados.

Dizem que, ao ouvir seu canto, as pessoas são inspiradas pelo Uirapuru a seguir seus sonhos e a enfrentar os desafios da vida com coragem e sabedoria, tal qual faz um educador. Afinal, a educação é como o canto do pássaro da lenda: uma força capaz de transformar vidas, de construir pontes entre o presente e o futuro. Quando canta o Uirapuru temos direito a um desejo. Se o aprendiz souber ouvir atentamente o canto do seu professor, ele poderá transformar-se em tudo aquilo que sonhar.

4. ENTRE REDES E RIOS: A CONEXÃO ENTRE O HUMANO E O DIGITAL

*“Yara mãe d'água, encanto dos rios. Teu canto seduz a
vida do povo tribal. Beleza irresistível reluz.*

Sensibilidade traduz. Yara Morena, mãe das águas”

Tribo Muirapinima

Ao ingressarmos como docentes no ensino superior para o curso de Ciência da Computação, nós nos sentimos navegando por um novo afluente. Um rio que não era feito de água, mas de conhecimento e inovação. Foi lá que encontramos alunos que também estavam desbravando territórios desconhecidos, superando os limites da tecnologia e de suas infinitas possibilidades. No universo dos *bits* e *bytes*, onde o digital se encontra com o real, construir uma carreira em Ciência da Computação é um desafio complexo.

No ensino superior, essa jornada começa com os primeiros passos entre linhas de código, algoritmos e a lógica que os une. No ambiente acadêmico, onde trabalhamos com jovens-adultos e adultos, utilizamos uma linguagem específica para alcançar os conceitos mais complexos e aplicar estes conceitos com esses alunos, uma vez que eles estão ali, em uma área específica, procurando desenvolver as suas habilidades naquela área de profissionalização e almejando um futuro profissional.

Surge, sobretudo, uma crítica ao formato do Ensino Tecnológico de nível superior através das informações de Favretto (2013) que cita que com a adoção da nova LDB em 1996, os cursos superiores de tecnologia ganharam novo impulso. A lei atendeu às demandas do mercado de trabalho e tentou adequar a legislação brasileira às recomendações dos organismos multilaterais. O Brasil tem uma tendência a estabelecer uma oferta de ensino superior complementar, que inclui a participação receptiva do setor privado e programas de ensino superior de curto prazo adaptados às necessidades dos setores industrial e de serviços, visando produtividade e competitividade.

Em outras palavras, a necessidade de melhorar as qualificações dos trabalhadores foi provocada pelos avanços tecnológicos, pelas mudanças sociais e econômicas e pelo desenvolvimento ou inovação de novos produtos e mercados. A partir desta perspectiva é que os cursos superiores de tecnologia surgem, como uma forma de capacitação em nível superior para os trabalhadores, essencial ao mercado atual na formação de mão de obra destinada a esta finalidade (Favretto, 2013).

No curso de Ciência da Computação, o desafio não era apenas entender o funcionamento de máquinas e sistemas, mas também integrar esses conhecimentos ao mundo prático. A disciplina de inglês técnico voltada para a área da informática e computação foi uma dessas conexões. Para os alunos, dominar a linguagem técnica é essencial, uma vez que muitos termos técnicos e conceitos fundamentais da área da tecnologia são escritos em inglês. Daí a necessidade de se compreender o idioma, o aprendizado em língua inglesa não é tão somente uma questão acadêmica, mas é uma questão do dia a dia prático desses futuros profissionais.

O inglês atua como uma ponte, conectando o aluno ao vasto oceano de conhecimento global. Estamos sempre atentos às necessidades dos estudantes, aplicando a pedagogia do conhecimento prévio para enriquecer o aprendizado de cada um. É essencial considerar o repertório abrangente que os alunos trazem consigo ao entrarem em nossa sala de aula, o que se reflete tanto no inglês quanto em nosso próprio idioma, o português, que compartilham raízes comuns no latim.

As atividades feitas para o inglês instrumental, eram aquelas que, com o uso de metodologias ativas, traziam os alunos para mais perto do vocabulário específico das áreas de tecnologia. O termo *Language for Special Purposes* (LSP) refere-se ao uso do inglês instrumental no ensino de línguas, com foco nas necessidades específicas dos alunos, com o objetivo de utilizar a língua inglesa para tarefas de comunicação para a compreensão nessa língua.

Logo, é necessário utilizar esse aprendizado para expandir o conhecimento que nós queremos ensiná-los. Ao trazer textos da atualidade sobre as inovações tecnológicas, propiciávamos que os alunos navegassem por esse mar de informações com o propósito da inovação. A cada leitura, novas portas se abriam e o vocabulário se expandia, criando as bases para que os futuros profissionais pudessem não apenas acompanhar, mas também liderar as transformações que surgirão no campo da tecnologia.

Afinal, à medida que adentramos no mundo acadêmico dos conhecimentos específicos, seja na área da saúde, na área de humanas, na área das exatas ou da ciência da computação, como era o caso deles, somos compelidos a nos conectar com as novidades científicas para desenvolver o campo de pesquisa de maneira eficiente. Posto que a ciência deve estar engajada com as atualidades nas diversas áreas, e a língua inglesa proporciona essa possibilidade para a compreensão de textos que estão sendo publicados diariamente e que são voltados a atualização científica em todas as áreas.

Para Lima (2009), o aluno de inglês técnico, caso tenha interação de fato com a língua estrangeira, terá a sua identidade afetada pelo processo de cisão cultural, isso implica dizer que ao compreender os textos em uma outra língua, estamos ampliando cada vez mais nosso ambiente pessoal, cultural e dessa forma expandimos a nossa interpretação dos eventos que nos circundam. Na disciplina de metodologia científica, por sua vez, o encontro era entre a ciência e a criatividade. Os alunos eram incentivados a pensar além do óbvio e transformar a sociedade, para criar soluções inovadoras.

Um dos projetos mais marcantes foi de um aluno que idealizou um aplicativo de mobilidade urbana para pessoas com necessidades especiais. Dessa forma, ele demonstrou uma visão aguçada para as necessidades humanas e o desejo de usar a tecnologia para o bem comum. Esse projeto nasceu da imaginação e do conhecimento técnico deste aluno. Essa competência reflete a união entre o digital e o humano, a capacidade de transformar *bytes* em ações concretas para melhorar o mundo ao nosso redor.

É nesse contexto que a lenda da Yara, a mais bela sereia das águas, encontra a ressonância. Yara, assim como a tecnologia, possui um fascínio irresistível, capaz de atrair e envolver aqueles que se aventuram em seu território. Porém, a mãe da água também tem o poder de arrastar para as profundezas mais obscuras aqueles que não a respeitam. Assim é a tecnologia, pois, se mal utilizada, ela pode também consumir e destruir. Nós estamos cientes desse poder dual e, dessa forma, os alunos também devem ser ensinados a navegar com sabedoria, equilibrando a inovação com a responsabilidade, para que essas águas da tecnologia os conduzam ao futuro promissor e não a um abismo sem retorno.

Apesar dessas conquistas, um aspecto da realidade acadêmica nos inquietava. A disparidade de gênero no curso da Ciência da Computação. Por exemplo, em turmas compostas por 40 alunos, apenas 3 eram mulheres. Esse desequilíbrio era um lembrete das constantes barreiras que devem ser superadas. Houve um momento de conversa com essas três estudantes e nós descobrimos que havia a resistência ao ingressar em um ambiente dominado por homens, posto que, historicamente, essas disciplinas são voltadas ao público masculino. Então, ser pioneira e enfrentar essa contracorrente é muito difícil para a mulher.

O mundo das áreas exatas, de maneira geral, tem essa conotação masculina. A própria área é historicamente vista como águas onde somente homens navegam. Para Bourdieu (2024) essa visão androcêntrica da divisão do trabalho por gênero gera essa cosmovisão, que é decorrente da força particular masculina que se legitima por meio da

relação de dominação e que se sustenta na interpretação da própria natureza biológica dos gêneros, um tema antiquado, mas que se perpetua nas gerações.

Vivemos em uma sociedade onde o processo histórico e cultural reflete a nossa vida de uma maneira prática. Diante disso, não seria surpresa não encontrar mulheres em cursos como o de Ciência da Computação. Essa experiência pessoal nos motivou a buscar iniciativas e projetos para incentivar a participação feminina nas áreas tecnológicas, pois nessas áreas o número de contratações femininas é muito inferior às de contratações masculinas de acordo com as pesquisas.

Silva (2021) apresentou uma pesquisa da Universidade de São Paulo (USP) de 2018 que apontava que o fator primordial que contribui para o desinteresse das meninas pela tecnologia seria, justamente, a falta de representação de mulheres na área. A discussão sobre a importância da presença feminina nesses campos é crucial para garantir a diversidade e a inovação no futuro. Em vista disso, nessa intersecção entre o natural e o digital é que nós continuaremos a nossa jornada. Orientando os nossos alunos e alunas, mesmo pelas águas turbulentas da inovação, sempre com a certeza de que, unidos com ética e determinação, eles poderão criar e recriar o mundo.

O homem sempre encontra maneiras de se reinventar e superar seus próprios limites. A tecnologia, assim como o encantamento de Yara, a Mãe da Água, surge como uma força misteriosa e transformadora, permitindo ao ser humano não apenas subsistir, mas moldar o seu próprio destino. Nós, que viemos de uma terra com raízes fortes, nesse solo rico da Amazônia, trazemos em nossa trajetória a fusão entre o mundo natural e o digital, mostrando como essas duas esferas podem coexistir e serem complementares entre si.

5. BYTES NO CAMPO: TECENDO SABERES NA TERRA

“Mapinguari, Mapinguari. É folclore da gente. História cabocla amazonense. Defende a floresta do predador.

Cortando a cabeça do caçador”.

Guerreiros Mura

Neste último tópico de nossa trajetória na EPT, a jornada no ensino de informática para adultos que trabalham no campo se entrelaça com a rica tapeçaria da cultura amazônica. A ligação entre o saber tradicional e a inovação tecnológica ganha uma nova camada de significado quando colocamos no centro da narrativa a lenda do Mapinguari. Na Amazônia, a terra é mais que um simples recurso, é um ser vivo, pulsante, que guarda segredos antigos.

A lenda do Mapinguari representa essa ideia. Ele é uma criatura mitológica, descrita como uma figura enorme, com uma pele grossa e uma boca no meio do estômago. Ele é conhecido como o guardião da floresta e está sempre punindo aqueles que desrespeitam a terra e a natureza. Para aqueles que maltratam a terra, o Ser mitológico traz punição, mas para aqueles que a tratam como reverência, ele pode ser um protetor silencioso. A lenda narrada se associa à preocupação com a natureza, onde quando ministramos o módulo de Informática no curso técnico em agricultura, em sua maioria agricultores, os alunos traziam consigo uma sabedoria acumulada ao longo de gerações.

Entretanto, ao introduzir novas tecnologias para melhorar o cultivo, a plantação e o monitoramento de suas terras, reverberava uma resistência, também uma desconfiança em relação ao que é novo e desconhecido. De tal modo que ao ensinar os princípios da informática para esses agricultores, nós precisávamos equilibrar o respeito pela tradição adquirida nas gerações com a instrução de novas práticas. O curso foi realizado no modelo EAD, e foi um desafio não só tecnológico, mas também cultural. A ideia de que a tecnologia poderia ser uma extensão do saber ancestral foi difícil para muitos, especialmente os mais velhos, que viam com receio a chegada de novas tecnologias.

Acresce que a andragogia, a área que se dedica à educação de adultos, destaca que esse grupo é especial pelas suas experiências, eles se apresentam repletos de conhecimentos reais. Nos processos educacionais os adultos possuem uma fonte de conhecimento que pode ser encontrada na combinação das experiências dos participantes. Este material pode ser explorado através de métodos experienciais, como discussões em grupo, simulações, aprendizagem baseada em problemas e discussão de casos (Teixeira, 2005).

Durante os fóruns de discussão e simulações de situações-problema, podíamos ouvir as suas experiências e deste modo tivemos a oportunidade de conhecê-los melhor, e constatamos que havia alunos que eram trabalhadores em fazendas, e outros que pretendiam empreender na área, e ainda alguns que estavam trabalhando para o fortalecimento da agricultura familiar. Apesar de termos trabalhado com jovens-adultos durante um certo período da nossa vida profissional, tivemos o maior contato com os adultos de idade mais avançada durante a experiência neste curso técnico em Agricultura.

A andragogia é a perspectiva pedagógica aplicada para esse grupo nos cursos do SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural). Segundo Muller (2013), fazem parte do sistema S instituições como SESI e SENAI, que são voltados para a área da indústria, SESC e SENAC, voltadas para a área do comércio, SENAR, voltada para a agricultura, entre outros. Dentro do Sistema S, o SENAR contribui para o fortalecimento das atividades do campo brasileiro. Os cursos oferecidos pela instituição são de formação profissional e promoção social, voltados para 300 ocupações no campo. Aperfeiçoamento de conhecimentos, habilidades e atitudes do homem e mulher do Brasil rural.

Outrossim é na simplicidade do campo, onde a tradição encontra a inovação, *bytes* no campo começam a florescer, cultivando conhecimento a distância. No curso técnico em agricultura, essa fusão entre o digital e o rural abriu novos horizontes, transformando campos e mentes. Neste sentido, coaduna-se com o que diz Lévy (1993) quando expões que o homem que condena a informática não ousaria em criticar a impressão e menos ainda a escrita. Isto porque a impressão e a escrita (ambas técnicas) o constituem demais para que ele pense em chamá-las de estrangeiras. A informática está presente nas fazendas, *tablets* e *smartphones* e tornam-se tão essenciais quanto enxadas e tratores.

Quando falamos em tecnologia para a área de agricultura, geralmente vem em mente as fazendas tecnológicas, onde há um significativo aporte financeiro. Mas o potencial da tecnologia é realmente impactante para os pequenos produtores também, pois ela facilita algumas atividades, na automação de processos que são cansativos para o ser humano, tendo em vista que facilita na organização das finanças e logísticas de maneira simplificada, a própria informática vem auxiliar nesse quesito, de forma que trazer a informatização para o campo o qual empreende um processo de democratização tecnológica. Não podemos esquecer que existem, ainda, latentes influências potencializadoras nos mecanismos de produção visando aumento da produtividade.

Lévy (1993) constrói uma alusão entre a agricultura e seu entendimento relacionado à instituição tecnológica do processo humano e evolutivo, informando que o surgimento da agricultura, elemento imprescindível daquilo a que chamamos de revolução neolítica, é também uma nova forma de se relacionar com o tempo, e pressupõe uma estrutura pensada a partir do tempo delimitado, todo um sistema de antecipação, uma conjectura sobre a previsão das estações do ano.

Para alguns, a tecnologia parecia uma invasão, algo que poderia despertar a ira de um ser mitológico, desrespeitando o equilíbrio natural. Entretanto, para os adultos-jovens, que eram mais abertos ao novo, representa uma ferramenta para continuar o legado de seus antepassados, com mais eficiência. Nós, professores, estávamos cientes dessas tensões. E assim como os seres mitológicos e lendários da floresta, devemos oferecer estratégias para zelar pela terra.

Desta maneira, a tecnologia sendo usada com sabedoria, pode proteger e melhorar a vida daqueles que estão no campo. Não se trata, então, de uma substituição do saber ancestral, mas da integração de novas formas de cuidar e cultivar a terra. A resistência inicial, especialmente entre os alunos mais velhos, começou a se dissolver à medida que viam como a tecnologia poderia facilitar as suas vidas sem violar a integridade da terra e de suas culturas.

A fim de abrir uma reflexão sobre a ação do homem na terra, Lacerda Junior (2016), explora a relação entre o ser humano e o ambiente, afirmando que a visão do meio ambiente como um espaço de exploração e produção de riquezas emerge da modernidade líquida no mundo capitalista, o qual degrada-o e abusa-o. O autor cita que o relatório de mudanças climáticas de 2014 já alertava sobre impactos que poderiam trazer como efeito o aquecimento global, o que incide diretamente sobre todas as circunstâncias da existência humana.

Portanto, é necessário pensar o ambiente como um organismo vivo, tratando a sustentabilidade como uma concepção que traga ao ser humano a compreensão da sua participação nessa complexa teia orgânica, que é a natureza (Lacerda Junior, 2016). A lenda do Mapinguari, que assombra e protege, transforma-se em um símbolo de respeito que devemos ter pela natureza e pelas tradições, mesmo quando abraçamos as inovações tecnológicas. Com paciência e sensibilidade, construímos uma ponte entre esses dois mundos, mostrando que o futuro pode ser cultivado com raízes profundas na sabedoria, mas que árvores só surgirão de sementes caídas das copas.

O futuro da EPT está intrinsecamente ligado à inovação, inclusão e adaptação às demandas do mundo atual. Assim, no curso técnico em agricultura, *bytes* no campo não são apenas uma realidade, são uma revolução, uma visão inovadora, utilizando dados, inteligência artificial e automação como ferramentas para transformar a agricultura em uma prática mais eficiente e sustentável. Ao cultivar o conhecimento à distância, capacitamos uma nova geração de agricultores, mais preparados para enfrentar os desafios do futuro com ética, sabedoria e inovação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória apresentada até então remete a reflexão da EPT como processo de construção que parte do sujeito que se apropria a partir das inúmeras interfaces pautadas na existência, e traz o princípio fundamental do trabalho como um processo humanizador. Observou-se até aqui que o artigo possui algumas lacunas que podem ser investigadas extensivamente. A experiência voltada às mulheres é uma delas, em especial a questão da presença feminina na área da tecnologia, de modo que a inquietação em torno do tema desperta o anseio de aprofundá-lo em pesquisas futuras.

Diante disso admite-se que educação exerce um papel fundamental na superação de marcadores de desigualdade como classe, gênero e raça. Argumenta-se, todavia, que o sistema educacional traz influência significativa na manutenção das relações de dominação e exploração ainda existentes na nossa sociedade. O atravessamento destes temas é requisito para uma sociedade igualitária, e as gerações que advogam em prol destas mudanças são frutos da sua própria historicidade.

A história da educação profissional no Brasil, formou-se com vistas no desenvolvimento econômico, social, profissional e humano, posto que até hoje responde a demandas específicas e a necessidades diversas do interesse comercial, industrial e político da nossa sociedade. Ao relacionarmos os desafios da formação humana integral com a educação profissional, resgatamos os fundamentos da pedagogia socialista, a partir da qual, pautada na concepção ontológica materialista, propõe o rompimento das ontologias relativas à burguesia empiricista.

Através das literaturas relacionadas ao ensino profissional e tecnológico inseridos na questão da formação humana, compreende-se que é através das circunstâncias que o homem se forma, portanto, um ser social. Nossa sociedade é resultado de um processo histórico marcado pela divisão de classes que causam desigualdades. Como consequência, a classe trabalhadora é submetida ao domínio e a exploração por parte dos meios de produção, pelas indústrias, pelo comércio e pelo sistema capitalista na sua totalidade.

O modo de produção demandado por este modelo econômico nasce das instituições e das concepções dominantes. A história dos homens é uma construção própria, entretanto ela não nasce em circunstâncias de liberdade. A ausência de liberdade gera, assim, a luta histórica em defesa da dignidade, da justiça e de direitos para a classe trabalhadora ora oprimida e explorada ora traída pela falsa promessa de ascensão social através do discurso meritocrático, por exemplo.

O trabalho como princípio educativo é o preceito pelo qual o homem se torna homem. Logo, o trabalho é essa força transformadora, criadora do mundo ao seu redor. Este é o caminho pelo qual o homem desvenda os mistérios da natureza e desenvolve tecnologias para o seu usufruto. O indivíduo se apropria do ecossistema de onde ele retira a matéria-prima para a produção dos bens que trazem a ele alimento, tecnologia, saúde, moradia, entre tantas outras necessidades para a sua existência e permanência. O trabalho, como propósito primário, surge como uma resposta às necessidades vitais do ser humano. Todavia, o trabalho não deve ser o propósito final da existência.

Em suma, a educação é um dos mais significativos pilares que possibilitam a expansão do homem em si mesmo e por entre a natureza. Por meio dessa libertação, dentro de uma proposta pedagógica da autonomia e do respeito, é que o humano pode expandir-se. Portanto, na profissionalização o domínio sobre a técnica não deve sobrepor a essência do indivíduo, por este motivo é imperial que os educadores do ensino

profissional compreendam que a educação ultrapassa a mera formação para o trabalho, mas também, e principalmente, forma o homem.

REFERÊNCIAS

- [1] BOURDIEU, Pierre. **A doutrinação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Tradução Maria Helena Kuhner- 23 ed - Rio de Janeiro: Difel, 2024.
- [2] CHOMSKY, Noam. **Knowledge of language: its nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986.
- [3] CHOMSKY, Noam. **Sobre natureza e linguagem**. São Paulo: WMF Martins Fontes - POD; 1ª edição, 2019.
- [4] CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino industrial-manufatureiro no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 14, p. 89-107, ago. 2000.
- [5] DONNINI, Livia; PLATERO, Luciana; WEIGEL, Adriana. **Ensino de Língua Inglesa**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- [6] DU SAGRADO, Paulinho. **Yara**. Pará: A.F.C.R Tribo Muirapinima : 2017. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/tribo-muirapinima/yara/> > Acesso em 12, out. 2024.
- [7] FAGIANI, Gilson César. et al. **Trabalho e educação profissional no Brasil**. [p.203 - 218] A educação profissional no Brasil. Org. Eraldo Leme Batista e Meire Terezinha Muller - Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.
- [8] FAVRETTO, Juliana; MORETTO, Cleide Fátima. **Os cursos superiores de tecnologia no contexto de expansão da educação superior no brasil: a retomada da ênfase na educação profissional**. Educ. Soc., Campinas, v. 34, n. 123, p. 407-424, abr.-jun. 2013
- [9] FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 3-6. Disponível em:< https://issuu.com/pesquisaalbmemoarias/docs/3__cole_-_resumos > Acesso em: 12 set. 2024.
- [10] FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- [11] HUME, David. **Investigação sobre o entendimento humano**; tradução André Campos Mesquita. São Paulo: Escala Educacional, 2006.
- [12] LACERDA JUNIOR, José Cavalcante; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. **A relação ser humano-ambiente: por uma relação sustentável**. In: Anais do SICASA e ANPPAS Amazônia. Manaus (AM) UFAM/ANPPAS, 2016. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/IVSICASA/32911-A-RELACAO-SER-HUMANO-AMBIENTE--POR-UMA-RELACAO-SUSTENTAVEL>> Acesso em: 14/09/2024
- [13] LATINI, Murilo; JACOBINA. **Uirapuru**. São Paulo: Galeão: 2014. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/pena-branca-e-xavantinho/751731/> > Acesso em 12, out. 2024.
- [14] LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- [15] LIMA, Diógenes Cândido de. **Ensino e aprendizagem em língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- [16] MARQUES, Alírio. **Pedra Pintada**. Itacoatiara: 2021. Disponível em <<https://www.vagalume.com.br/alirio-marques/pedra-pintada.html> > Acesso em 12, out. 2024.
- [17] MATTAR, João; RAMOS, Karine Daniela. **Metodologia da pesquisa em educação**. 1.ed. - São Paulo: Edições 70, 2021.
- [18] MULLER, Meire Terezinha. **A Educação profissionalizante no Brasil e no SENAI**. [p.85 - 121] In: A educação profissional no Brasil. Org. Eraldo Leme Batista e Meire Terezinha Muller - Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.
- [19] PATTON, Michael Quinn. **Qualitative research and evaluation methods: integrating theory and practice**. 4. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2015.
- [20] SAVIANI, Demerval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

- [21] SENAC. **Departamento Regional do Piauí**. Projeto Político Pedagógico. Teresina: Senac, 2020.
- [22] SILVA, Fernanda Lays Oliveira Ribeiro da. **Bela, recatada e do lar por interesse? Não, por imposição social: Atraindo o Olhar de Jovens Mulheres Para Ciências e Tecnologia**. 2021.
- [23] TEIXEIRA, Gilberto. **Andragogia: a aprendizagem nos adultos**. FEA/USP, 2005. Disponível em <<https://portalidea.com.br/cursos/d99fbe0d806094bf2aec45217e4265fc.pdf>> Acesso em: 12, out. 2024.
- [24] TELES, Rosinda; RODRIGUES, Paulo Roberto. **Mapinguari**. Manacapuru: 2000. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/ guerreiros-mura/mapinguari/>> Acesso em 12, out. 2024.

Construindo memórias e realizando sonhos na educação profissional e tecnológica - EPT

Maria Rogéria da Silva Mesquita¹, José Lacerda Cavalcante Junior²

1. INTRODUÇÃO

Relembrando minha origem humilde, vivenciada no sertão cearense, vem à memória a casinha simples de taipa com paredes de barro e cobertura de palha que por muito tempo abrigou minha família. Lembranças de uma infância simples e cheia de sonhos, onde já existia o desejo de descobrir o mundo através da educação, presente em meu cotidiano na figura de minha mãe que era professora do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), alfabetizando os agricultores do cultivo de algodão da serra em que morávamos. Nesse contexto, Paulo Freire apresenta uma proposta corajosa de alfabetização de adultos, com o intuito de despertar a consciência crítica e transformar a realidade em que vivem, como destaca Santos (2014).

Resgatar minha história, através desta narrativa autobiográfica remete a um trecho da canção *Tocando em frente* de Almir Sater (1990), que diz: “Cada um de nós compõe a sua história, cada ser em si carrega o dom de ser capaz, e ser feliz”, reavivando em mim um sentimento de alegria e orgulho da história que venho construindo, composta por muitos desafios, porém sempre acreditando no dom de ser feliz, tendo como motivação a ação pedagógica de minha mãe como alfabetizadora de jovens e adultos agricultores.

Nesse contexto alfabetizador, vivenciado em uma sala de chão batido, observava no semblante e no olhar daquelas pessoas o encantamento ao descobrir o mundo através da leitura. Encantamento que passei a compreender anos depois na graduação, a partir do primeiro contato com as leituras do grande educador Paulo Freire, que destaca a importância do verbo esperar, conjugado no sentido de busca, de concretização de sonhos, de luta pela garantia do direito de acesso ao conhecimento e a oportunidade de ler e interpretar o mundo, reavivando a esperança de uma vida mais digna.

Era nítido a presença do verbo esperar na vida daquelas pessoas, não a esperança de esperar, mas de ir em busca do conhecimento e de algo melhor para suas vidas. Pessoas que passavam o dia na lavoura e a noite ainda tinha disposição para estudar, aprender mesmo que fosse o básico como escrever e conhecer as letras, mas eles estavam ali, ansiosos por novas descobertas, queriam conhecer o mundo através daquela oportunidade de se alfabetizar.

Preocupado com o futuro dos filhos, pois não havia escola regular na região, meu pai resolveu se aventurar pelo Amazonas em busca de um futuro melhor para sua família. E assim, no início dos anos 80, chegamos a Manaus, trazendo na bagagem muitos sonhos,

¹ Mestranda do Programa de pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT).

² Doutor em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia- IFAM.

esperança e o desejo de uma vida mais digna. Toda essa trajetória junto com minha família despertou em mim o encanto pela educação, que desde muito cedo pude entender que era a via mais segura para uma mudança de vida.

Diante dessa trajetória, escolhi o magistério como profissão e vocação. Iniciei minha caminhada na docência ainda quando cursava o Ensino Médio Técnico em Magistério no Instituto de Educação do Amazonas (IEA). Finalizado o Ensino Médio, iniciei a docência como professora de Educação Infantil no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, uma escola tradicional e religiosa, administrada pela congregação das Filhas de Maria Auxiliadora (Irmãs Salesianas), que contribuiu para a formação de muitas mulheres influentes da cidade de Manaus.

Durante a transição do Ensino Médio para a Graduação, destaco a obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, uma das obras literárias indicadas para a seleção do vestibular macro da antiga Universidade do Amazonas (UA), hoje Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como uma leitura que marcou minha vida. A leitura dessa obra me fez relembrar toda a trajetória da minha família saindo do sertão do Ceará para Manaus. Apesar da pouca idade, lembro com muita clareza de todo percurso que minha mãe fez com cinco crianças para chegar até Manaus.

Chegar em Manaus foi uma grande aventura, e acima de tudo um ato de extrema coragem de minha mãe que enfrentou um longo percurso sozinha com suas crianças, percurso esse que incluiu muitas horas de ônibus até Fortaleza, outras horas também de ônibus de Fortaleza a Belém e muitos dias de navio saindo de Belém com destino a Manaus. Retomar essas memórias aumenta ainda mais o orgulho e admiração por meus pais que não mediram esforços para garantir um futuro mais digno para nossa família.

A graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) veio como a confirmação da minha escolha, proporcionando quatro anos de muito aprendizado, contato com leituras e vivências que foram essenciais para minha formação acadêmica e profissional. O fato de já estar atuando como professora no período da graduação, foi essencial para relacionar a teoria com a prática da sala de aula, objetivando aperfeiçoá-la cada vez mais com o intuito de oportunizar uma aprendizagem significativa aos estudantes. Foi um longo caminho na docência tanto na rede privada quanto pública de ensino como educadora, colaborando para minha formação profissional e pessoal, e nessa trajetória descobri o amor pelo ato de ensinar, reafirmando minha escolha e aumentando a certeza de que sou muito feliz e grata pelas experiências vividas na educação básica.

Minha vida profissional encontrou um novo sentido ao deparar-me com a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no ano de 2019, através do ingresso no Centro de Educação Profissional e Tecnológica do Amazonas (CETAM), tornando-se um grande desafio e ao mesmo tempo a descoberta maravilhosa do mundo da EPT, despertando em mim um intenso sentimento de alegria e pertença a essa instituição que desenvolve um relevante trabalho em todo o Estado do Amazonas.

A trajetória no CETAM nesses quase seis anos de atuação, despertou em mim o desejo de conhecer mais a EPT, aprofundar os estudos nessa área e mergulhar no universo da qualificação para o mundo do trabalho e a formação humana integral dos sujeitos. Portanto, o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do IFAM-PROFEPT, apareceu como a oportunidade que eu esperava para ampliar os conhecimentos e avançar em minha formação profissional. Foram quatro tentativas até

conseguir ser aprovada na seleção do PROFEPT 2024, que para mim foi a realização de um sonho.

Este artigo foi escrito sob a orientação do Prof. Dr. José Lacerda Cavalcante Junior, parceria que reverbera uma polifonia na escrita do texto e tem por finalidade articular minha trajetória de vida com a prática docente na Educação Profissional e Tecnológica, suscitando reflexões que permitiram o resgate de minhas memórias de vida e todo o percurso trilhado até chegar ao primeiro contato com a EPT. Através da metodologia de narrativas autobiográficas, foi possível fazer esse resgate e destacar a relevância da atuação no CETAM enquanto instituição pública promotora de qualificação profissional no Estado do Amazonas.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste artigo será narrativas autobiográficas que segundo (Machado; Vieira, 2021), possibilita a mobilização dos conhecimentos e valores da pessoa, proporcionando o diálogo para a construção de si mesmo. Essa metodologia apresenta a proposta de revisitação das memórias mais profundas do participante, resgatando momentos que despertam diversos sentimentos e auxiliam na construção do indivíduo e no olhar que possui de si mesmo como pessoa e profissional que está em constante formação. A ação de narrar as experiências remete à recordações (Josso, 2010), permitindo novos significados atribuídos às experiências vivenciadas em diferentes momento da vida, trazendo novos aprendizados.

As Narrativas autobiográficas destacam as vivências e memórias da docente nesse processo de construção do percurso rumo à Educação Profissional e Tecnológica que de acordo com (Santos; Garms, 2014), são relevantes no processo de avaliação das experiências de vida que deram base para a formação profissional. O educador não pode descartar suas experiências ao longo da vida, pois as mesmas serviram de incentivo e motivação para a construção do seu processo formativo na docência na EPT.

A partir das narrativas autobiográficas o autor e espectador são a mesma pessoa, proporcionando assim reflexões que possibilitam o autoconhecimento para reelaborar e organizar questões internas com o intuito de fortalecer a autoconfiança, autonomia e a certeza de que cada sujeito é protagonista de sua própria história (Marques; Satriano, 2017). Nesse sentido, o artigo apresenta tópicos relevantes que marcaram minha trajetória até o encontro com a EPT.

O percurso metodológico desenvolvido neste artigo destaca inicialmente o relato de experiência vivenciado na atuação pedagógica através do acompanhamento de cursos de qualificação profissional na cidade de Manaus, evidenciando os benefícios que os mesmos oportunizam na vida dos estudantes através da inserção no mundo do trabalho e na geração de renda própria. Em seguida, apresenta-se o impacto positivo dos cursos técnicos de nível médio, na forma subsequente, ofertados nos municípios do Estado.

O último tópico destaca a importância da formação profissional em EPT, através oportunidade de cursar um Mestrado Profissional que amplia e aprofunda os conhecimentos, garantido uma atuação mais crítica e consciente em EPT. Ressaltando que os mestrados profissionais devem estimular a relação indissociável entre teoria e prática, como destaca Leite (2017).

2. A QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL COMO OPORTUNIDADE DE MUDANÇA DE VIDA

O início do trabalho no CETAM foi complicado por não conhecer a Educação profissional e tecnológica, pois até então atuamos como professora das séries iniciais do Ensino Fundamental. A função de pedagoga necessita de conhecimentos na área educacional para acompanhar e orientar os processos dos cursos, orientar os professores e resolver as situações que surgem nas turmas. A equipe de pedagogos que entrou na instituição se uniu para juntos buscamos conhecer mais sobre a instituição e a EPT como modalidade educacional que percorre todos os níveis da educação, integrando as dimensões do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia (Brasil, 2021)

Atuamos como pedagoga na coordenação de Cursos de Qualificação Profissional ofertados na capital através de diversos projetos. Nesse setor, aprendemos muito acompanhando mais de perto o Projeto Terceiro Setor, coordenando os cursos de qualificação a partir da parceria entre a instituição e as organizações sociais, dentre elas igrejas, institutos, associações de moradores, clube de mães e várias outras instituições em diversos ambientes da cidade de Manaus. Foi uma experiência extremamente enriquecedora em nossa vida profissional, a partir dela tivemos a oportunidade de conhecer melhor a Educação Profissional e Tecnológica e o impacto positivo que causa na vida das pessoas, proporcionando aprendizagem necessária para a inserção no mundo do trabalho (Brasil, 2021).

O projeto CETAM no Terceiro Setor necessitava ser coordenado por mais de uma pessoa devido às altas demandas solicitadas pelas organizações sociais, por isso assumi a coordenação juntamente com uma colega que já era servidora da casa. Fiquei feliz em assumir esse trabalho, pois sempre fui envolvida em comunidade, paróquias e movimentos sociais, então vi ali a possibilidade de continuar ajudando as pessoas, principalmente no que se refere a qualificação profissional para acesso ao mundo do trabalho e geração de renda para o sustento de suas famílias.

A partir dessa experiência, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais o trabalho desenvolvido pela instituição na oferta de educação profissional, observando o alcance social, a mudança de vida e as oportunidades que surgem a partir dos cursos executados. Na cidade de Manaus e em todo o interior do estado do Amazonas temos profissionais que tiveram sua formação profissional através do CETAM, profissionais de todas as áreas que hoje fazem a diferença nos ambientes em que atuam.

Um episódio marcante durante esse tempo coordenação do projeto foi o acompanhamento a uma turma de pessoas em situação de rua que são atendidas por uma instituição ligada à igreja católica chamada Nova e Eterna Aliança. Eles têm um espaço no centro da cidade de Manaus onde oferecem refeições a essas pessoas, oferecem armários para que eles guardem seus pertences e todo suporte psicológico, espiritual e social através de uma equipe que atende de forma voluntária. Através da parceria realizada entre a instituição e o CETAM, tivemos a oportunidade de oferecer vários cursos àquelas pessoas e hoje muitas delas já saíram das ruas e montaram seu próprio negócio que gera renda para sua sobrevivência. Foi muito gratificante realizar esse trabalho.

Através do projeto Soldado Cidadão, uma parceria entre as forças armadas e o CETAM, atuamos na coordenação de cursos que visa ofertar qualificação profissional aos recrutas da marinha, aeronáutica e exército, preparando-os para uma profissão que garanta a geração de renda ou a atuação no mundo do trabalho, após o período de serviço militar. Nesse projeto, foi possível de perto o cotidiano dos jovens militares que se empenharam bastante para conciliar os momentos de estudo nos cursos de qualificação

com as atividades do quartel (Brasil, 2022).

A experiência com a qualificação profissional oportunizou muitos momentos de aprendizado, através do contato com pessoas de todas as idades que buscam uma oportunidade de recomeçar e buscar uma vida mais digna. Destacamos o atendimento de muitos venezuelanos, através de parceria com instituições de acolhida dos mesmos na cidade de Manaus, pessoas totalmente destruídas emocionalmente, precisando de todo tipo de apoio emocional, espiritual e social.

Os cursos de qualificação profissional serviram como um alento e uma esperança aos corações despedaçados pela perda de sua pátria, seu lar e suas famílias, pessoas que precisavam de apoio para fortalecer a esperança e recomeçar, características próprias da qualificação profissional, destacadas no artigo 80 do Regimento Interno do CETAM (Amazonas, 2020), como um processo de ensino e aprendizagem voltado à formação de estudantes e trabalhadores através da oferta de cursos de capacitação, qualificação, aperfeiçoamento e especialização integrados aos projetos e programas destinados a sua inserção ou reinserção no mundo do trabalho.

A qualificação profissional é um momento importante na formação inicial e continuada dos sujeitos, garantindo aos mesmos a oportunidade de desenvolvimento das habilidades necessárias para atuação em diversas áreas no mundo do trabalho, oportunizando crescimento na vida profissional e pessoal. Os cursos oferecidos possuem uma carga horária variada que permite aos estudantes traçar um itinerário formativo que permita uma ampla formação dentro da área escolhida, e isso facilita o acesso ao mundo do trabalho. Porém o que se busca não é somente preparar para o trabalho e sim oferecer uma formação politécnica, que tenha como foco o trabalho como princípio educativo, no sentido de superar a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual como defendido por Ciavatta (2014).

3. A FORMAÇÃO TÉCNICA NOS MUNICÍPIOS DO ESTADO DO AMAZONAS

Atuando na coordenação de Cursos Técnicos de Nível Médio do interior, como Analista Técnico Pedagógica, realizamos as funções pedagógicas do setor e colaboramos com o desenvolvimento do trabalho dos coordenadores de cursos técnicos, através da orientação e análises de planejamentos e avaliações, formação pedagógica dos docentes, colaboração na elaboração de documentos da instituição, dentre outras atividades. Referente à formação de professores em EPT, Maldaner (2017), destaca que o educador de EPT é um profissional que sabe o que, como e porque fazer, dentro de sua área de formação e, por não possuir licenciatura, aprendeu a ensinar no convívio da sala de aula, por isso necessita de acompanhamento e formação para ampliar os conhecimentos e aprimorar suas ações.

No setor de formação técnica, foi possível compreender o alcance do trabalho realizado pelo CETAM como Instituição Estadual de Educação Profissional e Tecnológica, atendendo todo o Amazonas através da oferta de diversos Cursos Técnicos e Especializações Técnicas, que garantem aos municípios a formação de profissionais para colaborar com o desenvolvimento local, destacando a missão do CETAM que é promover, no Estado do Amazonas, a Educação Profissional e Tecnológica, por meio do ensino e inovação tecnológica, articulada às políticas públicas governamentais de geração de emprego e renda, visando ao desenvolvimento humano e regional (Amazonas, 2020).

O trabalho desenvolvido pela equipe de formação técnica da qual fazemos parte é fundamental para o andamento dos cursos nos municípios, uma experiência incrível que realizamos com muito empenho e dedicação com o objetivo de proporcionar aos estudantes a oportunidade de formação humana e integral. Todo esse acompanhamento pedagógico junto aos docentes e estudantes de Cursos Técnicos de Nível Médio e Especialização Técnica geram uma identificação e entusiasmo pela educação profissional e Tecnológica- EPT, reafirmando o desejo em continuar investindo em conhecimento nessa área da educação.

Apesar da identificação com o trabalho desenvolvido pela instituição, sou consciente de que ainda precisamos avançar muito na promoção da formação humana integral dos estudantes. Dessa forma, estaremos contribuindo para garantir aos estudantes o direito a uma formação integral que proporcione a efetiva atuação na sociedade, como destaca Ciavatta (2014), oportunizando o desenvolvimento de habilidades que os prepare não somente para a formação técnica que irá atender as necessidades do mundo do trabalho.

Nesse contexto, compreende-se que é por através do trabalho que o sujeito se socializa, produz sua existência e constitui sua identidade Sousa e Silva, (2019). Portanto, faz-se necessário a possibilidade de uma formação que prepare o indivíduo para a vida, atuando de forma crítica e consciente em todos os ambientes sociais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A atuação na coordenação de cursos, responsável pela demanda de sete municípios do entorno da capital, possibilitou acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem das turmas de diferentes cursos técnicos nos municípios de Iranduba, Novo Airão, Rio Preto da Eva, Coari, Codajás, Manaquiri e Manacapuru. Experiência que reafirma nossa escolha pela educação profissional e o desejo em contribuir com a formação humana integral dos estudantes que passam pela instituição, que estão nos lugares mais distantes, onde as oportunidades demoram a aparecer, locais onde o CETAM atua como um ponto de esperança de uma vida melhor por muitas vezes ser uma das únicas opções de formação no município.

Nessa jornada, descobrimos a cada dia a importância da instituição no desenvolvimento econômico, político e social nos municípios do Estado do Amazonas, proporcionando formação não somente profissional, mas uma formação humana integral que desenvolve o indivíduo em suas amplas capacidades para atuar na sociedade de forma crítica e consciente de seu papel como cidadão, respeitando os valores éticos, estéticos e políticos com a finalidade de desenvolvimento pleno do estudante e sua preparação para o exercício da cidadania e a atuação no mundo do trabalho, como destacado na resolução 01/2021 (Brasil, 2021) como um dos princípios da EPT.

A Educação profissional e tecnológica possui a função de desenvolver a pessoa de forma plena, integral, preparando-a para exercer seu papel social como cidadão que se reconhece enquanto parte do processo social e está disposto a agir de forma crítica e consciente. Atuando como agente transformador do contexto social em que está inserido. Dessa forma, a EPT apresenta uma função crucial nesse processo de construção e reconstrução social, garantindo a formação humana integral que prepara o sujeito em todas dimensões: intelectual, social, física (Brasil, 2021).

A coordenação de cursos técnicos de nível médio, demonstra a importância da experiência adquirida em sala de aula e a contribuição com a função pedagógica. Essa experiência contribuiu para o desenvolvimento do trabalho que realizamos hoje junto à

equipe de coordenação dos cursos técnicos do interior do Estado, um trabalho realizado de forma consciente e segura, colaborando com o trabalho do professor para que a aprendizagem do estudante aconteça de forma significativa. Ainda há muito o que aprender sobre EPT, porém a entrada no mestrado PROFEPT foi o primeiro passo para a descoberta de que a formação humana integral é o caminho necessário para a construção de uma sociedade melhor.

A trajetória de seis anos na educação profissional e tecnológica no CETAM mostrou um novo sentido para continuar na educação. A angústia que sentida nos últimos anos, era causada pelo anseio de visualizar a educação por outro ângulo. E essa angústia foi amenizada através do contato com a EPT. Acreditamos que a Educação profissional e tecnológica resgata vidas e faz o coração vibrar de uma forma diferente. A alegria sentida na realização do trabalho desperta o desejo em aprender mais e fazer a EPT acontecer de forma mais efetiva e humana na instituição.

Nossa ação ainda está muito voltada para atender as demandas e necessidades do mercado de trabalho, sendo que a finalidade da educação profissional vai além disso. A educação profissional e tecnológica visa desenvolver o indivíduo em suas amplas capacidades, proporcionando uma formação humana integral, preparando-o para atuar em todos os espaços da sociedade. Dessa forma, defendemos a formação humana do sujeito, buscando o homem como um ser desenvolvido integralmente que deve se sentir completo a partir de sua convivência na sociedade e no trabalho (Manacorda,1990).

Acreditamos nas mudanças que a educação proporciona, é notório que já avançamos bastante no que se refere a ampliação de oferta de cursos e oportunidades de qualificação profissional, porém é necessário uma formação mais efetiva dos nossos docentes para que eles conheçam melhor e defendam a EPT como um segmento da educação necessário para a formação politécnica que de acordo com Silva e Salazar (2020), possibilita o diálogo entre trabalho intelectual e trabalho manual, a interdisciplinaridade, a integração entre ambos, possibilitando formar os indivíduos em várias dimensões.

Nessa perspectiva, entendo que a atuação como pedagoga da Educação Profissional e Tecnológica possui grande relevância no contexto da formação humana integral pela oportunidade de contribuir com a formação docente, profissionais que estão diretamente envolvidos com os estudantes no dia a dia da sala de aula, fazendo o processo educativo acontecer. Processo no qual o educador torna-se consciente de seu papel, construído a partir da totalidade social em que está inserido e da formação inicial e continuada. (Moura, 2014).

4. O MESTRADO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA- PROFEPT

O Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) passou a ser um desejo desde que tivemos contato com a EPT em 2019. Em 2020 foi efetivada a inscrição para a seleção, porém não houve a realização da avaliação presencial devido a pandemia da covid 19, porém a seleção foi realizada através da análise curricular, infelizmente sem sucesso. Os critérios de avaliação para a seleção estavam muito além da minha formação, solicitando documentos comprobatórios de ações que até então não tinha em meu currículo profissional.

Nos anos seguintes, 2021 e 2022, também tentamos entrar através da análise curricular por ainda não estar liberado as avaliações presenciais por conta da pandemia. Mais uma vez a aprovação não foi alcançada, fato que gerou muita frustração, pois desejávamos muito entrar nesse mestrado. Continuamos estudando e finalmente no ano de 2023, realizamos a prova presencial, ficando em oitava colocação com diferença de alguns décimos da sétima colocada que era a última vaga da ampla concorrência. Foi uma experiência frustrante, pois estávamos com uma grande certeza que tínhamos realizado uma boa prova e conferindo o resultado percebemos que nota estava muito boa.

Mesmo com esse histórico de reprovações, não desistimos e continuamos estudando para a seleção de 2024. Passamos o mês de janeiro estudando, as férias se resumiram a preparação para a avaliação do PROFEPT. E valeu muito a pena porque dessa vez conseguimos. O sentimento era de felicidade e ansiedade para entrar e conhecer os colegas e os professores. No momento em que saiu a relação dos aprovados, sentimos alegria e ao mesmo tempo um orgulho muito grande da minha trajetória percorrida até aqui, sempre com muita dedicação e persistência.

Diante desses momentos de conquista, é impossível não lembrar da coragem de um pai, um agricultor analfabeto que se alfabetizou muitos anos depois pela Educação de Jovens e Adultos, e que não queria que os filhos passassem pelas mesmas necessidades que ele. Sim, ele foi visionário, buscou uma vida mais digna através do acesso à educação para seus filhos e mesmo passando por dificuldades, sempre se manteve firme para tentar alcançar seus objetivos. Diante da resiliência e persistência de meu querido pai, lembro do trecho da canção Tente outra vez de Raul Seixas (1975), que diz: “Veja, não diga que a canção está perdida. Tenha fé em Deus, tenha fé na vida, tente outra vez.”

Quando se tem um propósito e uma meta a alcançar, é necessário tentar e recomeçar quantas vezes forem necessárias. Diante dessas experiências, valorizamos cada conquista, cada degrau e cada passo dado na caminhada até aqui, pois sabemos os obstáculos que tivemos que enfrentar para conquistar espaço almejado, lutando contra as limitações e tentando provar a cada dia que era capaz, sempre buscando reafirmar os sonhos, objetivos e metas em busca do conhecimento e, por consequência, uma vida mais digna, próspera e feliz.

Integrar a turma do PROFEPT 2024 está sendo uma experiência maravilhosa, hoje temos certeza que valeu a pena esperar para entrar, o momento é agora porque a turma é maravilhosa. Está sendo incrível conviver com os professores e os colegas. A cada leitura, a cada discussão, cada apresentação aumenta a sintonia entre nós e também a certeza da escolha do mestrado certo para estudar, a cada semana de aula nos identificamos e nos conectamos enquanto turma que se une em prol do mesmo ideal. Reconhecemos que não está sendo fácil conciliar os estudos com a rotina de trabalho em três turnos, está sendo um processo desafiador, porém gratificante e cheio de aprendizado.

É necessário continuar acreditando que é possível conquistar a realização dos sonhos e sempre confiar em si mesmo, como diz o trecho da música mais uma vez, de Legião Urbana (1986) “Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena acreditar no sonho que se tem. Ou que seus planos nunca vão dar certo, ou que você nunca vai ser alguém. Confie em si mesmo, quem acredita, sempre alcança”. Nesse percurso de trajetória de vida, aprendemos que somos responsáveis por nossas escolhas e que independente das opiniões externas, precisamos continuar acreditando e lutando por nossos sonhos.

Os conhecimentos adquiridos no mestrado PROFEPT tem sido de grande relevância para o aprimoramento da prática profissional na instituição em que atuamos, ampliando o olhar para o desenvolvimento de uma formação mais humana para nossos estudantes. Reafirmando a escolha pela EPT, descobrimos a cada dia que é nessa educação que acreditamos e desejamos muito fazer parte dessa mudança, mudança de paradigma, mudança de olhar e mudança de postura diante da formação para o mundo do trabalho e para a transformação social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória observada nesta narrativa é marcada muitos tropeços, desafios e incertezas, porém o sentimento é de orgulho pelo caminho trilhado que trouxe muito aprendizado, vitórias e alegrias vivenciadas no ambiente escolar, na dinâmica acelerada entre muitos conflitos e situações que somente a escola possui. No entanto, um ambiente cheio de vida, que vibra alegria, sonhos e conhecimentos compartilhados. Uma experiência enriquecedora.

Na certeza de que o conhecimento é uma construção, reconhecemos que ainda há muito o que aprender nesse processo, mas saber que a caminhada foi iniciada traz a sensação de alegria, orgulho e vitória. Foi necessário passar por todo o processo de construção da identidade docente, desde a educação infantil, passando pelo ensino fundamental até chegar à educação profissional e tecnológica para que fosse possível a confirmação da escolha pela docência, pela educação.

A experiência como educadora nos prepara para enfrentar os diversos desafios que a profissão nos impõe tornando-nos mais fortes e determinados, conscientes de nosso papel social. Essa experiência tem sido fundamental para nossa atuação na EPT, pois a vivência da sala de aula, a dinâmica da escola e o direcionamento das situações fazem parte da função do pedagogo, porém é um processo contínuo de aprendizado. Cada experiência na educação traz um aprendizado diferente, são situações que nos desafiam a tomar decisões de forma segura e consciente, assim como gerenciar os conflitos que surgem no contexto escolar, seja nas relações entre professores e alunos e também entre os servidores da instituição.

Atuar em uma instituição de EPT possibilita visualizar a educação de uma forma mais ampliada, entendendo o alcance das ações realizadas nos diferentes ambientes que ofertam a qualificação profissional, gerando oportunidades que fazem a diferença na vida das pessoas. A qualificação profissional, entendida como formação inicial, garante ao estudante organizar seu itinerário formativo, visto que os cursos possuem menor carga horária, possibilitando a continuidade em sua formação.

Nesse contexto, destaca-se a função do coordenador pedagógico como o profissional que muitas vezes exerce várias funções, além das pedagógicas. É um profissional multifacetado, capaz de contribuir com uma educação de qualidade para os estudantes. Suas ações são realizadas em contexto educacional, e, portanto, sua missão final é contribuir com a formação de pessoas.

Apesar dos avanços significativos na instituição de ensino em que atuamos, observa-se ainda que a oferta do ensino técnico está voltada para suprir as demandas do mercado de trabalho. Ainda há um longo caminho a percorrer para que, de fato, a formação humana integral dos estudantes seja prioridade, entendendo que não estamos

formando somente o profissional para executar um trabalho, mas um ser que necessita se desenvolver em todas as dimensões.

Acreditamos na educação que transforma, que desperta sonhos e esperança nas pessoas, que empodera e emancipa o homem como sujeito de sua história e agente de transformação social. Sujeito que atua de forma consciente, crítica e criativa no contexto em que está inserido, e fazer parte desse movimento é muito gratificante, traz a sensação de que como pessoa e como profissional, temos um papel importante nessa caminhada rumo a tão sonhada e desejada formação humana integral para todos.

REFERÊNCIAS

- [1] AMAZONAS. **Regimento Interno do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas- Cetam**. Manaus, 2020.
- [2] AMAZONAS. **Diretrizes Pedagógicas do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas- Cetam**. Manaus, 2020.
- [3] BRASIL. MEC. **Resolução CNE/CP Nº 1, DE 5 DE JANEIRO DE 2021**. Brasília, 2021.
- [4] BRASIL. **PORTARIA GM-MD Nº 3.684, DE 5 DE JULHO DE 2022**. dispõe sobre o Projeto Soldado Cidadão que operacionaliza as ações da Atividade 6557 - Formação Cívico-Profissional de Jovens em Serviço Militar (Soldado Cidadão).
- [5] CIAVATTA, Maria. **O Ensino Integrado, a Politecnia e a Educação Omnilateral. Por Que Lutamos?** Trabalho & Educação, Belo Horizonte, 2014.
- [6] JOSSO, M. C. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- [7] LEITE, Priscila de Souza Chisté. **Contribuições do materialismo histórico-dialético para as pesquisas em Mestrados Profissionais na área de ensino de humanidades**. >>Atas CIAIQ2017 >>Investigação Qualitativa em Educação//Investigación Cualitativa en Educación//Volume 1 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, Brasil, 2017.
- [8] MACHADO, Mércia Freire Rocha; VIEIRA, Roberta Valeska Santana. **Trajetória de vida docente e sua contribuição para a docência na educação profissional e tecnológica**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 21, n. 71, p. 1629-1652, out./dez. 2021.
- [9] MARQUES, Valéria; SATTRIANO, Cecília. **Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa**. Linhas Críticas, Brasília, DF, v.23, n.51, p. 369-386, jun. 2017 a set. 2017.
- [10] MALDANER, Jair José. **A formação docente para a educação profissional e tecnológica: Breve caracterização do debate**. IFTO, Campus Palmas. Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica V.2 Nº13 (2017).
- [11] MANACORDA, Mário Alighieri. **O princípio educativo em Gramsci**. Porto Alegre: Artmed, 1990.
- [12] MOURA, Dante Henrique. **Trabalho e Formação Docente na Educação Profissional**. 1ª ed. Coleção Formação pedagógica. IFPR-EAD. Curitiba, 2014.
- [13] RUSSO, Renato. **Mais uma vez**. Rio de Janeiro. Emi-Odeon Brasil, 1986.
- [14] SANTOS, Hellen Thaís Dos; GARMS, Gilza Maria Zauhy. **Método autobiográfico e Metodologia de Narrativas: Contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores**. II Congresso Nacional de Formação de Professores, XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores. São Paulo, 2014.
- [15] SANTOS, Leide Rodrigues dos. **MOBRAL: A Representação ideológica do Regime Militar nas entrelinhas da alfabetização de adultos**. Revista Crítica Histórica AnoV,nº10,dezembro/2014.ISSN21779961.<https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/2961/pdf>
- [16] SOUSA, D. F.; SILVA, C. C. **Trabalho e Identidade: reflexão sobre a constituição da identidade docente enquanto elemento de transformação social**. Educitec, Manaus, v. 5, n. 12, p. 89-99, dez. 2019.

- [17] SILVA. Gilson Allefy Chaves da; SALAZAR. Deuzilene Marques. **Formação politécnica: Uma análise dos projetos pedagógicos de curso do Ifam**. Educação Profissional e Tecnológica em Revista, v. 4, nº especial, 2020 – Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.
- [18] SEIXAS, Raul. **Tente outra vez**. São Paulo. Nova Neon, 1975.
- [19] SATER, Almir. **Tocando em frente**. São Paulo. Phillips, 1990.

www.poisson.com.br
contato@poisson.com.br

@editorapoisson



<https://www.facebook.com/editorapoisson>

